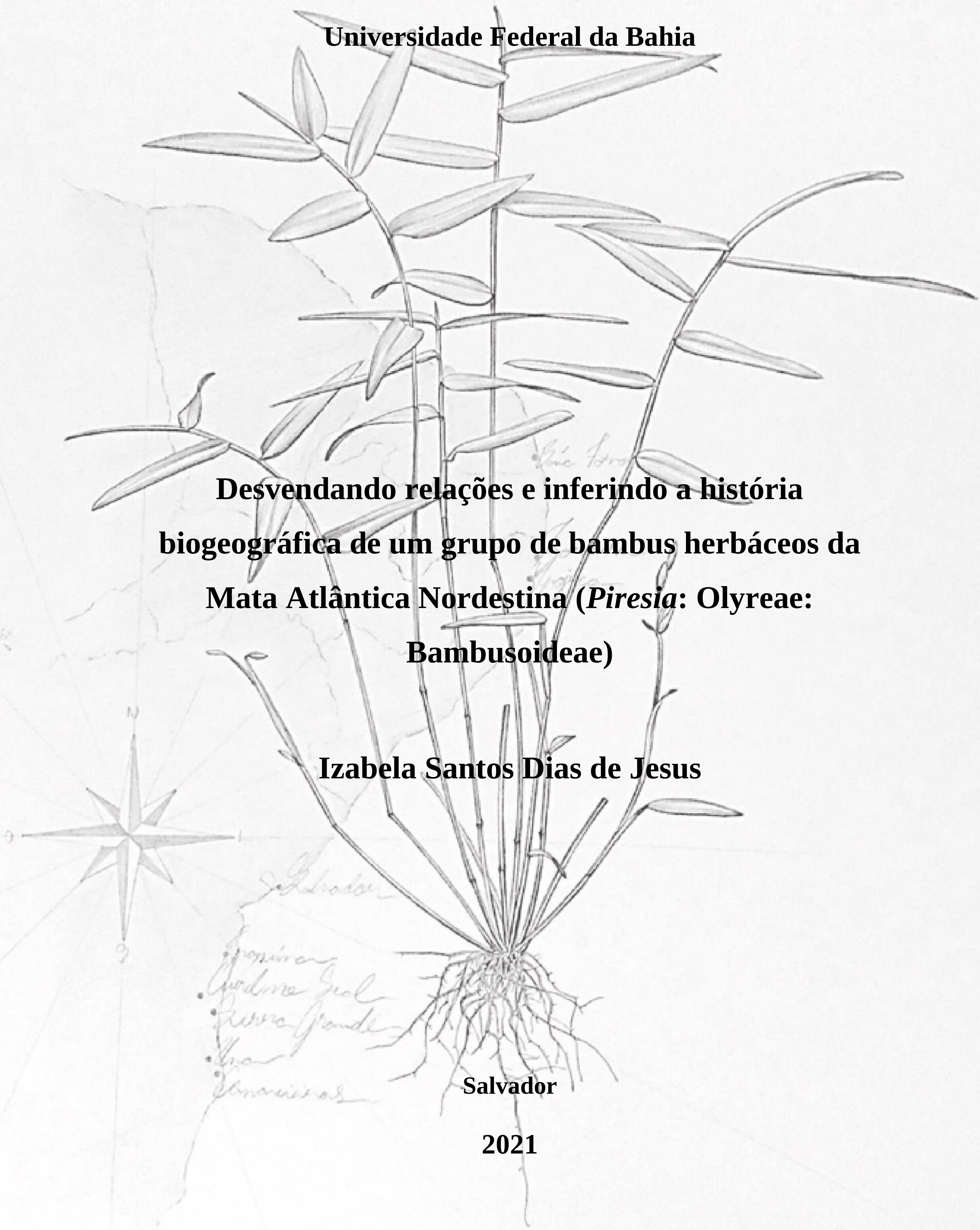


Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Evolução

Universidade Federal da Bahia

Desvendando relações e inferindo a história biogeográfica de um grupo de bambus herbáceos da Mata Atlântica Nordestina (*Piresia*: Olyreae: Bambusoideae)

Izabela Santos Dias de Jesus

Salvador

2021

Izabela Santos Dias de Jesus

Desvendando relações e inferindo a história biogeográfica de um grupo de bambus herbáceos da Mata Atlântica Nordestina (*Piresia*: Olyreae: Bambusoideae)

Dissertação apresentada ao Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia para obtenção do Título de Mestre em Biodiversidade e Evolução pelo Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Evolução.

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Selbach Schnadelbach

Coorientadora: Profa. Dra. Maria Luiza Silveira de Carvalho

Salvador

2021

Comissão julgadora

Desvendando relações e inferindo a história biogeográfica de um grupo de bambus herbáceos da Mata Atlântica Nordestina (*Piresia*: Olyreae: Bambusoideae)

Izabela Santos Dias de Jesus

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Selbach Schnadelbach

Coorientadora: Profa. Dra. Maria Luiza Silveira de Carvalho

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Evolução da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre na área de Biodiversidade e Evolução.

Aprovada por: Em: 28 de maio de 2021.

Lynn G. Clark

Prof(a). Dr(a).: Lynn G. Clark

Prof(a). Dr(a).:Reyjane Patricia de Oliveira

Prof(a). Dr(a).: Maria Luiza Silveira de Carvalho

Agradecimentos

À Universidade Federal da Bahia e ao Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Evolução por toda a infraestrutura oferecida para o desenvolvimento desse trabalho;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de mestrado - código de financiamento (001) - e pelo Programa de Apoio à Pós-Graduação (PROAP), que possibilitaram apoio a este trabalho e minha permanência exclusiva na Universidade para a realização do trabalho;

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) pelo auxílio financeiro a este trabalho através do projeto PNE0020/2011;

À Dra. Alessandra Selbach Schanelbach por ter aceitado me orientar durante esse trabalho e pela confiança, em mim depositada;

À Dra. Maria Luiza Silveira de Carvalho (Tutti) por ter acreditado em mim desde o início da minha trajetória acadêmica, por ter me apresentado os bambus herbáceos e por ter aceitado embarcar nas minhas ideias, por vezes, mirabolantes;

Aos laboratórios de Genética e Evolução Vegetal (LAGEV) e de Cultura de Tecidos Vegetais (LCTV) e à Plataforma de Sequenciamento do Instituto Gonçalo Muniz da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz-BA) que possibilitaram a obtenção das sequências de DNA utilizadas neste trabalho;

Ao laboratório de Evolução e Biogeografia (LEBI) e seu coordenador, Prof. Dr. Henrique Batalha Filho, e ao Centro Tecnológico Agropecuário do Estado da Bahia (CETAB) e seu técnico Epaminondas do Patrocínio, pelo suporte laboratorial disponibilizado a esse trabalho;

À Dra. Silvia Britto Barreto pelo acolhimento e auxílio nas análises e na construção dessa dissertação;

Aos Drs. Silvio Nihei, André Luiz Carvalho e Fabio Laurindo da Silva pelos ensinamentos sobre biogeografia histórica;

Ao Rafael Pereira por todas as ajudas oferecidas durante esse período, tanto na confecção dos mapas quanto nos momentos em que o desespero “batia à porta” e ao Bruno Cajado, um amigo que o mestrado me deu, por todas as conversas e todo o suporte emocional que foram fundamentais para seguir em frente. Também sou imensamente grata ao Gustavo

Surlo Nascimento e à Izabela Leonardo Ruas, por serem muito mais do que amigos, por todas as risadas, conversas e toda ajuda disponibilizada durante esse período que não sei se um dia será possível retribuir e aos membros do LAGEV e LCTV pela convivência diária, pela escuta nos momentos de desespero e por toda ajuda oferecida durante todo esse percurso;

Aos meus pais e toda a minha família, que me ensinaram tudo que sei e tudo que sou hoje, por sempre terem acreditado em mim e nas minhas escolhas;

Ao Flávio Henrique, que foi muito mais que um companheiro nessa etapa, por ter sido um porto seguro onde podia me apoiar em todos os momentos;

E, por fim, a Deus e à Nossa Senhora, por me permitirem e me darem forças para trilhar mais um caminho e alcançar mais um objetivo.

Índice de figuras e tabelas

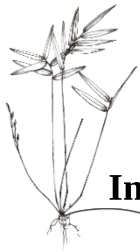
Introdução geral

Capítulo único

Índice

Apêndices

Anexos



Introdução Geral

1. Inconguências topológicas, suas causas e consequências.

O advento das técnicas utilizando dados de DNA no final da década de 70 propiciou um grande avanço nos estudos filogenéticos de diversos grupos de organismos (BRUNS; WHITE; TAYLOR, 1991; GOODMAN et al., 1998; WENDEL; DOYLE, 1998; SOLTIS; SOLTIS, 2000). No caso das plantas, cuja sistemática tinha por base o uso de dados morfológicos, a mudança ocorreu a partir da década de 90, com o aumento dos estudos envolvendo dados moleculares (BALDWIN et al., 1995; SOLTIS et al., 1997; APG, 1998).

Estudos filogenéticos em plantas têm, de maneira geral, se fundamentado na ampla utilização de dados do DNA plastidial, devido às suas características peculiares, como herança uniparental (na grande maioria dos grupos), baixas taxas de recombinação e taxas de evolução mais altas, quando comparadas com o DNA mitocondrial (OLMSTEAD; PALMER, 1994; JANSEN et al., 2005; SHAW et al., 2005). Dessa forma, é comum o uso dos dados do genoma plastidial como uma única região (TU et al., 2008; TRÖNDLE et al., 2010; LU et al., 2012; LIU et al., 2013; DONG et al., 2017; ATAEI et al., 2020). A prerrogativa de evolução do genoma plastidial como uma única unidade, no entanto, tem sido debatida nos últimos anos, porque diferentes estudos têm sugerido que determinados genes plastidiais podem não estar ligados, experienciando assim, diferentes forças evolutivas, como eventos de recombinação, bem como pressões seletivas e taxas de evolução variáveis (WOLFE; RANDLE, 2004; JANSEN; RUHLMAN, 2012; RUHLMAN et al., 2017; GONÇALVES et al., 2019). Marcadores nucleares, por sua vez, apresentam herança biparental, altas taxas de recombinação e taxas mais altas de evolução quando comparadas ao DNA plastidial, mas que diferem grandemente ao longo do genoma (WENDEL; SCHNABEL; SEELANAN, 1995; WENDEL; DOYLE, 1998; ZHANG; HEWITT, 2003).

Fatores como recombinação, diferentes taxas evolutivas e as diferentes forças evolutivas que os diferentes genomas experenciam podem, então, gerar reconstruções filogenéticas incongruentes entre si, ou diferentes árvores gênicas (WENDEL; DOYLE, 1998; WOLFE; RANDLE, 2004; GONÇALVES et al., 2019). Essas incongruências podem estar associadas a diferentes processos, tanto de natureza metodológica, como insuficiência de dados, atribuição incorreta dos modelos evolutivos ou erro na busca da árvore adequada

(JEFFROY et al., 2006), quanto por processos inerentes à biologia dos organismos, como seleção incompleta de linhagem (ILS), seleção natural, duplicação ou perda gênica, transferência horizontal de genes, hibridização e introgressão, esses dois últimos comumente encontrados em plantas (DEGNAN; ROSENBERG, 2006, 2009; CASTOE et al., 2009; KHALILI et al., 2020) (Figura 1).

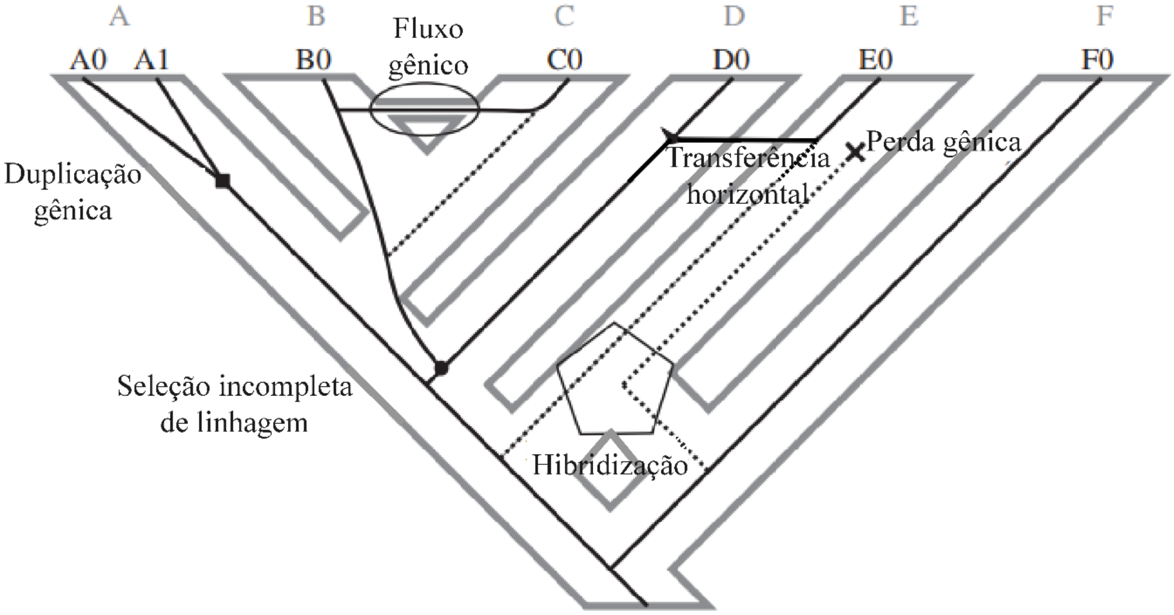


Figura 1. Processos evolutivos responsáveis por incongruências topológicas entre árvores de genes e de espécies. A topologia em cinza, ao fundo, representa a árvore de espécies e, em preto, a árvore gênica. As letras A, B, C, D, E e F correspondem às espécies, enquanto A0, A1, B0, C0, D0, E0 e F0 representam os indivíduos. Os processos evolutivos na história dessas espécies são indicados por nomes e símbolos: duplicação gênica (quadrado); perda gênica (cruz); transferência horizontal (seta); seleção incompleta de linhagem (círculo); hibridação (pentágono); e fluxo gênico (eclipse). As linhas tracejadas indicam linhagens extintas que não alcaçaram o presente devido à perda gênica. Figura retirada e adaptada de Mallo & Posada (2016).

Fatores relacionados aos processos metodológicos como o uso de dados incompletos, atribuição incorreta de modelos evolutivos e erro na busca das árvores mais adequadas podem incorrer em incongruências topológicas principalmente devido à presença de sinais não filogenéticos (JEFROY et al., 2006). Isso porque esses erros sistemáticos deixam de levar em conta fatores importantes na evolução das regiões analisadas, como heterogeneidade na composição dos nucleotídeos e variação nas taxas evolutivas tanto entre linhagens quanto dentro de um mesmo genoma (PHILLIPS; DELSUC; PENNY, 2004;

JEFROY et al., 2006). Desse modo, sinais filogenéticos verdadeiros são perdidos, levando a reconstruções filogenéticas inconsistentes, mas que podem apresentar altos valores de suporte (PHILLIPS; DELSUC; PENNY, 2004; JEFROY et al., 2006).

Já com relação aos processos relacionados à biologia dos organismos, podemos destacar o papel da ILS, por exemplo, que representa a retenção de linhagens gênicas na árvore de espécies devido à coalescência (evento estocástico em que uma amostra de genes atuais encontra o ancestral comum mais recente) (DEGNAN; ROSENBERG, 2009). A ILS é comumente observada em grupos que coalesceram recentemente (DEGNAN; ROSENBERG, 2009), pois esses grupos podem sofrer vários eventos de especiação em um curto período no tempo e, assim, a árvore de espécies pode apresentar ramos mais curtos (DEGNAN; ROSENBERG, 2009; RASMUSSEN; KELLIS, 2012). Dessa forma, várias linhagens de genes presentes nas populações podem ficar retidas em ramos mais profundos dessa árvore, levando à ocorrência de eventos coalescentes entre linhagens que não são as mais intimamente relacionadas (DEGNAN; ROSENBERG, 2009; RASMUSSEN; KELLIS, 2012). Assim, as árvores gênicas acabam sendo discordantes entre si e a topologia inferida pode estimar relações que não recuperam o monofiletismo das linhagens (AVISE, 2000; DEGNAN; ROSENBERG, 2009).

As duplicações ou perdas gênicas podem levar a incongruências topológicas devido à quebra de uma premissa básica das análises filogenéticas baseadas em dados moleculares, que é o uso de genes ortólogos (ou seja, que possuem uma origem comum por especiação) (GABALDÓN, 2008; KRISTENSEN et al., 2011; RASMUSSEM; KELLIS, 2012). Quando eventos de duplicação ou perda de genes ocorrem ao longo do genoma e esses eventos não são detectados, os genes utilizados nas análises filogenéticas podem se referir a cópias parálogas (que possuem uma origem por duplicação) e assim a árvore de espécies pode não refletir os reais eventos de especiação que ocorreram ao longo do tempo (GABALDÓN, 2008; KRISTENSEN et al., 2011; RASMUSSEM; KELLIS, 2012). A transferência horizontal de genes, por sua vez, pode ocorrer por meio de eventos de transformação, conjugação e trandução (SYVANEN, 1985; GALLARDO, 2017), sendo um fenômeno comumente associado a procariotos, mas podendo ocorrer de forma mais rara em organismos eucariotos (SYVANEN, 1985; GALLARDO, 2017; XIA et al., 2021). Esse fenômeno pode gerar incongruências topológicas por não ser representado por uma árvore de espécies estritamente bifucarda, ou seja, envolve uma história complexa de reticulação entre as espécies (RIESEBERG; SOLTIS, 1991; GE; WANG; KIM, 2005; GALLARDO, 2017).

Eventos de hibridação e introgressão, comumente regastadas através de análises do genoma nuclear, também podem contribuir para inferências errôneas sobre as relações entre as espécies, principalmente em plantas, nas quais esses eventos são comumente observados (ZHANG; HEWITT, 2003; SUN et al., 2015; MALLET; BESANSKY; HAHN, 2016). A ocorrência desses eventos confude os limites entre as espécies, especialmente naquelas intimamente relacionadas, onde as taxas de hibridação e introgressão podem ser maiores do que em espécies geneticamente distantes (MALLET, 2007; MALLET; BESANSKY; HAHN, 2016; PANAHI et al., 2018). Outra causa de incongruências filogenéticas pode advir de uma evolução convergente não neutra entre diferentes linhagens filogenéticas (ZHANG; KUMAR, 1997; CASTOE et al., 2008, 2009). Diferentes *loci* podem sofrer pressões seletivas similares e, dessa forma, evoluírem por convergência (ZHANG; KUMAR, 1997; CASTOE et al., 2008, 2009). O uso dessas regiões nas análises se torna problemático porque pode agrupar linhagens que não estão intimamente relacionadas e a árvore gênica pode, dessa forma, não coincidir com a árvore de espécies (CASTOE et al., 2009). Uma pressão de seleção diferencial em um mesmo genoma também pode gerar incongruências entre as árvores gênicas e, consequentemente, na árvore de espécies, pois ao longo do genoma os diferentes genes podem experienciar diferentes pressões de seleção, podendo evoluir sob uma seleção neutra ou sob uma seleção positiva ou negativa (GONÇALVES et al., 2019). Isso é particularmente problemático quando as regiões utilizadas são tidas como evoluindo em uma única unidade (GONÇALVES et al., 2019).

Ainda que diferentes processos possam atuar em diferentes loci, muitos estudos filogenéticos ainda têm se baseado no sequenciamento e concatenação de diferentes genes e na inferência da topologia mais comum como a árvore de espécies (DEGNAN; ROSENBERG, 2006, 2009; STIERANDOVÁ et al., 2016; CARVALHO-SOBRINHO et al., 2016; GÓNZALEZ et al., 2016; LI et al., 2016; LIAN et al., 2019; QIU et al., 2020). Essa prerrogativa pode fazer com que as inferências sejam estatisticamente inconsistentes, principalmente em grupos que apresentam uma história evolutiva recente e com processos biológicos complexos, como os eventos de reticulação mencionados acima (DEGNAN; ROSENBERG, 2006).

Além disso, a suposição de que a topologia mais comum é a mais provável para estimar as relações entre as espécies pode ser enganadora (FELSENSTEIN, 1978). Ao assumir que as regiões concatenadas evoluíram igualmente, ignora-se as diferentes pressões e/ou taxas evolutivas dos diferentes *loci*, o que pode resultar em uma árvore de espécies imprecisa, embora com altos valores de suporte (MOSSEL; VIGODA, 2005; EDWARDS; LIU; PEARL, 2007; KUBATKO; DEGNAN, 2007; DEGNAN; ROSENBERG, 2009). Degnan & Rosenberg (2006), por exemplo, discutem sobre as “árvores gênicas anômalas” (AGTs), que correspondem às topologias gênicas obtidas com mais frequência do que aquela que representaria a árvore de espécies. As AGTs são mais frequentes em grupos que especiaram rapidamente, a partir de eventos de coalescência recente (DEGNAN; ROSENBERG, 2006) e, por esse motivo, a inferência filogenética a partir de dados concatenados, principalmente em grupos com essas características, pode resultar em uma estimativa incorreta das relações entre as espécies (SOLTIS; KUZOFF, 1995; DEGNAN; ROSENBERG, 2006, 2009).

Nesse sentido, alguns métodos vêm sendo desenvolvidos para contornar esses processos de natureza biológica, como ILS, transferência e duplicação gênica, hibridação, introgressão e seleção diferencial. Um deles se baseia na quantificação da incongruência filogenética em quartetos (STRIMMER; VON HAESELER, 1997; STRIMMER; GOLDMAN; VON HAESELER, 1997; CHIFMAN; KUBATKO, 2014; MIRARAB; WARNOW, 2015; PEASE et al., 2018; ZHOU et al., 2020). Os quartetos se referem à unidade de informação mais básica em uma árvore filogenética, não enraizada, formada por conjuntos de quatro táxons (STRIMMER; GOLDMAN; VON HAESELER, 1997; STRIMMER; VON HAESELER, 1997; CHIFMAN; KUBATKO, 2014; MIRARAB; WARNOW, 2015). Os métodos baseados em quartetos propiciam uma maior consistência estatística das topologias obtidas devido à possibilidade de decomposição das árvores de referência em conjuntos de quartetos que podem ser comparados entre si (DEGNAN; SALTER, 2005; ZHOU et al., 2020), ao invés de bipartição, que se baseia na remoção de um ramo em uma filogenia e na separação dos táxons em dois subconjuntos disjuntos, e que são os mais comuns (RANWEZ; GASCUEL, 2001).

Um desses métodos consiste no *Accurate Species TRee ALgorithm* (ASTRAL-II), através do qual a árvore de espécies é estimada a partir da decomposição de quartetos induzidos de árvores gênicas não enraizadas, utilizando o modelo coalescente multiespécies (MIRARAB et al., 2014; MIRARAB; WARNOW, 2015). Quando comparado a outros métodos baseados em coalescência, como MP-EST e BUCKy-pop, o ASTRAL-II apresenta maior precisão na estimativa das árvores de espécies em condições em que há taxas baixas de erros nas estimativas das árvores gênicas e em árvores que apresentam taxas moderadas a altas de ILS (MIRARAB et al., 2014; MIRARAB; WARNOW, 2015). Além do ASTRAL-II, outro método baseado em quartetos é o SVDquartets, que, diferentemente, utiliza uma análise coalescente completa através da amostragem dos alinhamentos de nucleotídeos, ao invés de árvores gênicas (CHIFMAN; KUBATKO, 2014). Através de estatísticas algébricas e decomposição de valor singular, o SVDquartets permite o cálculo das melhores pontuações das topologias obtidas a partir dos quartetos (CHIFMAN; KUBATKO, 2014). Esse método tem apresentado estimativas mais precisas quando há menores taxas de ILS, quando comparado ao ASTRAL-II, mas que tendem a uma menor precisão quando as taxas de ILS são mais altas (acima de 85%) (CHOU et al., 2015).

2. Incongruências topológicas, história intricada de áreas e suas relações com o estabelecimento de padrões biogeográficos complexos: Mata Atlântica como exemplo

Incongruências topológicas decorridas da seleção incompleta de linhagem, seleção natural, duplicação gênica, transferência horizontal de genes, hibridação e introgressão, além de dificultarem o entendimento das relações filogenéticas entre os grupos, são fontes de incerteza para outros tipos de estudos, que têm como base as filogenias, como é o caso daqueles envolvendo biogeografia (ZHANG, FEILD; ANTONELLI, 2015), onde os efeitos das incongruências, são raramente considerados. O uso de topologias incertas, no entanto, pode ter como consequência a proposição de cenários biogeográficos enviesados, decorrentes da incerteza das próprias relações entre os táxons (BUERKI et al., 2011; ZHANG, FEILD; ANTONELLI, 2015). Esse cenário gera incertezas na própria reconstrução da história biogeográfica e nas estimativas de tempo de divergência, que podem variar a depender do conjunto de dados utilizado, influenciando assim os intervalos dos nós ancestrais e sua distribuição geográfica (NYLANDER et al., 2008; BUERKI et al., 2011; ZHANG, FEILD; ANTONELLI, 2015), como exemplificado na Figura 2 (abaixo).

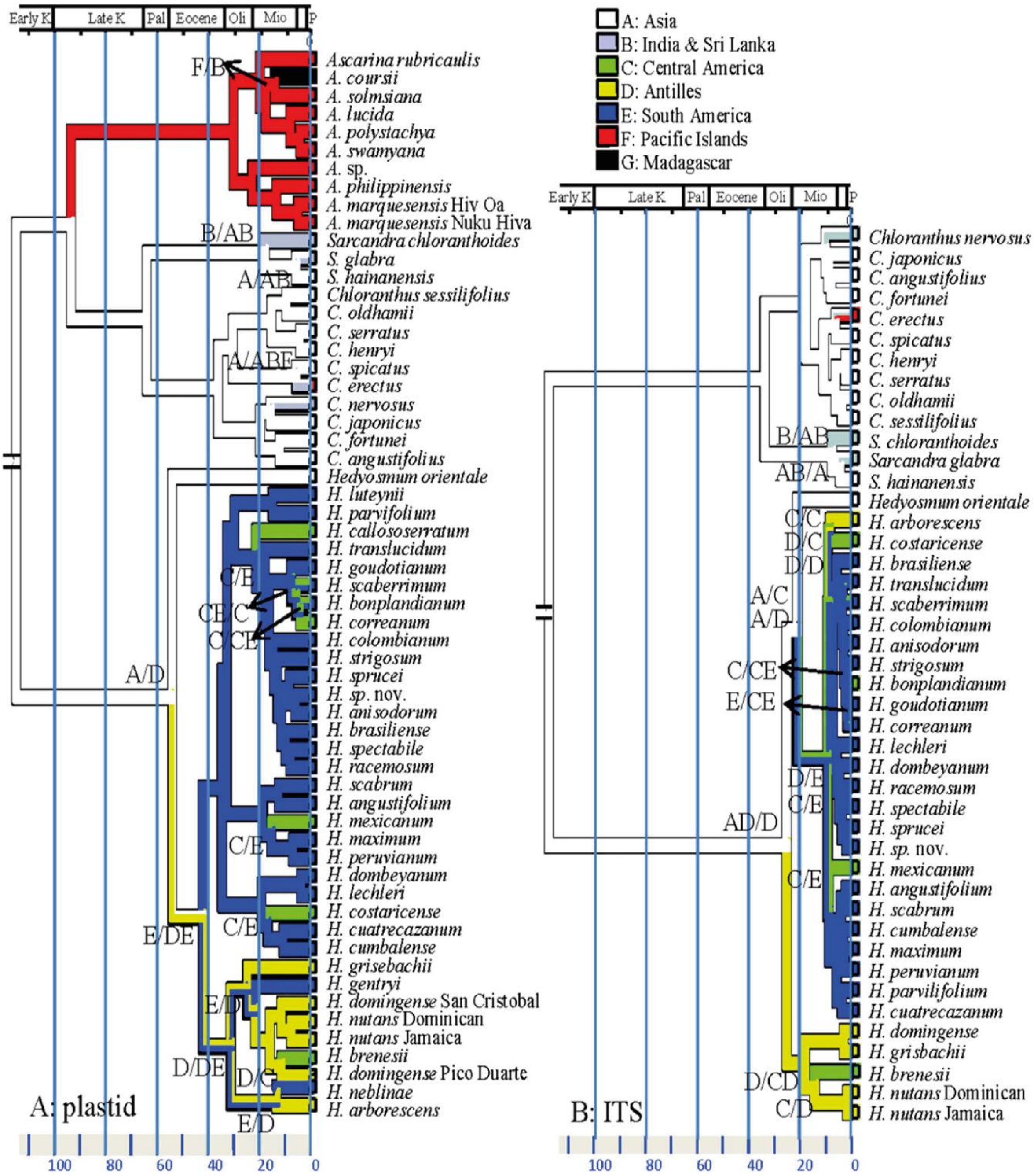


Figura 2. Mudanças nas estimativas das áreas ancestrais e dos tempos de divergência em Chloranthaceae com base nas árvores de plastídios (A) e núcleo (B). A reconstrução da área ancestral foi gerada pelo método Fich MP no programa Mesquite e foi inferida a partir do modelo de verossimilhança DEC no Lagrange. As cores e as letras representam as áreas. A, branco, Ásia; B, azul claro, Índia e Sri Lanka; C, verde, América Central; D, amarelo, Antilhas; E, azul escuro, América do Sul; F, vermelho, Ilhas do Pacífico; G, preto, Madagascar. As siglas na escala superior indicam os períodos. K inicial, Cretáceo inicial; K tardio, fim do Cretáceo; Pal, Paleoceno; Oli, Oligoceno; Mio, Mioceno; P, Pleistoceno. As escalas na parte inferior indicam o tempo em milhões de anos atrás. Figura retirada de Zhang, Feild & Antonelli (2015).

Alguns estudos discutem o uso de topologias incertas em abordagens biogeográficas. Zhang, Feild & Antonelli (2015), por exemplo, retratam como o conflito filogenético entre diferentes genomas (plastidial *versus* nuclear) pode influenciar as estimativas de tempo e de distribuição ancestral, gerando diferentes cenários para explicar a origem e diversificação do gênero *Hedyosmum* Sw. de plantas. Já Kramina e colaboradores (2016) e Scheunert & Heubl (2017) exemplificam como conflitos topológicos podem influenciar a calibração do relógio molecular em estimativas de tempo de divergência e inferência de distribuições ancestrais em *Lotus* L. e *Scrophularia* L., respectivamente, em decorrência do uso de marcadores moleculares altamente polimórficos e influenciados por eventos de reticulação, como hibridação, introgressão, transferência horizontal de genes e seleção incompleta de linhagem. Esses e outros exemplos refletem a importância do uso de inferências filogenéticas acuradas para a elaboração de estudos biogeográficos.

Além da problemática acima descrita, outro fator fundamental e que pode dificultar a reconstrução da história biogeográfica de um grupo é a própria história complexa das áreas que os organismos ocupam (CRACRAFT, 1988), como, por exemplo, a região Neotropical. Esta se estende desde o México até o sul da América do Sul e compreende diversos biomas e fitofisionomias, que vão desde zonas áridas até extensas florestas tropicais, sendo assim, uma das regiões mais diversas do planeta (ANTONELLI; SANMARTÍN, 2011; MORRONE, 2014).

A grande diversidade de habitats e de espécies abarcada pela região Neotropical é comumente associada a uma complexa interação de fatores bióticos e abióticos (HOORN et al., 2010; ANTONELLI; SANMARTÍN, 2011; RULL, 2011; HUGHES; PENNINGTON; ANTONELLI, 2013), especialmente grandes alterações geomorfológicas que ocorreram na região ao longo do tempo (GENTRY; 1982; ANTONELLI et al., 2009; HOORN et al., 2010; HUGHES; PENNINGTON; ANTONELLI, 2013). Estas alterações, por sua vez, decorrem principalmente de eventos tectônicos que promoveram a elevação de cadeias de montanhas, que resultaram em mudanças na conformação de rios e alterações na paisagem, no clima e na disponibilização de novos habitats (GENTRY; 1982; GREGORY-WODZICKI, 2000; HOORN et al., 2010). Mudanças climáticas também parecem ter influência na promoção de diversidade e endemismo nos Neotrópicos, principalmente aquelas relacionadas às flutuações do Pleistoceno (HAFFER, 1974; FJELDSÅ; LAMBIN; MERTENS, 2006; SOBRAL-SOUZA; LIMA-RIBEIRO; SOLFERINI, 2015), pois hipotetiza-se que as mesmas foram responsáveis por diversos ciclos de expansão e retração de florestas, que promoveram diversos eventos de especiação e radiação de organismos (HAFFER, 1974; HUBERT; RENNO, 2006; BRUMFIELD; EDWARDS, 2007; SOBRAL-SOUZA; LIMA-RIBEIRO; SOLFERINI, 2015).

Um exemplo clássico envolve os biomas da Amazônia (AM) e da Mata Atlântica (MA) (MORLEY, 2000), que estão entre os mais complexos e ricos do mundo (HUBBELL et al., 2008; RIBEIRO et al., 2011). Hipotetiza-se que, durante o Paleógeno, esses dois biomas constituíam uma floresta contínua e intermitente (MORLEY, 2000), mas que mudanças associadas à elevação dos Andes e ao clima ao longo do Neógeno levaram à disjunção dessa grande área florestada pela formação de uma área mais seca que hoje compreende os biomas Caatinga, Cerrado e Chaco (a "Diagonal Seca") (AB'SÁBER, 1977, 2003; COSTA, 2003; HOORN et al., 2010). Alguns estudos, no entanto, mostraram que, após essa separação, houve momentos menos pronunciados de isolamento entre esses dois biomas, principalmente durante o Plioceno e Pleistoceno, hipótese esta baseada em dados palinológicos, geológicos e filogeográficos, que demonstram a similaridade entre algumas regiões da AM e MA (POR, 1992; OLIVEIRA; BARRETO; SUGUIO, 1999; AULER; SMART, 2001; COSTA, 2003; AULER et al., 2004; PELLEGRINO et al., 2011).

Algumas rotas que parecem ter possibilitado o intercâmbio de espécies foram propostas por diferentes autores (BATALHA-FILHO et al., 2013; SOBRAL-SOUZA et al., 2015). Batalha-Filho e colaboradores (2013), por exemplo, propuseram duas rotas entre esses dois biomas a partir de sequências de DNA e dados de distribuição geográfica de aves suboscines. Segundo esses autores, uma primeira rota teria se estabelecido durante o final do Mioceno médio entre o sul do Cerrado no Mato Grosso e a região de transição entre o Chaco e as savanas de palmeiras da Bolívia e Paraguai, enquanto a segunda teria sido mais recente (entre o Plioceno e Pleistoceno), entre o nordeste do Brasil entre os biomas da Caatinga e Cerrado (BATALHA-FILHO et al., 2013). Sobral-Souza e colaboradores (2015), por sua vez, propuseram três possíveis rotas de conexão, utilizando modelagem de nicho ecológico: uma rota pela costa norte do Brasil, ligando a porção ocidental da AM e o norte da MA; uma rota central entre a porção ocidental da AM e a porção sul da MA; e outra rota conectando e limite sul da porção oriental da AM e o sul da MA.

Particularmente com relação a esse último bioma (MA), as alterações climáticas, principalmente do Pleistoceno, parecem ter provocado uma série de mudanças na conformação de áreas florestadas, tendo assim influência direta tanto sobre a história evolutiva, quanto sobre o padrão de distribuição dos organismos, provavelmente levando a um aumento nas taxas de diversificação das espécies (WHITMORE; PRANCE, 1987; CARNAVAL; MORTIZ, 2008; CABANNE et al., 2013; PORTO; CARNAVAL; DA ROCHA, 2013). Uma das hipóteses que explica essas mudanças é a “Teoria dos Refúgios Florestais”, que prediz que, durante os períodos glaciais, as florestas fragmentavam-se e ficavam isoladas por áreas de vegetação aberta, reconectando-se posteriormente durante os períodos interglaciais (HAFFER, 1969; VANZOLINI; WILLIAMS, 1970; BROWN; AB’SÁBER, 1979). Essa hipótese tem sido apoiada por diferentes estudos, como, por exemplo, o de Carnaval & Moritz (2008), que propõe a existência de duas áreas de refúgio para a MA nas regiões da Bahia e de Pernambuco durante o Pleistoceno, através da modelagem de distribuição ecológica de diferentes espécies.

Essas áreas, no entanto, ainda são objeto de discussão por diferentes autores, não apenas pela proposição de outros refúgios (como na região sudeste do Brasil) (CABANNE et al., 2013; PORTO; CARNAVAL; DA ROCHA, 2013), mas também pela estabilidade populacional de algumas espécies ocorrentes nessas áreas (BATALHA-FILHO; CABANNE; MIYAKI, 2012; THOMÉ et al., 2014). Entretanto, ainda existe concordância sobre a existência de áreas de refúgio, haja visto os registros fósseis de vegetação que indicam uma heterogeneidade no bioma MA durante períodos mais frios, como demonstrado no estudo de Costa e colaboradores (2018).

Além da hipótese de refúgios, outra hipótese provável para a diversidade de espécies da MA em associação às mudanças climáticas do Pleistoceno é a “Hipótese Atlântida”, proposta por Leite e colaboradores (2016). Estes autores mostraram a interação entre mudanças no nível do mar e a distribuição dos organismos ao longo da plataforma continental, sugerindo que, ao invés de retração das populações, algumas espécies podem ter expandido sua distribuição geográfica durante os períodos glaciais devido à exposição da plataforma continental, que permitiu a expansão das áreas florestadas e, consequentemente, dos organismos dependentes desses habitats (LEITE et al., 2016).

Diversos eventos de transgressões e regressões marinhas ao longo da costa brasileira foram documentados para o Terciário e Quaternário, períodos de grandes mudanças climáticas (VILAS BÔAS; SAMPAIO; PEREIRA, 1978; BITTENCOURT et al., 1979; SUGUIO et al., 2005). Esses eventos parecem ter sido a causa de remodelações nessa região, principalmente associada a mudanças na conformação de rios, levando à formação de diversas planícies litorâneas (VILAS BÔAS; SAMPAIO; PEREIRA, 1978; BITTENCOURT et al., 1979; SUGUIO et al., 2005). Todas essas alterações geomorfológicas parecem ter influenciado tanto a origem quanto a diversificação de organismos na região costeira do Brasil, como mostram, por exemplo, os estudos de Ramos-Fregonezi e colaboradores (2015) e Fazolato e colaboradores (2017) envolvendo a planta *Calibrachoa heterophylla* (Sendtn.) Wijsman (Solanaceae) e o lagarto *Tropidurus hygomi* Reinhardt & Luetken, respectivamente.

Apesar dessas hipóteses traçadas, outros estudos em paralelo demostraram que determinados grupos de espécies parecem apresentar histórias evolutivas muito mais complexas e que não se enquadram em um cenário histórico específico (TURCHETTO-ZOLET et al., 2013; LEAL; PALMA DA SILVA; PINHEIRO, 2016). De qualquer forma, é consenso que as mudanças climáticas e geomorfológicas que ocorreram nesses biomas ao longo do tempo tiveram um papel fundamental na evolução de muitos organismos, ajudando a moldar os padrões de distribuição principalmente daqueles que apresentam uma maior dependência de ambientes florestados (D'HORTA et al., 2011; MENEZES et al., 2016; PERES et al., 2019), como, por exemplo, os bambus herbáceos que habitam o subosque dessas florestas (SODERSTROM, 1984; JUDZIEWICZ et al., 1999; CLARK; JUDZIEWICZ, 2007; OLIVEIRA et al., 2014; CLARK; LONDOÑO; RUIZ-SANCHEZ, 2015).

3. *Piresia* Swallen, um bambu de história evolutiva enigmática, como modelo de estudo

Bambus representam um grupo de gramíneas de grande potencial econômico, sendo bastante utilizados na construção civil e na ornamentação, além de serem utilizados, em alguns locais, na alimentação humana e animal e na fabricação de papel (SODERSTROM; CALDERÓN, 1979; JUDZIEWICZ et al., 1999; EMAMVERDIAN et al., 2020). Seus representantes também apresentam grande importância na composição e estruturação de florestas tropicais e subtropicais, principalmente devido aos seus rizomas (caules subterrâneos modificados), que formam sistemas radiculares extensos e complexos e à biomassa de suas partes vegetativas (folhas e colmos) que, em conjunto, protegem o solo contra fortes chuvas, evitando sua erosão, além de fornecerem matéria orgânica (SODERSTROM; CALDERÓN, 1979; CLARK, 1990; JUDZIEWICZ et al., 1999; EMAMVERDIAN et al., 2020). Nesse sentido, alguns de seus representantes parecem possuir um importante papel na sucessão ecológica de ambientes florestados, devido à sua alta especificidade de habitat (CALDERÓN; SODERSTROM, 1980; CLARK, 1990; JUDZIEWICZ et al., 1999). O grupo apresenta ainda ampla distribuição geográfica, estando ausente apenas na Europa e Antártida (CLARK, 1990; JUDZIEWICZ, 1999; VORONTSOVA et al., 2016; SORENG et al., 2017) e a maior parte dos gêneros e espécies ocorre em regiões tropicais e subtropicais, sendo que a América Central e do Norte constituem um dos principais centros de diversidade do grupo (SODERSTROM; CALDERÓN, 1979; CLARK, 1990; JUDZIEWICZ, 1999; FILGUEIRAS; GONÇALVES, 2004; OLIVEIRA et al., 2014; VORONTSOVA et al., 2016; SORENG et al., 2017; CLARK; OLIVEIRA, 2018; RUIZ-SANCHEZ et al., 2021).

Taxonomicamente os bambus estão compreendidos na subfamília Bambusoideae, que atualmente abrange mais de 1680 espécies e aproximadamente 127 gêneros, divididos em três tribos: Arundinarieae, Bambuseae e Olyreae (CLARK, 1990; JUDZIEWICZ et al., 1999; SUNGKAEW et al., 2009; KELCHNER; BPG 2013; CLARK; LONDOÑO; RUIZ-SANCHEZ, 2015; KELLOGG, 2015; VORONTSOVA et al., 2016; SORENG et al., 2017). Arudinarieae e Bambuseae reunem os representantes lenhosos das regiões temperadas e tropicais e subtropicais, respectivamente, caracterizado pelos sistemas complexos de rizomas, colmos altamente lignificados e folhas bemdesenvolvidas, com grande ramificação e com lígulas externas (JUDZIEWICZ et al., 1999; KELCHNER; BPG 2013; CLARK; LONDOÑO; RUIZ -SANCHEZ, 2015; VORONTSOVA et al., 2016; SORENG et al., 2017). Já Olyreae é composta exclusivamente por representantes herbáceos, que se distribuem, quase que exclusivamente, na região Neotropical (exceto por *Olyra latifolia* L., considerada como Pantropical por ocorrer na África, e por *Buergersiochloa bambusoides* Pilg., da Nova Guiné, sendo caracterizada pela presença de colmos fracamente lignificados, folhas pouco diferenciadas, ausência de lígulas externas e uma ramificação vegetativa restrita (CLARK, 1990; JUDZIEWICZ et al., 1999; SUNGKAEW et al., 2009; KELCHNER; BPG 2013; CLARK; LONDOÑO; RUIZ-SANCHEZ, 2015; KELLOGG, 2015; VORONTSOVA et al., 2016; SORENG et al., 2017).

Os membros de Olyreae têm como centro de diversidade e endemismo as florestas neotropicais, ocorrendo comumente em regiões de sub-bosque, podendo ser encontrados também em habitats savânicos e em faces úmidas de penhascos (SODERSTROM, 1984; JUDZIEWICZ et al., 1999; JUDZIEWICZ; CLARK, 2007; KELCHNER; BPG 2013; OLIVEIRA et al., 2014; CLARK; LONDOÑO; RUIZ-SANCHEZ, 2015). As espécies dessa tribo se distribuem em faixas altitudinais que vão desde o nível do mar até ca. 1000m, com alguns grupos ocorrendo até 2200m de altitude (JUDZIEWICZ et al., 1999; JUDZIEWICZ; CLARK, 2007; CLARK; LONDOÑO; RUIZ-SANCHEZ, 2015).

Olyreae é reconhecidamente monofilética e atualmente composta por 24 gêneros e 136 espécies que se distribuem em três subtribos: Buergersiochloinae (que compreende 4 gêneros e 5 espécies), Parianinae (com 3 e 42, respectivamente) e Olyrinae, que compreende a maior parte dos gêneros e espécies (17 e 89, respectivamente), sendo então a maior e mais diversa subtribo e se distinguindo das demais pela ausência de fímbrias no ápice das bainhas das folhas (JUDZIEWICZ et al., 1999; CARVALHO, 2013; KELCHNER; BPG 2013; OLIVEIRA et al., 2014; CLARK; LONDOÑO; RUIZ-SANCHEZ, 2015; CLARK; OLIVEIRA, 2018; FERREIRA et al., 2019; I.L.C. OLIVEIRA et al., 2020; R.P. OLIVEIRA et al., 2020; RUIZ-SANCHEZ et al., 2019; CARVALHO et al., 2020; CARVALHO et al., 2021).

Atualmente são reconhecidas quatro linhagens principais em Olyrinae: uma delas inclui os gêneros *Diandrolyra* Stapf, *Parodiolyra* Soderstr., *Raddiella* Swallen e *Taquara* I.L.C.Oliveira & R.P.Oliveira; a segunda linhagem é formada pelos gêneros *Brasiolochloa* R.P.Oliveira & L.G.Clark, *Raddia* Bertol. e *Sucrea* Soderstr., relacionada a uma terceira linhagem composta pelos gêneros *Olyra* L., *Cryptochloa* Swallen, *Lithachne* P. Beauv. e *Arberella* C.E. Calderón & Soderstr.; e, por fim, uma quarta linhagem composta pelo gênero *Piresia* Swallen e pelo gênero monotípico *Reitzia* Swallen (OLIVEIRA et al. 2014; RUIZ-SANCHEZ et al., 2019; I.L.C. OLIVEIRA et al., 2020; R.P. OLIVEIRA et al., 2020; CARVALHO et al., 2020; CARVALHO et al., 2021). Entretanto, a diversidade e as relações dentro dessas linhagens ainda constituem objeto de investigação, tendo em vista a grande complexidade morfológica e evolutiva encontrada, que dificulta a delimitação dos táxons (sejam espécies ou até mesmo gêneros) e a compreensão das suas relações de parentesco, além do fato de alguns gêneros ainda estarem ausentes nas análises realizadas até o presente momento (OLIVEIRA et al., 2014; RUIZ-SANCHEZ et al., 2019; I.L.C. OLIVEIRA et al., 2020; R.P. OLIVEIRA et al., 2020; CARVALHO et al., 2020; CARVALHO et al., 2021).

Piresia se diferencia dos demais gêneros de Olyrinae pela presença de dois tipos de colmos, os folhosos, mais numerosos e que possuem muitas folhas em direção ao ápice, e os decumbentes, que apresentam folhas reduzidas e crescem escondidos sob a serrapilheira (SWALLEN, 1964; SODERSTROM, 1982; JUDZIEWICZ et al., 1999; CARVALHO et al., 2012, 2020). Esse gênero apresenta uma peculiar distribuição geográfica envolvendo uma disjunção, não coespecífica, entre as florestas secas e úmidas dos biomas da AM e da MA do Nordeste brasileiro (SWALLEN, 1964; SODERSTROM; CALDERÓN, 1974; JUDZIEWICZ et al., 1999; CARVALHO et al., 2012; CARVALHO, 2013), que refletem duas de suas linhagens evolutivas (CARVALHO et al., 2021) (vide Figura 3A-B). A história evolutiva e a taxonomia de *Piresia* foi bastante negligenciada durante muito tempo, sendo o grupo inconspicuamente representado nas filogenias de Olyreae (SUNGKAEW et al., 2009; OLIVEIRA et al., 2014; RUIZ-SANCHEZ et al., 2019; I.L.C. OLIVEIRA et al., 2020). Recentemente, no entanto, as relações dessas linhagens começaram a ser entendidas (CARVALHO, 2013; CARVALHO et al., 2021). No trabalho realizado por Carvalho e colaboradores (por exemplo), foram encontradas duas linhagens para *Piresia*, uma delas compostas exclusivamente por representantes da Amazônia e uma segunda composta por representantes da Mata Atlântica + *Reitzia* (Figura 3B). As relações internas entre as linhagens, no entanto, ainda pareçam duvidosas pela baixa resolução interna e presença de politomias, que dificultam não apenas o entendimento das relações, mas também a delimitação de possíveis novas espécies (Figura 3B) (CARVALHO et al., 2021).

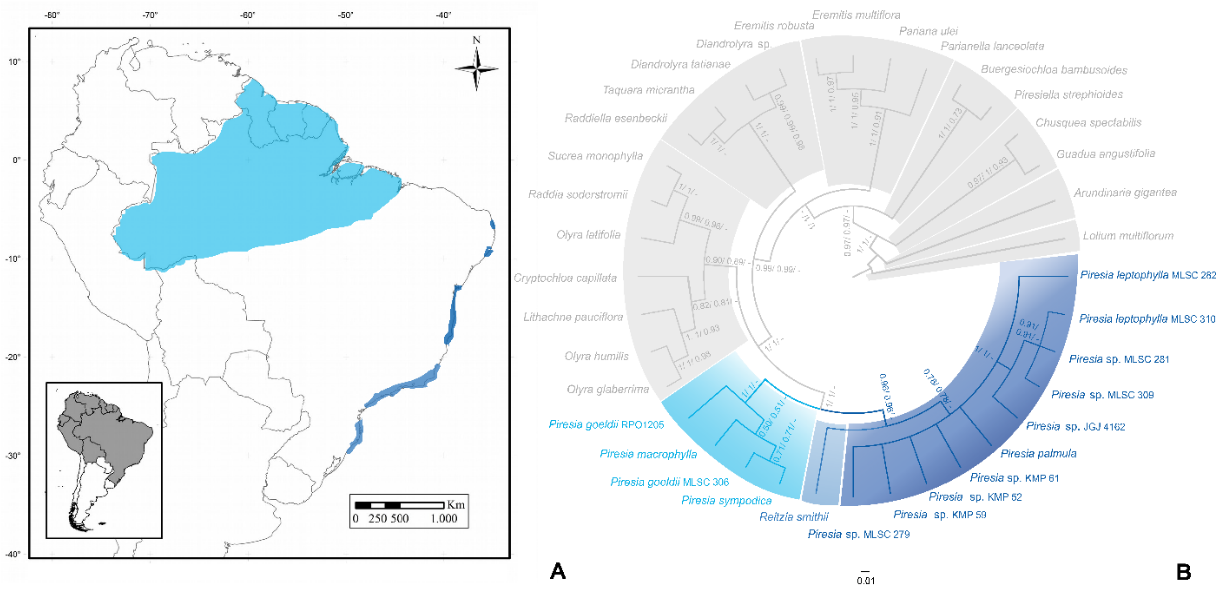


Figura 3. Distribuição geográfica e inferência filogenética para o clado *Piresia* (+ *Reitzia*). A. Mapa de distribuição das espécies de *Piresia* e *Reitzia* na Amazônia e Mata Atlântica do Nordeste do Brasil. B. Inferência Bayesiana para Olyreae com enfoque em *Piresia* utilizando marcadores plastidiais (*trnD-trnT*, *psbA-trnH*, *rpL32-trnL* e *trnS-trnG*) e mutações do tipo inserção e deleção (*indels*). As cores representam as respectivas distribuições geográficas dos clados: azul claro – espécies de *Piresia* da Amazônia; azul escuro -

espécies de *Piresia* da Mata Atlântica; e azul intermediário – *Reitzia smithii* Swallen da Mata Atlântica. Figura retirada e adaptada de Carvalho e colaboradores (2021).

Atualmente são reconhecidas seis espécies para o gênero: *P. goeldii* Swallen, *P. sympodica* (Döll) Swallen, *P. macrophylla* Soderstr., *P. leptophylla* Soderstr., *P. palmula* M.L.S.Carvalho & R.P.Oliveira e *P. tenella* M.L.S.Carvalho & R.P.Oliveira (SWALLEN, 1964; SODERSTROM, 1982; CARVALHO et al., 2012, 2020) (Figura 4). Entretanto, evidências anatômicas, macromorfológicas, genéticas e ecológicas indicam que esse número pode estar subestimado (CARVALHO et al., 2012; CARVALHO, 2013; BEZERRA, 2017; JESUS, 2017; CARVALHO et al., 2020, 2021; CARVALHO et al. in prep.). Essa subestimativa pode estar relacionada a uma história evolutiva bastante intrincada envolvendo processos complexos de especiação, associados a eventos de hibridação, poliploidização e especiação simpátrica, que se refletem tanto na existência de linhagens parafiléticas (como possivelmente ocorre em *P. goeldii* e *P. leptophylla* (CARVALHO et al., 2021)), e espécies crípticas (*P. tenella* (CARVALHO et al., 2020)), quanto em uma inconspícua variação morfológica e baixa diferenciação genética entre os representantes ainda não descritos, o que dificulta a delimitação taxonômica e a compreensão das relações filogenéticas no grupo (CARVALHO et al., 2012, 2020; CARVALHO, 2013; OLIVEIRA et al., 2014; CARVALHO et al., 2021) (Figura 4).

Figura 4. Hábito dos representantes de *Piresia*. A. *P. goeldii*; B. *P. sympodica*; C. *P. leptophylla*; D. *P. palmula*; E. *P. tenella*; F. *Piresia* sp. KMP61; G. *Piresia* sp. MLSC322; H. *Piresia* sp. MLSC279; I. *Piresia* sp. MLSC281. Imagens A, B, D, F, G, H e I retirada e adaptada de Carvalho (2013), E retirada e adaptada de Carvalho e colaboradores (2020) e C cedida por Pinho, C.S.

A obtenção de estimativas do real número de espécies e das suas relações filogenéticas é particularmente problemática dentro do clado que abriga as espécies da Mata Atlântica. De acordo com o trabalho de Carvalho e colaboradores (2021), este clado apresenta relações fracamente resolvidas, além da presença de politomias entre seus representantes, que apresentam, como dito acima, baixa variação morfológica e molecular (CARVALHO et al., 2021) (Figuras 3B; 4). Além disso, foi recuperado o parafiletismo de uma espécie taxonomicamente reconhecida, *P. leptophylla* (CARVALHO et al., 2021) (FIGURA 3B). Essa espécie caracteriza-se por populações extensas com mais de mil indivíduos que formam grandes touceiras; seus indivíduos apresentam muitos colmos delgados e flexíveis, folhas estreitas e inflorescências longas dispostas tanto nos colmos aéreos quanto nos decumbentes (SODERSTROM, 1982; JUDZEWICZ et al., 1999; CARVALHO, 2013; CARVALHO et al., 2020). A mesma apresenta uma ampla distribuição geográfica pelas restingas da Mata Atlântica do nordeste brasileiro, que se estende desde o Rio Grande do Norte até o sul da Bahia, sendo a espécie com maior amplitude de distribuição desse bioma (SODERSTROM, 1982; JUDZIEWICZ et al., 1999; CARVALHO, 2013; CARVALHO et al., 2020). No estudo de Carvalho e colaboradores (2021), no entanto, foram utilizados acessos de apenas duas populações da espécie, o que pode dificultar o estabelecimento das suas relações filogenéticas. Nesse sentido, se faz real a necessidade de estudos focados na problemática desse clado da Mata Atlântica, principalmente no que se refere às relações de *P. leptophylla* entre os demais representantes do bioma.

Da mesma forma, a compreensão da história biogeográfica de *Piresia* é igualmente pouco compreendida e pouco tem sido feito para se entender quais processos podem ter influenciado o padrão de distribuição disjunto observado para o grupo e que se reflete diretamente na história de suas linhagens (CARVALHO et al., 2021). Soderstrom & Calderón (1974), há tempos hipotetizaram que a distribuição geográfica e a história evolutiva do grupo estariam associadas à evolução das inflorescências e de caracteres florais. Segundo esses autores, as espécies da MA apresentariam inflorescências com flores bissexuadas, mas funcionalmente femininas ou masculinas (pela presença de pistilódios ou estaminódios, respectivamente), enquanto as espécies da AM possuiríam inflorescências exclusivamente unissexuadas, tendo essas se originado a partir das primeiras (SODERSTROM; CALDERÓN, 1974). A partir dessa prerrogativa esses autores sugeriram uma provável origem de *Piresia* na MA, com uma posterior dispersão e diversificação na Amazônia (SODERSTROM; CALDERÓN, 1974).

Apesar disso, no trabalho preliminar de Mauri e colaboradores (2013) foi observado que tanto flores unissexuadas ocorriam em espécies da MA, quanto flores bissexuadas estavam presentes em espécies da AM, contrariando a hipótese de Soderstrom & Calderón (1974) sobre a associação entre esses caracteres e o padrão de disjunção geográfica, colocando assim em cheque a hipótese biogeográfica até então proposta para o grupo. A recente filogenia do grupo (CARVALHO et al., 2021) recuperou uma diferenciação genética associada à disjunção geográfica das espécies de *Piresia*, estabelecendo ainda uma possível relação de parentesco desse gênero com *Reitzia*, um ocorrente na MA do sudeste do Brasil (Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo) (Figura 3). Esses resultados levantam a hipótese sobre a origem e diversificação desse clado (*Piresia* + *Reitzia*) na MA do nordeste do Brasil, provavelmente associadas às dinâmicas florestais e climáticas que vêm se refletindo em respostas adaptativas ao clima (como mudanças na anatomia foliar) e na ocupação de nichos específicos entre os representantes da AM e da MA do nordeste do Brasil (SODERSTROM; CALDERÓN 1974, JUDZIEWICZ et al., 1999, CARVALHO et al., 2012, 2020; CARVALHO, 2013).

Entretanto, até o presente momento, não há nenhuma clareza sobre os processos que contribuíram para esses padrões e, por esse motivo, o presente trabalho se propõe a responder as seguintes perguntas:

1. Quais são os processos que estão atuando na evolução de *Piresia*, especificamente na linhagem ocorrente na MA?
2. Quais são as relações filogenéticas nessa linhagem, particularmente entre *P. leptophylla*?
3. A história biogeográfica da MA influenciou os padrões de distribuição e as relações filogenéticas?

Objetivos

Tendo em vista o exposto acima, essa dissertação foi estruturada em um capítulo único, que tem como objetivo entender as relações filogenéticas da linhagem da MA, os processos evolutivos que influenciaram sua história, assim como compreender se os padões biogeográficos estão relacionados às mudanças climáticas e dinamicidade das florestas. Para tanto, o presente trabalho se propõe a:

(i) Reconstruir árvores de genes e árvores de espécies a partir do uso de marcadores plastidiais e nucleares;

(ii) Inferir as relações filogenéticas em *Piresia*, focando na linhagem da MA, particurlamente em *P. leptophylla*;

(iii) Verificar se há incongruências entre as topologias e seus possíveis significados;

(iv) Estimar os tempos de divergência entre as linhagens de *Piresia*;

(v) Reconstruir as áreas de distribuição ancestral do gênero;

(vi) Tentativamente propor uma hipótese de origem e diversificação para o grupo;

(vii) Fornecer subsídios para os estudos filogenéticos, taxonômicos e biogeográficos futuros envolvendo os bambus herbáceos.

Capítulo Único

Título: Unraveling relationships and inferring the biogeographic history of a group of herbaceous bamboos from the Northeast Atlantic Forest (*Piresia*: Olyreae: Bambusoideae)

Autores: Izabela Santos Dias de Jesus, Silvia Britto Barreto, Alessandra Selbach Schnadelbach & Maria Luiza Silveira de Carvalho

A ser submetido para o periódico: *Botanical Journal of the Linnean Society* **(ISSN: 1095-8339)**

Unraveling relationships and inferring the biogeographic history of a group of herbaceous bamboos from the Northeast Atlantic Forest (*Piresia*: Olyreae: Bambusoideae)

IZABELA S. D. JESUS[1,2*], SILVIA B. BARRETO[3], ALESSANDRA S. SCHNADELBACH[1,2] and MARIA LUIZA S. CARVALHO[1,2]

[1]*Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Evolução – PPGBioEvo, Instituto de Biologia, Universidade Federal da Bahia, Rua Barão de Jeremoabo 147, Campus de Ondina, Salvador, Bahia, Brasil, 40170-115.*

[2]*Laboratório de Genética e Evolução Vegetal (LAGEV), Instituto de Biologia, Universidade Federal da Bahia, Rua Barão de Jeremoabo 147, Campus de Ondina, Salvador, Bahia, Brasil, 40170-115.*

[3]*Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Estudos Interdisciplinares e Transdisciplinares em Ecologia e Evolução (INCT IN-TREE), Instituto de Biologia, Universidade Federal da Bahia, Rua Barão de Jeremoabo 147, Campus de Ondina, Salvador, Bahia, Brasil, 40170-115.*

Short title: Phylogeny and the biogeography of *Piresia* from Atlantic Forest

*Author for correspondence. E-mail: izabelasdias@gmail.com

ABSTRACT

Phylogenies with incongruent topologies commonly reflect different evolutionary processes that genes and species may undergo, especially groups with low internal resolution, such as *Piresia*, a South American herbaceous bamboo genus. Diversification in *Piresia* is likely recent and associated with hybridization, polyploidization, sympatric speciation and tropical forest dynamics, creating intricate phylogenetic relationships with paraphyletic/cryptic species. This study explored phylogenetic reconstructions, using gene and species trees from different molecular markers to better estimate relationships within the genus in the Atlantic Forest (AF), the most problematic lineage, particularly *P. leptophylla*, a paraphyletic species. We also applied a biogeographic approach to understand the processes influencing the evolutionary history of the genus. We recovered the disjunction between species from Amazonia (AM) and the AF, and low phylogenetic resolution within the latter. However, our analyses indicated that divergence between datasets may be associated with plastid DNA homoplasy. Therefore, we suggest the exclusion of certain markers in future studies. Moreover, incongruence between gene and species trees confirms the paraphyly of a well-defined species, *P. leptophylla*, probably by incomplete lineage sorting or differential selective pressures associated with climatic adaptation, suggesting this species needs recircumscription. The biogeographic analyses indicate that *Piresia* originated during the Pliocene and diversified in the Pleistocene, probably influenced by climatic fluctuations.

ADDITIONAL KEYWORDS: climatic changes – homoplasy – incomplete lineage sorting – Olyrinae – topological incongruence.

INTRODUCTION

Phylogenetic studies in plants frequently make use of plastid molecular markers to reconstruct evolutionary relationships (Chase *et al*., 1993; Olmstead & Palmer, 1994; Shaw *et al*., 2005, 2007; Ruhfel *et al*., 2014). The choice of the plastid genome is due to characteristics such as its easy extraction and amplification, small size (120-160 kpb), higher nucleotide substitution rates (compared to the mitochondrial genome), low recombination rates, mainly uniparental inheritance and evolution as a single unit (Olmstead & Palmer, 1994; Jansen *et al*., 2005; Shaw *et al*., 2005).

Some studies, however, have shown that plastid genes are not as intimately linked as previously hypothesized, and thus, may experience evolutionary pressures individually, which can lead to incongruent phylogenetic reconstructions when analyzed in concatenation. (Wolfe & Randle, 2004; Jansen & Ruhlman, 2012; Ruhlman *et al*., 2017; Gonçalves *et al*., 2019). Also, the use of a single data source (plastid genome) might result in incomplete reconstruction of phylogenetic relationships and the evolutionary history of the species, given the different processes that may exert influence on the genome (Soltis & Kuzoff, 1995).

Incongruences between the different plant genomes has been observed in several studies (e.g., Soltis & Kuzoff, 1995; Mason-Gamer & Kellogg, 1996; Kim & Donoghue, 2008; Pelser *et al*., 2010; Xu *et al*., 2012, Zhang, Zeng & Li, 2012), with both inter and intragenomic incongruities being particularly problematic in phylogenetic studies involving the construction of a combined matrix using multilocus data, and concatenated analyses (De Queiroz & Gatesy, 2006; Edwards, Liu & Pearl, 2007). This is due to the assumption that all loci in a given analysis are under the same evolutionary pressure, which frequently is not the case (De Queiroz & Gatesy, 2006; Edwards, Edwards *et al*., 2007). The divergences between gene and species trees caused by such incongruence, however, might reflect a reticulate evolutionary history with different intrinsic biological processes such as horizontal gene transfer, hybridization, introgression, natural selection or incomplete lineage sorting (ILS) (Maddison, 1997; Degnan & Rosenberg, 2006, 2009; Castoe *et al*., 2009).

Differing from horizontal gene transfer, the occurrence of hybridization and introgression is commonly reported in plants, directly influencing phylogenetic relationships (Mallet *et al*., 2007; Sun *et al*., 2015; Mallet, Besansky & Hahn, 2016; Xia *et al*., 2021). This influence emerges from the mixing of gene pools, which attenuates the interspecific borders, especially in closely related species, where hybridization and introgression rates are higher than in genetically distant groups (Mallet, 2007; Sun *et al*., 2015; Mallet *et al*., 2016; Panahi *et al.*, 2018). Alternatively, under natural selection, different evolutionary pressures on the genes can cause the erroneous grouping certain of lineages, and thus gene and species trees might not coincide (Zhang & Kumar, 1997; Slatkin & Pollack, 2008; Castoe *et al*., 2009). ILS, however, emerges from the retention of ancestral polymorphisms in certain branches of the species trees, possibly leading to the coalescence of lineages not intimately related, hindering the recovery of lineage relationships (Degnan & Rosenberg, 2009).

Despite topological incongruences between gene and species trees being attributed to different processes, they are also common in groups with low phylogenetic resolution (Degnan & Rosenberg, 2006, 2009; Townsend, 2007), such as the case of *Piresia* Swallen. This genus of herbaceous bamboos is currently formed by six species [*P. goeldii* Swallen, *P. sympodica* (Döll) Swallen, *P. macrophylla* Soderstr., *P. leptophylla* Soderstr., *P. palmula* M.L.S.Carvalho & R.P.Oliveira and *P. tenella* M.L.S.Carvalho & R.P.Oliveira], and it is characterized by the presence of two types of culms, the leafy ones, which are more abundant and bared well-developed and erect leaves, and the decumbent ones, which have reduced leaves, growing parallel to the ground, hidden under the litter (Swallen, 1964; Soderstrom, 1982; Judziewicz *et al*., 1999; Carvalho *et al*., 2012, 2020).

This genus has a disjunct and non-conspecific geographical distribution amongst dry and wet forest formations of the Amazonian (AM) and Atlantic Forest (AF) biomes, coinciding with the phylogenetic structure of the lineages (Soderstrom & Calderón, 1974; Judziewicz *et al.*, 1999, Carvalho *et al.*, 2012, 2020, 2021; Carvalho, 2013). It is possible, however, that the number of *Piresia* species is underestimated due to the low genetic and morphological differentiation between taxa not yet described for the genus, which exhibit a different morphology from the recognized species (Carvalho *et al.*, 2012, 2020, 2021; Carvalho, 2013). This is particularly observed within the AF, hindering taxonomic delimitation and phylogenetic relationship estimations in this lineage (Carvalho *et al.*, 2012, 2020, 2021; Carvalho, 2013).

Recent studies, and evidences such as the high genetic similarity and morphological superposition of certain species, supported hypotheses that the evolution of *Piresia* is recent and could involve complex evolutionary processes such as hybridization, polyploidization, disruptive selection and sympatric speciation, with the presence of cryptic (such as *P. tenella*) and paraphyletic (such as *P. goeldii* and *P. leptophylla*) species (Carvalho *et al.*, 2012, 2020, 2021; Carvalho, 2013; Bezerra, 2017; Jesus, 2017). *P. leptophylla*, specifically, is a species with wide geographic distribution and taxonomically recognized, if it differs from its other congeners by the presence of chartaceous–coriaceous leaves in the vegetative -culms (Soderstrom, 1982; Carvalho *et al*., 2012, 2020). It was recently dismembered from its cryptic pair, *P. tenella*, due to differences in plant size and leaf size and micromorphological characteristics, such as dimension, shape of the lodicules and fusoid cells (Carvalho *et al*., 2020) and was recovered as a paraphyletic species (Carvalho *et al*., 2021). The relationships between the populations of this species and the other representatives of the AF clade, however, have not been defined (Carvalho *et al*., 2021).

Furthermore, this only phylogenetic study focusing on the genus (Carvalho *et al.*, 2021) demonstrated that phylogenetic relationships within *Piresia* exhibit low internal resolution as well as polytomies (Carvalho *et al.*, 2021). Such issues are likely related to the non-phylogeographic approach of the study, without representation of populations from the problematic taxa, or even the use of molecular markers with lower evolutionary rates (such as those from the plastid genome) and/or with possible paralogous copies (such as those ITS from the nuclear genome), as well as the possible history of reticulate evolution within the group (Álvarez & Wendel, 2003; R.P. Oliveira *et al.*, 2014; I.L.C. Oliveira *et al.*, 2020; Carvalho *et al.*, 2021). Such factors hinder the reconstruction of phylogenetic relationships and the comprehension of the evolutionary processes affecting the group (Álvarez & Wendel, 2003; R.P. Oliveira *et al.*, 2014; Xi, Liu & Davis., 2015; I.L.C. Oliveira *et al.*, 2020; Carvalho *et al.*, 2021).

Regarding the evolutionary history of *Piresia*, it is likely associated to the dynamics of tropical forests and the adaptive responses to environmental changes (Carvalho *et al.*, 2012, 2020, 2021; Carvalho, 2013; Bezerra, 2017; Jesus, 2017), given the apparently high fidelity of herbaceous bamboos to their habitat (Soderstrom, 1984; Judziewicz *et al.*, 1999; Judziewicz & Clark, 2007; Oliveira *et al.*, 2014; Clark, Londoño & Ruiz-Sanchez, 2015). In that sense, several studies show that the AM and AF biomes underwent several changes throughout time due to environmental and geological changes that altered their configuration, especially during the Pliocene and Pleistocene, directly influencing the life history of its biota (Haffer, 1974; Whitmore & Prance, 1987; Pennington *et al.*, 2004; Hoorn *et al.*, 2010; Thomé *et al.*, 2010; Antonelli & Sanmartín, 2011; Batalha-Filho, Cabanne & Miyaki, 2012).

It is possible, for example, that during the Paleogene these biomes formed continuous and interconnected tropical forests (Morley, 2000). However, it has been proposed that with the elevation of the Andes and the drastic changes in planetary climate during the Neogene, a drier area (known as the Dry Diagonal) formed and was responsible for the disjunction of AF and AM. That the Dry Diagonal currently comprises the Caatinga, Cerrado and Chaco (Bigarella, Andrade-Lima & Riehs, 1975; Costa, 2003; Hoorn *et al*., 2010). Nonetheless, palynological, geological, phylogeographic and ecological distribution modelling studies suggest that the separation was less intense in certain periods after the formation of the Dry Diagonal (Thomé *et al*., 2016; Ledo & Colli *et al.*, 2017; Prates *et al*., 2017; Machado *et al.*, 2018).

Considering the AF, two main hypotheses exist to explain the influence of climate and geological changes on the evolutionary history of its species, one of them is based in the Refuge theory (Haffer, 1969; Vanzolini & Williams, 1970; Brown & Ab'Sáber, 1979). Using paleodistribution models, it was suggested that during colder periods of the Last Glacial Maximum (LGM) (21000 years ago), forest-dependent species had their geographic distribution reduced to the refugial areas in the regions of Bahia and Pernambuco, followed by expansion during the interglacial periods (Carnaval & Moritz, 2008). On the other hand, paleoclimatic models and genetic data suggest the Atlantis Forest hypothesis, in which these forests persisted and expanded their distribution during the LGM due to the exposed continental shelf, instead of retractions in the distribution area of forest formations (Leite *et al*., 2016). Some studies show, for example, that geomorphological changes in fluvial systems and the remodeling of the coastal region were responsible for phylogeographical breaks in different terrestrial species (Pellegrino *et al*., 2005; Amaral *et al*., 2013; Fazolato, Fernandes & Batalha-Filho, 2017; Paz *et al*., 2019).

Therefore, starting from expanded sampling, with the use of plastid molecular markers with higher evolutionary rates and a single-copy nuclear marker, we reconstruct gene and species trees and perform biogeographical analyses on *Piresia* with the following objectives:

(a) infer phylogenetic relationships in *Piresia* with a focus on the AF lineage; **(b)** evaluate possible incongruence between topologies and elucidate the cause(s); **(c)** test biogeographic models to assess the age of the genus and elucidate whether its evolution is related to climate and geological changes of a certain period; and **(d)** provide a starting point for future studies on the *Piresia* and on herbaceous bamboos in general.

MATERIAL AND METHODS

SAMPLING

Given the focus on the AF, especially on *P. leptophylla*, 15 specimens from seven populations of this species were selected, including its type population in Una - Bahia to compose the ingroup. Specimens of seven possible new taxa for the genus were also selected as the ingroup, with one sample from each being selected except for *Piresia* sp. MLSC 309, which was represented by two individuals from its population, given the positioning of an initial sample in a trichotomy by Carvalho *et al.* (2021) (Table 1). Two species from AM were also included in the ingroup, to test the monophyly of the AF lineage (Carvalho, 2013; Carvalho *et al*., 2021) (Table 1). The samples used were obtained in the study of Carvalho (2013).

As the outgroup, we used representatives of five genera of Olyreae from the three subtribes recognized: Buergersiochloinae (*Buergersiochloa bambusoides* Pilg.); Parianinae (*Pariana* sp.); and Olyrinae [*Cryptochloa strictiflora* (E.Fourn.) Swallen, *Diandrolyra* sp. and *Olyra latifolia* L.] (R.P. Oliveira *et al*., 2014; Ferreira *et al*., 2019; I.L.C. Oliveira *et al*., 2020; R.P. Oliveira *et al*., 2020; Carvalho *et al*., 2021), as well as two genera of woody bamboo from the tribe Bambuseae, sister group of Olyreae [*Guadua weberbaueri* Pilg and *Dendrocalamus farinosus* (Keng & Keng f.) L.C.Chia & H.L.Fung., the latter selected for presenting sequences available for the nuclear gene *LEAFY* and for enabling fossil dating (see topics below)] (Kelchner & BPG, 2013; Soreng *et al.*, 2017) (Table 1).

The vouchers of the *Piresia* samples are deposited in the Alexandre Leal Costa herbarium at the Universidade Federal da Bahia (ALCB) and at the herbarium of the Universidade Estadual de Feira de Santana (HUEFS) (acronyms following Thiers, 2021 continuously updated). All sequences for the outgroups were obtained from GenBank (https://www.ncbi.nlm.nih.gov/genbank/).

DNA EXTRACTION, AMPLIFICATION, SEQUENCING AND ALIGNMENT

DNA extraction was performed using leaves that were dehydrated in silica gel, following the CTAB 2% (Cetyl-Trimethyl-Ammonium Bromide) protocol (Doyle & Doyle, 1987) adapted for microtubes. The genetic material obtained was analyzed qualitatively and quantitatively by 1% agarose gel electrophoresis and L-Quant spectrophotometer, respectively. DNA amplification was performed by Chain-Reaction Polymerase (PCR) for five plastid DNA regions (*ndhF* gene, *rpL16* intron, and *rpL32-trnL*, *trnD-trnT* and *trnL-trnF* spacers) and one nuclear DNA region (gene *LEAFY*) (Consistent with Clark, Zhang & Wendel, 1995; Zhang, 2000; Kelchner & BPG, 2013; Yang *et al.*, 2013; R. Oliveira *et al.*, 2014; Ferreira *et al.*, 2019; I.L.C. Oliveira *et al.*, 2020; R.P. Oliveira *et al.*, 2020; Carvalho *et al.*, 2021). Other regions previously used in phylogenetic studies with the group were not selected due to the low resolution, consequence of a low percentage of polymorphic sites (*trnS-trnG* and *trnH-psbA*) or high rates of homoplasy (*ITS*). We employed Top Taq Master Mix (Qiagen) kits, following the manufacturer’s recommendations, with addition of 0.2 μM of each primer and approximately 30ng of DNA, with a final volume of 15.4 μL. For the *LEAFY* gene, we used 0.2ng of BSA (bovine serum albumin), DMSO (dimethyl sulfoxide) at 10% and betaine solution at 5M. Primer sequences and amplification conditions for each region are described in Table 2.

The amplified fragments were purified in 11% polyethylene glycol (PEG) (Sambrook, Fritsch & Maniatis, 1989) and sequenced unidirectionally using BigDye Terminator kits on an automatic sequencer ABI 3500 XL (Applied Biosystems), available at the Instituto Gonçalo Moniz, Fundação Oswaldo Cruz (IGM-FIOCRUZ).

The electropherograms obtained were edited using Geneious 6.1.8 (Biometters Ltda.) and aligned using the MUSCLE algorithm (Edgar, 2004) with the software Mega 7 (Kumar, Stecher & Tamura, 2016). Insertion/deletion mutations were not considered due to their small influence on the resulting topologies and support values obtained in previous studies for the group (Duvall, Burke & Clark, 2019; Carvalho *et al*., 2021).

PHYLOGENETIC ANALYSES AND TOPOLOGY TEST

The evolutionary models for each region selected were determined using MrModelTest v.2.3 (Nylander, 2004) by means of the Akaike Information Criteria (AIC, Akaike, 1974). The selected models were HKY+I for *trnD-tnrT* and *ndhF*, GTR for *rpL16* and *LEAFY*, GTR+Γ for *trnL-trnF* and HKY+Γ for *rpL32-trnL* (Table 2). To estimate the contribution of the informative data of each region used, we evaluated the total length in base pair (bp) and the number of substitutions for all taxa. Finally, to evaluate the existence of incongruence between partitions, we used the comparison of boostrap and posterior probability support values according to Cardoso et al. (2013). The incongruence length difference test (ILD test; Farris *et al*., 1994) was not used due to the criticisms made (eg, Cunningham, 1997; Barker & Lutzoni, 2002; Darlu & Lecointre, 2002).

Each data partition was analyzed individually using Maximum Likelihood (ML) and Bayesian Inference (BI). A combined dataset of the plastid regions, except the *rpL32-trnL* spacer (see results), and nuclear region was also analyzed using ML and BI. The ML analyses were performed in RAxML v8.2.8 (Stamatakis, 2014) implemented through CIPRES Science Gateway v. 3.3 (Miller, Pfeiffer & Schwartz, 2010) utilizing the GTR+Γ model for the total dataset with 1000 bootstrap repetitions (BS, Stamatakis, 2014). Branches with BS values ≥70% were considered supported (70–79% low, 80–89% moderate and 90–100%, high support). BI analyses were performed in MrBayes 3.2.7 (Ronquist *et al*., 2012), also available in CIPRES. Two independent races with 10 million generations and four Markov Monte Carlo Chains (MCMC) each were performed, with trees being saved every 1000 generations. Convergence between runs was analyzed using Tracer v.1.5 (Rambaut & Drummond, 2009), applying a 10% burn-in on the initial trees. Posterior probability (PP) values for each consensus tree were calculated, and groups with PP ≥ 0.95 were considered supported (Erixon *et al*., 2003). The topologies obtained in ML and BI were visualized in Figtree v.1.4.2 (Rambaut, 2014).

To evaluate the paraphyletic status of *P. leptophylla*, as recovered in the phylogenetic studies of Carvalho *et al*. (2021), a restricted alternative topology was generated forcing species monophyly (alternative hypothesis). The tree was posteriorly compared with the unrestricted tree obtained by ML for the combined dataset (null hypothesis), through the non-parametric Shimodaira-Hasegawa (SH) test (Shimodaira & Hasegawa, 1999). The test was performed in PAUP v.4.0b10 (Swofford, 2002) using the RELL optimization and likelihood criterion under the GTR+Γ model and 1000 bootstrap repetitions (Shimodaira & Hasegawa, 1999). Topologies with P≤0.05 were considered statistically significant.

SPECIES TREE RECONSTRUCTION

Considering the differences in topology obtained between the gene trees, species trees were estimated using the software ASTRAL-II v4.10.2 (Mirarab & Warnow, 2015) and

SVDquartets (Chifman & Kubatko, 2014), all analyses based in coalescence. ASTRAL-II infers the species tree based in quartet analysis obtained from individual unrooted gene trees (Mirarab & Warnow, 2015). Thus, the species tree was estimated based on individual gene trees inferred through RAxML v8.2.8 (Stamatakis, 2014) with 1000 bootstrap repetitions and support for the topology nodes evaluated through the Posterior Local Probabilities (LPP) of the method (Mirarab & Warnow, 2015).

SVDquartets was implemented through PAUP v.4.0b10 (Swofoord, 2002) and, using the quartets from the partitioned DNA sequence matrixes for the individuals (Chifman & Kubatko, 2014). For this, all quartets were sampled randomly, followed by a non-parametric bootstrap with 1000 repetitions to evaluate the node support for the estimated species tree.

DIVERGENCE TIME ESTIMATION

Divergence times were estimated using a Bayesian approach implemented in BEAST v.2.6.3. (Bouckaert *et al*., 2014) utilizing the Yule model of speciation and a relaxed molecular clock with lognormal distribution. We used a fossil calibration point for the tree root with a lognormal distribution (mean 3.55, SD 0.082) attributed to the age of a 35 Myr fossil (Strömberg, 2005) and two secondary calibration points with normal distribution for Bambuseae and Olyreae (average age 6.42 Mya and SD 3 Mya for Bambuseae; average age 36.25 Mya and SD 9.5 Mya for Olyreae) (Burke *et al*., 2014). For molecular calibration, we utilized a substitution rate of 1.1-1.6 x 10^{-4}/million years for plastid DNA and 5.8-8.1 x 10^{-4}/million years for nuclear DNA (Wolfe, Li & Sharp, 1987).

Two independent runs were performed with 100 million generations each, with a randomized initial tree, and parameter sampling each 5000 generation and burn-in at 10%. Convergence between runs was analyzed on Tracer v.1.6 (Rambaut & Drummond, 2009), where ESS ≥200 was considered adequate. Convergent trees were combined using

LogCombiner and the Maximum Clade Credibility tree (MCC) with median ages selected using TreeAnnotator. Final topology observed using Figtree v.1.4.2 (Rambaut, 2014).

ANCESTRAL AREA RECONSTRUCTIONS

Ancestral node distribution estimation was performed using BioGeoBEARS (Matzke, 2013) in R (R Core Team, 2018), utilizing the MCC tree obtained by the Yule speciation method in BEAST. We tested three general models: (1) DEC, a probability-based dispersion, extinction and cladogenesis model (Ree & Smith, 2008); (2) DIVALIKE, using dispersion and vicariance parameters based in parsimony (Ronquist, 1997); and (3) BAYAREALIKE, which adds parameters to evaluate sympatry by means of a Bayesian model (Landis *et al.*, 2013). DIVALIKE and BAYAREALIKE were implemented through BioGeoBEARS in a maximum likelihood structure, allowing comparisons between models (Matzke, 2013). All models allow for testing of dispersal events to a new area and extinction in another. Specifically, DEC was chosen to test whether speciation in this group occurred in sympatry in one of the areas, meaning that the ancestor could have been widely distributed in both AM and AF and one of the lineages speciated in sympatry (Matzke, 2013). DIVA was implemented to test whether the ancestor was widely distributed and speciation occurred by a vicariant event that separated the forest formations (Matzke, 2013). BAYAREA allowed a test of speciation by wide sympatry in the areas (Matze, 2013). Also, BioGeoBEARS allows the addition of a “j” parameter to all models, which adds the possibility of founding effect and “jump” speciation, meaning that it is possible to verify whether there were changes in the distribuition range per speciation event, with one of the derived lineages occupying the ancestral range, and the other occupying a new range (Matzke, 2014).

Five areas comprising AM and the AF were considered for the analysis: **(1)** Roraima, representing a portion of the states of Roraima and Amazonas; **(2)** Pará, representing part of the state territory (Morrone, 2014); **(3)** Ecoregion 1, a region comprised of the states of Rio Grande do Norte, Paraíba and Pernambuco; **(4)** Ecoregion 3, comprising the coastal region of Sergipe down to the city of Salvador, Bahia; and **(5)** Ecoregion 5, comprising the stretch of coast from southern Bahia to northern Rio de Janeiro (Cantidio & Souza, 2019). The terminals used were codified as present or absent for each area, and the models were compared using likelihood ratio tests and AIC values.

RESULTS

DATASET

The final alignment, excluding low-quality portions at the beginning and end of the sequences, constituted a group of six plastid regions with 3037 bp, with 626 for *ndhF*, 564 for *rpL16*, 564 for *rpL32-trnL*, 532 for *trnD-trnT* and 751 for *tnL-trnF* (Table 2). A 746 bp set was obtained for the nuclear region (*LEAFY*) (Table 2). The region with the highest percentage of Potentially Informative Characters (% PIC) was *trnL-trnF* with 20.11% PIC, followed by *rpL32-trnL* (19.07%), *rpL16* (18.12%), *ndhF* (11.7%), *trnD-trnT* (10.23%) and *LEAFY* (8.63%) (Table 2). The incongruence test revealed that the region *rpL32-trnL* was not congruent with the other sequences, and was then analyzed separately, as well as excluded from the combined ML and BI phylogenetic inferences, in which the remaining plastid (*ndhF*, *rpL16*, *trnD-trnT* and *trnL-trnF*) and nuclear DNA (*LEAFY*) were included.

PHYLOGENETIC ANALYSES AND TOPOLOGY TEST

Individual Analyses: the relationships obtained in the BI and ML analyses for the *rpL32* spacer were identical, with differences only in support values. Hence, the relationship will be described only once with posterior probability and bootstrap values for each branch in parenthesis, respectively. Tribe Olyreae was recovered as monophyletic (PP 1/BS 100), as well as subtribe Olyrinae (0.96/88) (Fig. 1A). In Olyrinae, *Olyra latifolia* was recovered as sister to clade comprising *Cryptochloa strictiflora* and *Piresia* (1/99) (Fig. 1A). *Piresia* was not be recovered as monophyletic due to the presence of *C. strictiflora* in a clade with no support in ML and high support in BI (0.98/68) (Fig. 1A). *Piresia* species from AM (*P. goeldii* and *P. sympodica*) emerged as sister to the remaining representatives of the clade (1/100), recovered in a polytomy with no support (0.70/55) (Table 3; Fig. 1A). This includes specimens of *P. leptophylla* from Salvador, Canavieiras and Una (BA) + *Piresia* sp. MLSC 308 + *Piresia* sp. MLSC 279 + *Piresia* sp. KMP 61 + *Piresia* sp. KMP 59 + *Piresia* sp. KMP 52 (0.99/63), a trichotomy formed by representatives of *P. leptophylla* from Canavieiras and Una (BA) (0.92/88) and a small polytomy with no support in ML and high support in BI (0.99/63) with individuals of *P. leptophylla* from Ipojuca (PE) and Baía Formosa (RN) + *Piresia* sp. MLSC 309 + *Piresia* sp. MLSC 281) and *C. strictiflora* (Table 3; Fig. 1A). The latter group contains a complementary inverted repeat that is six bases long (ATAAAA) in the *rpL32-trnL* spacer, when compared to the sequences of the remaining analyzed representatives (TTTTAT) (except *B. bambusoides*, which also has the inversion).

Among the remaining markers used, the topology for the *ndhF* gene recovered the same relationships between the outgroup taxa obtained in the combined analysis, except between *O. latifolia* and *C. strictiflora* which appear in a polytomy (0.99/74) formed by *Piresia* representatives (Fig. S1). In this polytomy, representatives of *P. leptophylla* (Una-BA) emerge in a polytomy with *P. goeldii* and *P. sympodica* (0.99/91) (Table 3; Fig. S1). The remaining representatives from AF, on the other hand, form a clade with moderate to high support (0.99/80), with two small subgroups (Fig. S1): one formed with the remaining populations of *P. leptophylla* (0.99/85) and other by representatives of possible new taxa in *Piresia* (1/93) (Table 3; Fig. S1).

The *rpL16* intron also resolve the same relationships between outgroups recovered in the combined analyses (Fig. S2). Regarding *Piresia*, all representatives appear in a polytomy with moderate support in ML and no support in BI (0.57/87), where it is possible to recover three small subgroups (Fig. S2): one formed by *P. goeldii* and *P. sympodica* (0.95/87), another by two subgroups of *P. leptophylla* (Canavieiras-BA) (1/98) and a third, with three individuals of *P. leptophylla* (Canavieiras-BA) (0.97/90) (Table 3; Fig. S2).

In the topology based the *trnD-trnT* spacer, the outgroup relationships differ, with *B. bambusoides* and *Pariana* sp. grouped (0.93/85), and *O. latifolia* and *C. strictiflora* forming a polytomy without support (0.78/65) (Fig. S3). *Piresia* remains monophyletic (1/100), but with *P. goeldii* and *P. sympodica* in a polytomy emerging as a sister group to the AF clade, forming a polytomy with all its representatives (0.95/77) (Table 3; Fig. S3).

The topology based the *trnL-trnF* spacer differs in the relationships between representatives of *P. leptophylla* (Ipojuca-PE), which emerge as sister to a clade formed by a polytomy between the remaining representatives of *Piresia* from AF (0.59/38), a small group formed by *O. latifolia* and *C. strictiflora* (0.99/91) and another formed by *P. goeldii* and *P. sympodica* (0.99/95) (Table 3; Fig. S4).

The relationships within *Piresia* estimated from the *LEAFY* gene presented a polytomy formed by individuals of *P. leptophylla* from Salvador-BA and a small group of individuals from Canavieiras-BA (1/95) (Fig. S5). Two other groups are presented: one with *P. goeldii* and *P. sympodica* (1/100), which emerges as sister to a non-supported polytomy in ML but with moderate support in BI containing the non-described taxa in *Piresia* (0.93/67) and the second group without support formed by the remaining *P. leptophylla* (0.59/67) (Table 3; Fig. S5). In the latter, two subgroups are formed, one composed by individuals from Una-BA (0.99/80) and the other by individuals from Canavieiras-BA (0.91/74) (Table 3; Fig. S5).

Combined analyses: the ML and BI topologies obtained through combined data analysis were identical, differing solely in the support values for some groups. We applied the same method of a single description with bootstrap and posterior probability values in parentheses for each branch. Tribe Olyreae, as an example, was recovered as monophyletic (1/100), as well as Olyrinae (0.99/93) and *Piresia* (1/100) (Fig. 1B). In this group, two clades were recovered (LI and LII), with moderate to high support, containing, respectively, species from AM (1/100) and AF (0.99/80) (Table 3; Fig. 1B).

Two main clades were found in the AF group with moderate to high support. These, however, present moderate to low support for their internal branches (Fig. 1B). The first clade (AFI) recovers the paraphyly of *P. leptophylla* with the population from Una (Bahia) emerging as sister to the clade composed of the remaining species of the biome (0.98/99). The second group subdivides into two clades with no support in ML and moderate support in BI (0.96/57) (Table 3; Fig. 1B), with the first (AFII) lacking support and comprising the remaining populations of *P. leptophylla* (60/0.89) and the second (AFIII), with potential new taxa for the genus (1/99) (Table 3; Fig. 1B). However, internal relationships within the groups were poorly recovered with low to moderate support.

In AFII, containing the remaining populations of *P. leptophylla*, three subgroups are recovered: one with no support in the analyses, containing individuals from Salvador and Canavieiras, emerging to the rest (0.67/40); the second containing only individuals from Canavieiras with no support in ML but high support in BI (0.99/48); and the third is a polytomy with no support in ML and moderate support in BI, comprising individuals from Ipojuca (Pernambuco) and Baía Formosa (Rio Grande do Norte) (0.97/64) (Fig. 1B). In AFIII, which contains the remaining AF taxa, *Piresia* sp. KMP 52 emerges as sister the other taxa, which form a polytomy (75/0.94) composed of *Piresia* sp. MLSC 308 + *Piresia* sp. MLSC 279 + *Piresia* sp. KMP 61 + *Piresia* sp. KMP 59 and a small group composed of *Piresia* sp. MLSC 281 and *Piresia* sp. MLSC 309 (85/0.99) (Fig. 1B).

Alternative Topology Test: results obtained from the SH test performed on the topology from the combined plastid (*ndhF, rpL16, trnD-trnT* and *trnL-trnF*) and nuclear (*LEAFY*) data consider the topology with no restrictions (*P. leptophylla* is paraphyletic) as the best tree, but do not refute the hypothesis of *P. leptophylla* as monophyletic (P = 0.394).

SPECIES TREE RECONSTRUCTION

Due to the non-rejection of the monophyly of *P. leptophylla*¸ species tree reconstruction was performed through ASTRAL-II and SVDquartets for the same dataset used in the phylogenetic analyses. Regarding the relationships of *P. leptophylla*, the topologies obtained by ASTRAL-II and SVDquartets were not congruent with the topologies obtained by ML and BI for the combined dataset (Figs 1B, 2).

In both analyses, *Piresia* was recovered as monophyletic (LPP 0.98/BS 98.9) and the AM species (*P. goeldii* and *P. sympodica*) form a clade with high support (0.99/93.9), recovered as sister to the AF species (Fig. 2A-B). The latter formed a clade with no support in ASTRAL-II and with moderate support in SVDquartets (0.49/92.1) (Fig. 2A-B).

In the topology generated by ASTRAL-II, representatives from AF were recovered as two groups with no support, the first composed of *Piresia* sp. MLSC 279 + *Piresia* sp. MLSC 281 + *Piresia* sp. MLSC 308 + *Piresia* sp. MLSC 309 + *Piresia* sp. MLSC KMP 52 + *Piresia* sp. MLSC KMP 59 + *Piresia* sp. MLSC KMP 61 (0.57) and the other by *P. leptophylla* which emerges as monophyletic, but without support (0.58) (Fig. 2A). *Piresia* MLSC 281 emerges as sister the other representatives which, in turn, form two subgroups. One is composed of *Piresia* sp. MLSC 308 + *Piresia* sp. MLSC KMP 59 + *Piresia* sp. MLSC 279 (0.57) and the second, is a polytomy between individuals of *Piresia* sp. MLSC 309 and a group with *Piresia* sp. MLSC KMP 61 + *Piresia* sp. MLSC KMP 52 (0.49) (Fig. 2A).

Regarding *P. leptophylla*, was recovered a group without support composed of individuals from Ipojuca (PE) and Baía Formosa (RN) (0.69) and a polytomy composed by the other individuals of the species, including individuals from Canavieiras and Salvador (BA), as well as a small group forming a polytomy composed of individuals from Canavieiras (BA) and Una (BA), which emerge as a group with low support (0.85) (Fig. 2A).

The topology recovered by SVDquartets lacked support in all relationships within groups. *Piresia* sp. KMP 52 was as sister to the other specimens from AF, which formed three groups, one comprising *Piresia* sp. MLSC 281 + *Piresia* sp. MLSC 309, another *Piresia* sp. KMP 61 + *Piresia* sp. MLSC 279 + *Piresia* sp. KMP 59 + *Piresia* sp. MLSC 308 and a third composed of all *P. leptophylla* in a polytomy containing the subgroup with all the individuals from Una (Fig. 2B).

DIVERGENCE TIME ESTIMATION

Divergence time estimation for *Piresia* gave relatively large 95% HPD (*Highest Posterior Density*) intervals, suggesting the possible origin for the group in the Pliocene (about 3.91 Mya), with internal divergences occurring mainly during Pleistocene (Fig. 3). For example, divergence between the AM and AF lineages (LI and LII) was estimated at around 2.52 Mya (Fig. 3), while internally, in AF, the separation of AFI [*P. leptophylla* from Una (BA)] dates from around 1.87 Mya, with AFII and AFIII diverging around 1.50 Mya (Fig. 3). Diversification in clades AFII and AFIII likely began in 1.09 and 0.88 Mya, respectively (Fig. 3).

For AFII, three main subgroups are recovered, with the group composed of individuals from Canavieiras and Salvador (BA) diverging from the other representatives around 0.58 Mya. Divergence between the second and third groups, respectively composed of individuals from Bahia and Northern AF (PE and RN), likely occurred around 0.84 Mya (Fig. 3). The second group, formed by populations from Canavieiras (BA), presented diversification around 0.51 Mya, and the third group, containing individuals from Ipojuca (PE) and Baía Formosa (RN), with diversification estimated around 0.37 and 0.20 Mya (Fig. 3).

For AFIII, we estimated first the diversification of *Piresia* sp. KMP 52 and the formation of two subgroups around 0.63 Mya (Fig. 3), the first diversifying around 0.44 Mya and composed exclusively of individuals from Bahia. The second group diversified around 0.15 Mya and is composed of individuals from Bahia and Pernambuco (Fig. 3).

ANCESTRAL AREA RECONSTRUCTIONS

Biogeographic model testing revealed that DIVALIKE+J gave the best adjustment to explain the evolutionary processes occurring within *Piresia* (Table 4). The model recovered an uncertain origin for the group, with equal probabilities in three regions (Roraima, Pará or Ecoregion 3) (Fig. 3, I), followed by a vicariant event between Roraima/Pará (AM) and Ecoregion 3 (AF) (Fig. 3). Regarding the AF group, the analysis indicates a possible origin in Ecoregion 3, followed by three dispersion events. Two of them correspond to a founder effect of Ecoregion 3 on Ecoregion 1, first around 0.9 Mya, a second around 0.2 Mya (Fig. 3, II and IV), while the third happened from Ecoregion 3 to Ecoregion 2 around 0.65 Mya (Fig. 3, III).

DISCUSSION

NOVELTIES IN THE PHYLOGENETIC RELATIONSHIPS OF *PIRESIA*

Based on the results obtained in this study, it was possible to elucidate part of the internal relationships in *Piresia* from the combined gene tree with better statistical support when compared to what was recently described for the group (Carvalho *et al*., 2021) (Table 3; Fig. 1B). The species trees will not be used to discuss the phylogenetic relationships in *Piresia* due to the low support found (see comments below) (Fig. 2).

Our results corroborate with the disjunction between the *Piresia* occurring in AM and AF, observed by Carvalho *et al*. (2021), which used a set of plastid DNA data. However, in addition better internal resolution, we also obtained results that contrast with Carvalho *et al*. (2021) for the internal relationships in the AF clade. While Carvalho *et al*. (2021) recovered a polytomy involving the AF representatives, with *P. leptophylla* as polyphyletic (with a representative from Salvador-BA and Ipojuca-PE), we recovered the paraphyletic status of *P. leptophylla* in a different configuration. Here, the populations from Una (species type population) emerged as sister (AFI) to all other AF representatives (AFII e AFIII), which includes the remaining populations of *P. leptophylla* and potentially new taxa, respectively (as indicated by Carvalho *et al.*, 2021) (Fig. 1B).

While AFI and AFII correspond to the *P. leptophylla* populations that inhabit the drier environments of the arboreal Restinga (Soderstrom, 1982; Judziewicz *et al.*, 1999; Carvalho, 2013; Carvalho *et al.*, 2020, 2021), with representatives that have a leaf morphology with narrower and elongated leaves, AFIII corresponds to the populations that inhabit more humid dense ombrophilous forests, presenting morphotypes with oval and oblong leaves (Judziewicz et al. 1999; Carvalho 2013; Carvalho *et al.* 2021). The latter clade (AFIII), was recovered with moderate support, with the formation of a small subclade, with high support, formed by *Piresia* sp. MLSC 281 and *Piresia* sp. MLSC 309 (Table 3; Fig. 1B), which in turn, correspond to the population from drier, more continental forests in localities from Bahia and Pernambuco (Carvalho, 2013). The emergence of these lineages could then be related to alterations in the *ndhF* gene related to responses to climatic stress, as described here and by Martín *et al*. (2009), and to the environmental adaptability already highlighted by Carvalho *et al*. (2020, 2021) (see coments bellow).

In relation to the higher internal resolution observed in this study, we can attribute it first to the use of a larger number of molecular markers with higher evolutionary rates, such as *rpL16* and *ndhF* (Wang, Chen & Zhang, 2018; Wang *et al*., 2020), while Carvalho *et al*. (2021) obtained lower internal resolution likely due to the low nucleotide substitution rate in the majority of the regions utilized (such as *psbA-trnH*, *trnS-trnG* and *trnD-trnT*) as well as recent speciation and possible occurrence of hybridization events, as highlighted by the authors.

Regions such as *rpL16* and *ndhF,* on the other hand, have been recognized as useful for inferring more internal phylogenetic relationships in closely related groups with recent evolutionary history (Kelchner & Clark, 1997; Tyrrell *et al*., 2012; I.L.C. Oliveira *et al*., 2020). Additionally, the use of single-copy nuclear markers such as *LEAFY* also have shown to be effective to estimate phylogenetic relationships in lower taxonomic levels, even with a lower nucleotide variation rate when compared to plastid genome (Yang *et al*., 2013).

In counterpoint, more variable regions such as the *trnL-trnF* and *rpL32-trnL* spacers, might influence directly the establishment of some phylogenetic relationships due to the high rates of homoplasy attributed (Dong *et al*., 2012; Kelchner & BPB, 2013; I.L.C. Oliveira *et al*., 2020). In spite of this fact, the same sequences are still being used to infer relationships in related groups, being widely applied in recent years in phylogenetic studies on herbaceous bamboos (Kelchner & BPG, 2013; Ferreira *et al*., 2019; I.L.C. Oliveira *et al*., 2020; R.P. Oliveira *et al*., 2020; Carvalho *et al*., 2021). Nonetheless, the use of these regions in phylogenetic studies must be approached with care or even avoided, given that the topologies recovered might reflect incorrect relationships (Bergsten, 2005; Dong *et al*., 2012; Kelchner & BPB, 2013; I.L.C. Oliveira *et al*., 2020).

The best resolution for internal relationships obtained in this study might be attributed to the expanded sampling of AF representatives, mainly *P. leptophylla*, which have remodeled the relationships of this species with the remaining taxa in the biome. Some studies involving bamboos demonstrated the influence of expanded sampling in the better understanding of the phylogenetic relationships within the group. Zeng *et al*. (2010), for example, highlighted the importance of extensive sampling for the phylogenetic reconstruction of the tribe Arundinarieae, especially due to the existence of several paraphyletic and polyphyletic genera.

Zhou *et al*. (2017), in a study on palaeotropical woody bamboos, have also demonstrated that the inclusion of a wider array of taxa allows for better phylogenetic resolution for the groups, mainly due to the history of reticulate evolution, with introgression, hybridization and ILS associated to rapid radiation. Additionally, two other recent studies on the polyphyletic genus *Fargesia* Franch., a temperate woody bamboo, also exemplify the importance of representatively sampling the group and other closely related groups for better recovery of phylogenetic relationships (Zhang *et al*., 2019; Zhou *et al*., 2019).

In our study, despite using faster markers, wider sampling and the resulting better resolution of the internal relationships, some of the relationships, especially in clade AFIII, could not be completely elucidated. One of the factors that might be related is the low genetic differentiation between members of the group. Even though some of the markers here used present higher base substitution rates than others used previously (Wang *et al*., 2020; Carvalho *et al*., 2021), and that the evolutionary rates in herbaceous bamboos are higher when compared to woody bamboo (Gaut *et al*., 1997; Wang *et al*., 2020), studies indicate that several groups in Olyreae and, consequently, Olyrinae might have undergone speciation events recently with rapid divergence between them (Oliveira *et al*., 2014; Ferreira *et al*., 2019; I.L.C. Oliveira *et al*., 2020; R.P. Oliveira *et al*., 2020; Carvalho *et al*., 2021). This recent evolution might explain, for example, the low differentiation and the genetic and morphologic overlap found in AF populations, except in *P. leptophylla* (Carvalho, 2013; Carvalho *et al*., 2021). It is also likely that these species might have undergone hybridization and introgression (Carvalho *et al*., 2021; Carvalho *et al*., unpubl. data). All these processes can hinder the establishment of phylogenetic relationships, as pointed in general studies with plants (Funk, 1985), as well as bamboos, specifically (Zhang, Ma & Li, 2011; Zhang *et al*., 2012).

In this sense, the use of a larger number of single-copy nuclear markers should provide more robust phylogenetic estimations and better elucidation of evolutionary processes (such as hybridization) experienced by these species (Sang 2002; Small, Cronn & Wendel, 2004; Ness, Graham & Barrett, 2011; Zhang *et al*., 2012; Yang *et al*., 2013). This is due to the higher evolutionary rates compared to plastid DNA (Clegg *et al*., 1994; Small *et al*., 2004), the biparental nature of the nuclear gene heritage allows to better trace the evolutionary history of the species when compared to uniparental heritage molecular markers (Birky, 2001; Ness *et al*., 2011; Yang *et al*., 2013).

Hence, studies utilizing a larger dataset, for example, population genetics and phylogeographic studies and/or wider sampling of plastid genome might facilitate the resolution of phylogenetic relationships in recent groups and groups with complex evolution, as previously observed (Schaal *et al*., 1998; Knowles, 2003; Townsend, 2007; Xi *et al.*, 2015; Camacho *et al*., 2019; Niu *et al*., 2018; Wen *et al.*, 2018). Also, as previously indicated by Carvalho *et al*. (2021), the inclusion of other representatives that could not be sampled here, e.g., *P. palmula* for AF and *P. tenella* for AM, besides other taxa closely related to the genus such as *Maclurolyra* Calderón, *Rehia* Fijten and *Reitzia* Swallen, could help to better establish the relationships in the group.

TOPOLOGICAL INCONGRUENCE AND ITS SIGNIFICANCE IN THE EVOLUTIONARY HISTORY OF *PIRESIA*

The results here suggest topological incongruences both between datasets and analyses. In relation to datasets, the *rpL32-trnL* region is incongruent is the remaining markers. This is likely due to the relationships found between the representatives of *Piresia* and *C. strictiflora* (Fig. 1A). This intergenic spacer is recognized as highly polymorphic for several plant groups, presenting high substitution rates in Bambusoideae, especially in Olyreae (Dong *et al*., 2012; Wang *et al*., 2018, 2020). This has been the object of several phylogenetic studies in recent years, and in those the use of *rpL32-trnL* is common (Ferreira *et al*., 2019; I.L.C. Oliveira *et al*., 2020; R.P. Oliveira *et al*., 2020; Carvalho *et al*., 2021). However, only one of the studies pointed the region as incongruent in relation to the other regions employed in the study (I.L.C. Oliveira *et al*., 2020), indicating that the use of this marker might be problematic for the recovery of phylogenetic relationships in the group.

In the present study, however, we observed that a complementary inverted sequence of six bases (ATAAAA), in the *rpL32-trnL* spacer, was shared between individuals of *P. leptophylla* from Ipojuca (PE) and Baía Formosa (RN), *Piresia* sp. MLSC 309, *Piresia* sp. MLSC 281, *C. strictiflora* and *B. bambusoides*, while the remaining taxa analyzed presented another kind of sequence in the region (TTTTAT). This complementary inversion was previously reported by Zeng *et al*. (2010) and might explain the closest relationships found between these species (except *B. bambusoides*) in the topology recovered by *rpL32-trnL* (Fig. 1A).

Inversions of this nature are common in highly variable regions and also have been identified as problematic (Zeng *et al*., 2010; Dong *et al*., 2012). These inversions are associated with probable hairpin secondary structures and may influence sequence alignment and lead to erroneous conclusions regarding the phylogenetic relationships between species (Kelchner & Wendel, 1996; Kelchner & Clark, 1997; Zeng *et al*., 2010; Dong *et al*., 2012). In this sense, the results here indicate that the mutation is shared and might be associated to the attraction of long branches and homoplasies, due to the high substitution rates observed in non-coding plastid regions, as is the case of the intergenic spacer *rpL32-trnL* (Shaw *et al*., 2007; Dong *et al.*, 2012; I. Oliveira *et al*., 2020). This is why the genera *Piresia*, *Cryptochloa* Swallen and *Buergersiochloa* Pilg. have been recovered as distinct clades in all recent phylogenetic studies for the group based on a diversity of molecular markers (I.L.C. Oliveira *et al*., 2020; R.P. Oliveira *et al*., 2020; Carvalho *et al*., in 2021).

These findings are relevant for homoplasies in molecular datasets, which are rarely analyzed and considered in phylogenetic analyses, but some studies indicate that their levels might be similar to what is observed in morphological characters of plants and animals (Sanderson & Donoghue, 1989; Donoghue & Ree, 2000). If so, using highly variable DNA regions, commonly recommended for studies in lower taxonomic levels (Dong *et al.*, 2012), must be approached with care.

Regarding the topologies obtained with data from the combined regions and the species tree, the main incongruence observed concerns the relationships within *P. leptophylla*. While a gene tree recovers its paraphyletic status with the population from Una diverging as sister to the entire clade from AF, in the species trees *P. leptophylla* is recovered as monophyletic (Figs 1B, 2).

ASTRAL-II and SVDquartets analyses, however, gave low support for the internal branches of the group (Fig. 2), yet, despite the lower values, the alternative topology test did not reject the hypothesis of *P. leptophylla* as a monophyletic group. Thus, based on the analysis carried out in the present study, it is not possible to confirm the paraphyletic status of *P. leptophylla*, but micromorphological evidences suggests a paraphyletism (pers. comm), evidenced that more precise studies are needed (using an integrative approach, as an example) to help in the recirculation of the species Thus, based on the analysis performed in the present study, it is not possible to confirm the paraphyletic status of *P. leptophylla*, but micromorphological evidences suggesting a possible parafiletism, evidenciated that is making necessary more accurate studies (employing an integrative approach, as an example) to help in the recircumscription of the species.

This is due, in a general sense, to the fact that incongruence between gene and species trees is likely related to several factors, both methodological (low information content in the molecular markers chosen) (Saitou & Nei, 1986; Xi *et al*., 2015; Camacho *et al*., 2019), and intrinsic to the evolutionary history of the regions employed (Maddison, 1997; Jeffroy *et al*., 2006; Pollard *et al*., 2006; Castoe *et al.*, 2009; Degnan & Rosenberg, 2009; Kumar *et al*., 2012).

Hence, the separation of the *P. leptophylla* from Una from the remaining lineages in the group could be explained by the occurrence of ILS. This refers to the maintenance of genic lineages in deeper portions of the species tree, and it is commonly attributed to groups that went through fast radiation events or recent speciation (Pamilo & Nei, 1988; Rosenberg, 2002; Maddison & Knowles, 2006; Whitfield & Lockhart, 2007; Degnan & Rosenberg, 2009), as it seems to be the case with *Piresia*.

Groups with these characteristics might experience lower rates of genetic differentiation within group, and consequently, present shorter branches in phylogenetic trees (Maddison & Knowles, 2006; Degnan & Rosenberg, 2009). According to Maddison & Knowles (2006), species trees with shorter branches exhibit four times more ILS events when compared to trees with longer branches. Thus, coalescent events might occur below the divergence point between lineages that are not intimately related, resulting in discordances in topology between gene and species trees (Rosenberg, 2002; Maddison & Knowles, 2006; Degnan & Rosenberg, 2009).

Another explanation for the incongruence observed between gene and species trees in this study is the occurrence of different selective pressures, given the paraphyly recovered for *P. leptophylla* in the gene tree is likely related to the topology of the *ndhF* gene, which gave the best internal resolution (Fig. S1). Kim & Jansen (1995) indicated that over 50% of the changes in the *ndhF* sequence occur in the first and second positions on the codons, increasing the probability of changes in the amino acid sequence coding, and consequently, of its function. Saarela *et al*. (2018), in a study involving plastome within Poaceae, observed that this gene seems to be under selection, with 67 codons undergoing positive selection. These results indicated that the *ndhF* gene seems to experience a more relaxed selective pressure (Kim & Jansen, 1995).

This information is particular of interest given that the *ndhF* gene codes for a subunit of the Ndh complex in the thylakoid (Sazanov, Burrows & Nixon, 1998; Casano *et al.*, 2000; Rumeau *et al.*, 2005). This complex exerts a protective function against stress related to photo-oxidation such as extreme temperatures, fast changes in light intensity and hydric stress, as well as the transferal of electrons (Martín, Casano & Sabater, 1996; Endo *et al*., 1999; Martín *et al*., 2004, 2009). Hence, increases in activity in this subunit contribute to balance the redox level of the electron transports that are affected during the stress process (Casano *et al*., 2000; Joët *et al*., 2002; Martín *et al*., 2004). The subunit code for by *ndhF* is responsible specifically for the regulation of the Ndh complex activity by the phosphorylation of the polypeptide NDH-F (Lascano *et al*., 2003).

In other words, changes in the gene sequence of *ndhF* gene sequence can affect the responses of the ndh complex. In association with other genes related to climatic stress, the response of plants to the diversity of climate changes they may be subjected to can be altered

(Martín *et al*., 2009, 2015; Xu, Jiang & Zhou, 2015; Ivanova et al., 2017). In this sense, our findings indicate that the *P. leptophylla* population from Una (BA) might have experienced in the past different selective pressures related to climate adaptations, evolving as an independent lineage. This explanation agrees with hypotheses previously presented that the *Piresia* evolution might be associated to adaptive responses triggered by environmental change (Carvalho *et al*., 2020; Carvalho *et al*., 2021), as explored below.

However, in spite of this hypothesis, the influence of the remaining topologies in relation to the *ndhF* topology in the combined gene tree might be related to an anomalous genetic tree (AGT). These are the gene trees more commonly observed throughout the genome, but not correspondent to the species tree (Degnan & Rosenberg, 2006, 2009). AGTs are more likely to occur when the species trees present short branches (related to rapid radiation events, or in groups that are closely related) and might cause incongruences in the estimation of the species trees (Degnan & Rosenberg, 2006, 2009). In that sense, despite the *ndhF* not being predominant over the rest, it might represent a topology that better represents the phylogenetic relationships in *Piresia*.

FORESTS DYNAMICS DURING GLACIAL CYCLES AND THEIR INFLUENCE ON *PIRESIA* DISTRIBUTION

The biogeographical history of *Piresia* appears to be intimately related to the history of the dynamics of the forest environment it inhabits, given the probable dependence of its representatives on forest environments (Soderstrom & Calderón, 1974; Judziewicz *et al*., 1999; Carvalho *et al*., 2020, 2021). This hypothesis has a close connection with climatic and geological changes occurring mainly during the Pleistocene, a period marked by a sequence of glacial cycles that altered significantly solar incidence, temperature, sea and CO_2 levels, among other factors (Petit *et al*., 1999; Smith *et al*., 2005; Fritz *et al*., 2007; Cohen & Gibbard, 2019).

The origin of *Piresia* probably dates from the early Pliocene, with an ancestor equally likely in AM and AF (Fig. 3, I), with posterior geographical and phylogenetic disjunction between the biomes, likely due to a vicariant event (Fig. 3). These findings agree, to a degree, with the results from Carvalho *et al*. (2021), that despite recovering the phylogenetic disjunction between AM and AF for combined plastid data only, did not discard alternative biogeographic scenarios for the group, such as a possible origin in the north/west AM, with a posterior migration to AF. Neither their study nor ours supports the hypothesis posed by Soderstrom & Calderón (1974) of an AF origin for the group, with posterior dispersal to AM and diversification in both biomes.

In relation to the period, landscape alterations likely were influenced by the big changes resulting from the orogenic processes leading to the formation of the Andes, occurring in the mid- and late Miocene (Garzione *et al*., 2008; Hoorn *et al*., 2010). Beyond that, some studies indicate that during the Pliocene, there was an increase in precipitation and temperature, which favored the expansion of rainforests and allowed the connection between AM and AF (Morley, 2000; Zachos *et al*., 2001; Cheng *et al*., 2013) (Fig. 3). The expansion of both forests could indicate a wide origin for *Piresia* involving the AF and/or AM, or dispersal events between both biomes, a hypothesis raised in several studies involving distribution patterns and the origin of certain bird lineages (Batalha-Filho *et al*., 2013), as well as the age of certain woody plants, which indicate that organisms from forest environments are older than phylogenetically close organisms from open environments (Souza-Neto *et al*., 2016).

After the separation of the forests, contact routes such as continuous formations or series of forest patches were hypothesized to explain the expansion of forest environments and their connection between AM and AF: the northeastern route, where now the Caatinga biome is located; the center route, probably through the Cerrado; and the southern route, through intermittent forest formations throughout the hydrographic basin of the Paraná river (Bigarella *et al*., 1975; Andrade-Lima, 1982; Por, 1992; Oliveira-Filho & Ratter, 1995; Costa, 2003; Auler *et al*., 2004; Batalha-Filho *et al*., 2013).

Despite the different routes, studies have demonstrated similar disjunct species origin and diversification patterns between AM and AF, such as recent finding for the lizard genus *Anolis* and for plants from the genus *Ficus* L., whose life histories appear to be associated to the formation of forest patches that connected the biomes (Prates *et al*., 2017; Machado *et al*., 2018). In the case of *Piresia*, the northeastern route seems to be the most plausible to explain the contact between biomes, given the absence of representatives of the genus in the Brazilian South and Southeast regions (Fig. 3, I) (Soderstrom, 1982; Judziewicz *et al*., 1999; Carvalho, 2013; Carvalho *et al*., 2020) (Fig. 3).

The disjunction of AM and AF lineages of *Piresia* appears to have happened around 2.52 Mya, in a period marked by the beginning of a large global cooling followed by sequential glacial cycles (Cita, 2008; Cohen & Gibbard, 2019). These climate dynamics and their influence both on forest environments and on the sea level are consistent with the succession of diversification events that occurred internally in the AF group, influencing the formation of AFI, AFII and AFIII lineages found in our study.

The beginning of the diversification happened around 1.87 Mya, with the separation of the AFI lineage (including parti of the members of *P. leptophylla*), in southern Bahia (Una) (Fig. 3). According to inferences from marine isotopes (Cohen & Gibbard, 2019), this period coincides with the beginning of a glaciation during the Pleistocene, marked by global temperature and sea level drops, changes that could have influenced the isolation and diversification of AFI. This is likely because, according to geomorphological data, the region of Una was only lightly influenced by sea level oscillations during glacial cycles in the Pleistocene, which could explain its isolation in the region (Bittencourt *et al*., 1979).

In counterpoint, the regions north and south of Una were intensely remodeled during periods of lower sea level, resulting in the formation of well-developed coastal plains with a series of small islands, lakes and small bays (Bittencourt *et al*., 1979). This hypothesis is in accord to the hypothesis mentioned above that the MI divergent could be related to an adaptive response to the different climate changes the group experienced.

The diversification of the AFII and AFIII lineages coincide with periods of global cooling periods and sea level retraction (Cohen & Gibbard, 2019), that in turn presented relative climatic stability in the northern portion of AF, reflecting in a large refuge area in the biome (Carnaval & Moritz, 2008; Martins, 2011; Staggemeier *et al*., 2015; Menezes *et al*., 2016). Nonetheless, in spite of higher stability, two hypotheses suggest that the organisms might have been influenced differently during the expansion and retraction of the forests in the region, being these the Forest Refuge and Atlantis Forest hypothesis (see Carnaval & Moritz, 2008; Leite *et al*., 2016, respectively).

For the AFII lineage (with the remaining populations of *P. leptophylla*), its diversification is consistent with the Atlantis hypothesis by Leite *et al*. (2016), that postulates that, during glaciation periods, with the retraction of the sea level, and exposure of the continental shelf, forest habitats expanded to the new areas available. This is due to the representatives of the lineage presenting higher adaptability to drier environments (Soderstrom, 1982; Judziewicz *et al*., 1999; Carvalho *et al*., 2020) and thus, the populations could have expanded to drier Restinga areas, closer to the coast, which were more affected by glaciation events (Bittencourt *et al*., 1979; Vilas Bôas, Sampaio & Pereira, 2001; Ramos-Fregonezi *et al*., 2015; Fazolato *et al*., 2017), and then, diversified.

On lineage AFIII, composed by potentially new taxa, the Forest Refuge hypothesis (Carnaval & Moritz, 2008) appears to be adequate to explain its diversification, given their higher dependence for humid forest habitats (Judziewicz *et al*., 1999; Carvalho, 2013; Carvalho *et al*., 2020). This is likely due to global cooling and reduction of stable areas for the taxa to occur, the representatives of the group might have been restricted to forest fragments in a more stable area of the continent, and diversified in relation to the other representatives in the biome (Carvalho, 2013; Carvalho *et al*., 2021).

In that sense, *Piresia* appears to have an evolutionary history that involves both hypotheses, demonstrating that both can be applied to a single group. The occurrence of distinct evolutionary scenarios in phylogenetically related groups, however, is not unusual and has been related to several organisms in the neotropics. Examples include the Rufous-breasted leaftosser *Sclerurus scansor* (Ménétriès, 1835) (Scleruridae), several South American organisms (algae, plants, invertebrates and vertebrates), several groups of neotropical plants and of *Athenaea fasciculata* (Vell.) IMCRodrigues & Stehmann (Solanaceae) (e.g., D'Horta *et al.*, 2011; Turchetto-Zolet *et al*., 2013; Leal, Palma da Silva & Pinheiro, 2016; Mäder *et al.*, 2021, respectively), demonstrating the necessity of studies of this nature in different groups of organisms.

Besides the patterns here described, our study also detected internal dispersal and diversification events in AFII and AFIII for the northern most areas in AF (Fig. 3, II e IV). These two events coincide with drastic cooling periods occurring around 0.84 and 0.15 Mya during Mid Pleistocene (Cohen & Gibbard, 2019), inducing novel adaptive responses within lineages. In a general sense, the northernmost regions closer to the Equator tend to present tamer climate variations during global cooling events, which can influence the dispersal of organisms that occur in higher latitudes to lower latitude regions (Fisher, 1960; Williams *et al*., 1993; Hewitt, 2004).

In the case of AF, although the northern region, as a whole, is considered climatically more stable (Carnaval & Moritz, 2008; Martins, 2011; Staggemeier *et al*., 2015; Menezes *et al*., 2016), different portions could have experienced distinct conditions during global climate changes, mainly during periods with more drastic changes, such as what occurs in the mid Pleistocene (Pisias & Moore, 1981; Clapperton, 1990; Hewitt, 2004). Regions in Southern Bahia, as an example, appear to have undergone higher climate instability when compared to portions of the Northern coast of Bahia and regions further north, given the habitat heterogeneity caused by the larger area of coastal shelf present and exposed in the region (Martins & Coutinho, 1981; Leite *et al*., 2016).

In that sense, during peaks of temperature drop in the mid Pleistocene, representatives of AFII and AFIII could have dispersed to more climatically stable regions up north and further from the coast, as the case of the small group of *Piresia* sp. MLSC 281 and *Piresia* sp. MLSC 309, that are distributed in drier forest regions when compared to the remaining members of the clade (Carvalho, 2013; Carvalho *et al*., 2021) (Fig. 3, II and IV). These lineages could, posteriorly, have experienced isolation and diversification.

These ideas agree with the findings of studies with other taxa, such as a species of Passeriformes that presented an expansion movement to the Northern AF due to latitudinal differences, posteriorly undergoing population bottlenecks and isolation from the Southern lineages (D'Horta *et al*., 2011). In a study involving plants of the genus *Eugenia* sect. *Phyllocalyx* Nied., including ecological distribution modelling, it was also possible to observe changes in the geographic distribution ranges of the genus during the colder periods, with higher retraction on Southern populations, and expansion towards Northern areas (Bünger *et al*., 2016).

So, our data suggests a complex evolutionary history for the representatives of *Piresia* from AF, as hypothesized by Carvalho (2013) and Carvalho *et al*. (2020, 2021), taking into consideration abiotic factors related to climate and its influence in forest formation dynamics, as well as evolutionary pressures that marked the genetics and morphology of the group in a complex mode.

CONCLUSIONS AND PERSPECTIVES

Our results reveal a better resolution of phylogenetic relationships in *Piresia* in the lineage that represents the AF in the Brazilian northeastern region. Although some of the internal relationships still lack resolution, our data made evident how incongruences between datasets might influence the recovery of phylogenies and how the choice of adequate markers and methods can be crucial for the phylogenetic reconstruction.

Our findings appear to agree with the occurrence of homoplasies in regions of the plastid genome, incomplete lineage sorting events and occurrence of differential selective pressures possibly related to climatic adaptations, and for further elucidation, we consider necessary a wider coverage of plastidial genome, the use of single-copy nuclear regions and approaches that involve the study of populations (e.g., phylogeography).

In relation to the biogeographic history of *Piresia*, the evolution and distribution of its representatives appears to be directly associated to changes in climate and the forest dynamics in AM and AF, mainly those occurring during the Pleistocene. The ancestral distribution of the lineages in both biomes seems to involve a scenario with equal probabilities of origin in AM and AF, probably due to a wide origin during the Pliocene, with posterior geographic and genetic disjunction.

The AF lineage appears to have experienced a complex evolutionary history, with distinct distribution expansion and retraction for its populations, which influenced the patterns observed currently, and might be related to the groups occupying different regions of AF with different topologies. This interaction of distinct factors likely promoted the diversification of the lineage into three groups (AFI, AFII and AFIII), and could be responsible for its complex evolutionary history.

ACKNOWLEDGMENTS

We would like to thank the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Brasil (CAPES) – Grant code (001) for the master's scholarship grants to ISDJ (1827020) and for the postdoctoral scholarships granted to SBB (88887.474651/2020-00) and MLSC (PNPD). We would also like to extend our gratitude to the Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) (grant PNE0020/2011) for the funds granted, and to the Programa de Apoio à Pós-Graduação (PROAP) the Post-graduation Program in Biodiversity and Evolution from Universidade Federal da Bahia (Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Evolução, PPGBioEvo – UFBA). We would also like to thank the Laboratório de Evolução e Biogeografia da UFBA (LEBI) coordinated by Prof. Dr. Henrique Batalha-Filho for the support in DNA amplification, and to the Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz - BA) for the support during DNA sequencing. The present study constitutes part of ISDJ's master's dissertation.

REFERENCES

Akaike H. 1974. A new look at the statistical model identification. *IEEE Transactions on Automatic Control* **19:** 716-723.

Aliscioni SS, Giussani LM, Zuloaga FO, Kellogg EA. 2003. A molecular phylogeny of *Panicum* (Poaceae: Paniceae): tests of monophyly and phylogenetic placement within the Panicoideae. *American Journal of Botany* **90:** 796-821.

Álvarez IJFW, Wendel JF. 2003. Ribosomal ITS sequences and plant phylogenetic inference. *Molecular Phylogenetics and Evolution* **29:** 417-434.

Amaral RF, Albers PK, Edwards SV, Miyaki CY. 2013. Multilocus tests of Pleistocene refugia and ancient divergence in a pair of Atlantic Forest antbirds (*Myrmeciza*). *Molecular Ecology* **22:** 3996-4013.

Andrade-Lima DD. 1982. Present-day forest refuges in northeastern Brazil. In: Prance GT, ed. *Biological diversification in the tropics*. New York: Columbia University Press, 245-251.

Antonelli A, Sanmartín I. 2011. Why are there so many plant species in the Neotropics?. *Taxon* **60:** 403-414.

Auler AS, Wang X, Edwards RL, Cheng H, Cristalli PS, Smart PL, Richards DA. 2004. Quaternary ecological and geomorphic changes associated with rainfall events in presently semi-arid northeastern Brazil. *Journal of Quaternary Science* **19:** 693-701.

Barker FK, Lutzoni FM. 2002. The utility of the incongruence length difference test. *Systematic Biology*. **51:** 625–637

Batalha-Filho H, Cabanne GS, Miyaki CY. 2012. Phylogeography of an Atlantic forest passerine reveals demographic stability through the last glacial maximum. *Molecular Phylogenetics and Evolution* **65:** 892-902.

Batalha-Filho H, Fjeldså J, Fabre PH, Miyaki CY. 2013. Connections between the Atlantic and the Amazonian forest avifaunas represent distinct historical events. *Journal of Ornithology.* **154:** 41-50.

Bergsten J. 2005. A review of long-ranch attraction. *Cladistics* **21:** 163-193.

Bezerra HB. 2017. *Estudos biogeográficos em Piresia Swallen (Poaceae, Bambusoideae).* Unpublished Monograph. Universidade Federal da Bahia.

Bigarella JJ, Andrade-Lima D, Riehs PJ. 1975. Considerações a respeito das mudanças paleoambientais na distribuição de algumas espécies vegetais e animais no Brasil. *Anais da Academia Brasileira de Ciências* **47:** 411-464.

Birky CW. 2001. The inheritance of genes in mitochondria and chloroplasts: laws, mechanisms, and models. *Annual Review of Genetics* **35:** 125-148

Bittencourt ADS, Martin L, Vilas Boas GDS, Flexor JM. 1979. Quaternary marine formations of the coast of the state of Bahia (Brazil). In: Suguio K, Fairchild T, Martin L, Flexor JM, eds. *Proceedings of the ''1978 International Symposium on Coastal Evolution in the Quaternary''*. São Paulo: IGCP. 232-253.

Brown KS, Ab'Saber AN. 1979. Ice-age forest refuges and evolution in the neotropics: correlation of paleoclimatological, geomorphological and pedological data with modern biological endemism. *Paleoclimas* **5:** 1-30.

Bouckaert R, Heled J, Kühnert D, Vaughan T, Wu CH, Xie D, Suchard MA, Rambaut A, Drummond AJ. 2014. BEAST 2: a software platform for Bayesian evolutionary analysis. *PLOS Computational Biology* **10:** e1003537.

Burke SV, Clark LG, Triplett JK, Grennan CP, Duvall MR. 2014. Biogeography and phylogenomics of new world Bambusoideae (Poaceae), revisited. *American Journal of Botany* **101:** 886-891.

Camacho GP, Pie MR, Feitosa RM, Barbeitos MS. 2019. Exploring gene tree incongruence at the origin of ants and bees (Hymenoptera). *Zoologica Scripta* **48:** 215-225.

Cantidio LS, Souza AF. 2019. Aridity, soil and biome stability influence plant ecoregions in the Atlantic Forest, a biodiversity hotspot in South America. *Ecography* **42:** 1887-1898.

Cardoso D, Paganucci de Queiroz L, Cavalcante de Lima H, Suganuma E, van den Berg C, Lavin M. 2013. A molecular phylogeny of the vataireoid legumes underscores floral evolvability that is general to many early-branching papilionoid lineages. *American Journal of Botany* **100:** 403-421.

Carnaval AC, Moritz C. 2008. Historical climate modelling predicts patterns of current biodiversity in the Brazilian Atlantic forest. *Journal of Biogeography* **35:** 1187-1201.

Carvalho MLS. 2013. *Estudos biossistemáticos em Piresia Swallen (Poaceae: Bambusoideae: Olyreae)*. Unpublished Ph.D. Thesis, Universidade Estadual de Feira de Santana.

Carvalho MLS, Dórea MC, Pimenta KM, Oliveira RP. 2012. *Piresia palmula*: a new species of herbaceous bamboo (Poaceae, Olyreae) endemic to the Atlantic Rainforest, Southern Bahia, Brazil. *Systematic Botany* **37:** 134-138.

Carvalho MLS, Jesus ISD, Silva RM, Leite KR, Schnadelbach AS, Clark LG, Oliveira RP. 2020. Cryptic speciation in the herbaceous bamboo genus *Piresia* (Poaceae, Olyreae). *Botanical Journal of the Linnean Society* **192:** 82-96.

Carvalho MLS, Jesus ISD, Bezerra HB, Oliveira ILC, van den Berg C, Schnadelbach AS, Clark LG, Oliveira RP. 2021. Phylogenetics of *Piresia* (Poaceae: Bambusoideae) reveals unexpected generic relationships within Olyreae with taxonomic and biogeographic implications. *Taxon* **XX:** 1-23.

Casano LM, Zapata JM, Martín M, Sabater B. 2000. Chlororespiration and poising of cyclic electron transport: plastoquinone as electron transporter between thylakoid NADH dehydrogenase and peroxidase. *Journal of Biological Chemistry* **275:** 942-948.

Castoe TA, Koning AJ, Kim HM, Gu W, Noonan BP, Naylor G, Jiang ZJ, Parkinson CL, Pollock DD. 2009. Evidence for an ancient adaptive episode of convergent molecular evolution. *Proceedings of the National Academy of Sciences* **106:** 8986-8991.

Chase MW, Soltis DE, Olmstead RG, Morgan D, Les DH, Mishler BD, Duvall MR, Price RA, Hills HG, Qiu Y-L, Kron KA, Rettig JH, Conti E, Palmer JD, Manhart JR, Sytsma KJ, Michaels HJ, Kress WJ, Karol KG, Clark WD, Hedren M, Gaut BS, Jansen RK, Kim K-J, Wimpee CF, Smith JF, Furnier GR, Strauss SH, Xiang Q-Y, Plunkett GM, Soltis PS, Swensen SM, Williams SE, Gadek PA, Quinn CJ, Eguiarte LE, Golenberg E, Learn Jr. GH, Graham SW, Barrett SCH, Dayanandan S, Albert VA. 1993. Phylogenetics of seed plants: an analysis of nucleotide sequences from the plastid gene *rbcL*. *Annals of the Missouri Botanical Garden* **80:** 528-580.

Cheng H, Sinha A, Cruz FW, Wang X, Edwards RL, D'Horta FM, Ribas CC, Vuille M, Stott LD, Auler AS. 2013. Climate change patterns in Amazonia and biodiversity. *Nature Communications* **4:** 1411.

Chifman J, Kubatko L. 2014. Quartet inference from SNP data under the coalescent model. *Bioinformatics* **30:** 3317-3324.

Cita MB. 2008. Summary of Italian marine stages. *Episodes Journal of International Geoscience* **31:** 251-254.

Clapperton CM. 1990. Quaternary glaciations in the Southern Hemisphere: an overview. *Quaternary Science Reviews* **9:** 299-304.

Clark LG, Londoño X, Ruiz-Sanchez E. 2015. Bamboo taxonomy and habitat. In: Liese W, Köhl M, eds. *Bamboo: the plant and its uses*. Chamonix: Springer. 1-30.

Clark LG, Zhang W, Wendel JF. 1995. A phylogeny of the grass family (Poaceae) based on *ndhF* sequence data. *Systematic Botany* **20:** 436-460.

Clegg MT, Gaut BS, Learn GH, Morton BR. 1994. Rates and patterns of chloroplast DNA evolution. *Proceedings of the National Academy of Sciences* **91:** 6795-6801

Cohen KM, Gibbard PL. 2019. Global chronostratigraphical correlation table for the last 2.7 million years, version 2019 QI-500. *Quaternary International* **500:** 20-31.

Costa LP. 2003. The historical bridge between the Amazon and the Atlantic Forest of Brazil: a study of molecular phylogeography with small mammals. *Journal of Biogeography* **30:** 71-86.

Cunningham CW. 1997. Can three incongruence tests predict when data should be combined?. *Molecular Biology and Evolution* **14:** 733-740.

D'Horta FM, Cabanne GS, Meyer D, Miyaki CY. 2011. The genetic effects of Late Quaternary climatic changes over a tropical latitudinal gradient: diversification of an Atlantic Forest passerine. *Molecular Ecology* **20:** 1923-1935.

Darlu P, Lecointre G. 2002. When does the incongruence length difference test fail?. *Molecular Biology and Evolution* **19:** 432-437.

De Queiroz A, Gatesy J. 2007. The supermatrix approach to systematics. *Trends in Ecology & Evolution* **22:** 34-41.

Degnan JH, Rosenberg NA. 2006. Discordance of species trees with their most likely gene trees. *PLoS Genet* **2:** e68.

Degnan JH, Rosenberg NA. 2009. Gene tree discordance, phylogenetic inference and the multispecies coalescent. *Trends in Ecology & Evolution* **24:** 332-340.

Donadío S, Giussani LM, Kellogg EA, Zuolaga FO, Morrone O. 2009. A preliminary molecular phylogeny of *Pennisetum* and *Cenchrus* (Poaceae-Paniceae) based on the *trnL-F*, *rpl16* chloroplast markers. *Taxon* **58:** 392-404.

Dong W, Liu J, Yu J, Wang L, Zhou S. 2012. Highly variable chloroplast markers for evaluating plant phylogeny at low taxonomic levels and for DNA barcoding. *PloS One* **7:** e35071.

Donoghue MJ, Ree RH. 2000. Homoplasy and developmental constraint: a model and an example from plants. *American Zoologist* **40:** 759-769.

Doyle JJ, Doyle JL. 1987. A rapid DNA isolation procedure for small quantities of fresh leaf tissue. *Phytochemical Bulletin* **19:** 11-15.

Duval MR, Burke SV, Clark DC. 2019. Plastome phylogenomics of Poaceae: alternate topologies depend on alignment gaps. *Botanical Journal of the Linnean Society* **192:** 9-20.

Edgar RC. 2004. MUSCLE: multiple sequence alignment with high accuracy and high throughput. *Nucleic Acids Research* **32:** 1792-1797.

Edwards SV, Liu L, Pearl DK. 2007. High-resolution species trees without concatenation. *Proceedings of the National Academy of Sciences* **104:** 5936-5941.

Endo T, Shikanai T, Takabayashi A, Asada K, Sato F. 1999. The role of chloroplastic NAD (P) H dehydrogenase in photoprotection. *Febs Letters* **457:** 5-8.

Erixon P, Svennblad B, Britton T, Oxelman B. 2003. Reliability of Bayesian posterior probabilities and bootstrap frequencies in phylogenetics. *Systematic Biology* **52:** 665-673.

Farris JS, Källersjö M, Kluge AG, Bult C. 1994. Testing significance of incongruence. *Cladistics* **10:** 315-319.

Fazolato C, Fernandes F, Batalha-Filho H. 2017. The effects of Quaternary sea-level fluctuations on the evolutionary history of an endemic ground lizard (*Tropidurus hygomi*). *Zoologischer Anzeiger* **270:** 1-8.

Ferreira FM, Oliveira RP, Welker CAD, Dórea MC, Lima ALC, Oliveira ILC, Santos FAR, Clark LG. 2019. Phylogenetic relationships within Parianinae (Poaceae: Bambusoideae: Olyreae) with emphasis on *Eremitis*: evidence from nuclear and plastid DNA sequences, macromorphology, and pollen ectexine patterns. *Molecular Phylogenetics and Evolution* **139:** 106541.

Fisher AE, Triplett JK, Ho CS, Schiller AD, Oltrogge KA, Schroder ES, Kelchner SA, Clark LG. 2009. Paraphyly in the bamboo subtribe Chusqueinae (Poaceae:

Bambusoideae) and a revised infrageneric classification for *Chusquea*. *Systematic Botany* **34:** 673-683.

Fischer AG. 1960. Latitudinal variations in organic diversity. *Evolution* **14:** 64-81.

Fritz SC, Baker PA, Seltzer GO, Ballantyne A, Tapia P, Cheng H, Edwards RL. 2007. Quaternary glaciation and hydrologic variation in the South American tropics as reconstructed from the Lake Titicaca drilling project. *Quaternary Research* **68:** 410-420.

Funk VA. 1985. Phylogenetic patterns and hybridization. *Annals of the Missouri Botanical Garden* **72:** 681-715.

Garzione CN, Hoke GD, Libarkin JC, Withers S, MacFadden B, Eiler J, Ghosh P, Mulch A. 2008. Rise of the Andes. *Science* **320:** 1304-1307.

Gaut BS, Clark LG, Wendel JF, Muse SV. 1997. Comparisons of the molecular evolutionary process at *rbcL* and *ndhF* in the grass family (Poaceae). *Molecular Biology and Evolution* **14:** 769-777.

Giussani LM, Zuloaga FO, Quarín CL, Cota-Sánchez JH, Ubayasena K, Morrone O. 2009. Phylogenetic relationships in the genus *Paspalum* (Poaceae: Panicoideae: Paniceae): an assessment of the *Quadrifaria* and *Virgata* informal groups. *Systematic Botany* **34:** 32-43.

Gonçalves DJ, Simpson BB, Ortiz EM, Shimizu GH, Jansen RK. 2019. Incongruence between gene trees and species trees and phylogenetic signal variation in plastid genes. *Molecular Phylogenetics and Evolution* **138:** 219-232.

Haffer J. 1969. Speciation in Amazonian forest birds. *Science* **165:** 131-137.

Haffer J. 1974. *Avian speciation in tropical America.* Cambridge: Nuttal Ornithological Club.

Hewitt GM. 2004. Genetic consequences of climatic oscillations in the Quaternary. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences* **359:** 183-195.

Hewitt GM. 2004. Genetic consequences of climatic oscillations in the Quaternary. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences* **359:** 183-195.

Hoorn C, Wesselingh FP, Ter Steege H, Bermudez MA, Mora A, Sevink J, Sanmartín I, Sanchez-Meseguer A, Anderson CL, Figueiredo JP, Jaramillo C, Riff D, Negri FR, Hooghiemstra H, Lundberg J, Stadler T, Särkinen T, Antonelli A. 2010. Amazonia through time: Andean uplift, climate change, landscape evolution, and biodiversity. *Science* **330:** 927-931.

Ivanova Z, Sablok G, Daskalova E, Zahmanova G, Apostolova E, Yahubyan G, Baev V. 2017. Chloroplast genome analysis of resurrection tertiary relict *Haberlea rhodopensis* highlights genes important for desiccation stress response. *Frontiers in Plant Science* **8:** 204.

Jansen RK, Raubeson LA, Boore JL, Depamphilis CW, Chumley TW, Haberle RC, Wyman SK, Alverson AJ, Peery R, Herman SJ, Fourcade HM, Kuehl JV, McNeal JR, Leebens-Mack J, Cui L. 2005. Methods for obtaining and analyzing whole chloroplast genome sequences. *Methods in Enzymology* **395:** 348-384.

Jansen RK; Ruhlman TA. 2012. Plastid genomes of seed plants. In: Bock R, Knoop V, eds. *Genomics of chloroplasts and mitochondria.* Dordrecht: Springer. 103-126.

Jeffroy O, Brinkmann H, Delsuc F, Philippe H. 2006. Phylogenomics: the beginning of incongruence?. *TRENDS in Genetics* **22:** 225-231.

Jesus ISD. 2017. *Estudos filogeográficos em Piresia leptophylla Soderstr. (Poaceae, Bambusoideae).* Unpublished Monograph. Universidade Federal da Bahia.

Joët T, Cournac L, Peltier G, Havaux M. 2002. Cyclic Electron Flow around Photosystem I in C3Plants. In Vivo Control by the Redox State of Chloroplasts and Involvement of the NADH-Dehydrogenase Complex. *Plant Physiology* **128:** 760-769.

Judziewicz EJ, Clark LG. 2007. Classification and biogeography of new world grasses: Anomochlooideae, Pharoideae, Ehrhartoideae, and Bambusoideae. *Aliso* **23:** 303-314.

Judziewicz EJ, Clark LG, Londoño X, Stern MJ. 1999. *American bamboos*. Washington: Smithsonian Institution Press.

Kelchner SA, Wendel JF. 1996. Hairpins create minute inversions in non-coding regions of chloroplast DNA. *Current Genetics* **30:** 259-262.

Kelchner SA, Clark LG. 1997. Molecular evolution and phylogenetic utility of the chloroplast *rpL16* intron in *Chusquea* and the Bambusoideae (Poaceae). *Molecular Phylogenetics and Evolution* **8:** 385-397.

Kelchner SA, BPG. 2013. Higher level phylogenetic relationships within the bamboos (Poaceae: Bambusoideae) based on five plastid markers. *Molecular Phylogenetics and Evolution* **67:** 404-413.

Kim KJ, Jansen RK. 1995. *ndhF* sequence evolution and the major clades in the sunflower family. *Proceedings of the National Academy of Sciences* **92:** 10379-10383.

Kim ST, Donoghue MJ. 2008. Molecular phylogeny of *Persicaria* (Persicarieae, Polygonaceae). *Systematic Botany* **33:** 77-86.

Knowles LL. 2004. The burgeoning field of statistical phylogeography. *Journal of Evolutionary Biology* **17:** 1-10.

Kumar S, Baranwal VK, Singh P, Jain RK, Sawant SD, Singh SK. 2012. Letter to the Editor: Characterization of a Grapevine leafroll-associated virus 3 from India showing incongruence in its phylogeny. *Virus Genes* **45:** 195-200.

Kumar S, Stecher G, Tamura K. 2016. MEGA7: Molecular Evolutionary Genetics Analysis version 7.0 for bigger datasets. *Molecular Phylogenetics and Evolution* **33:** 1870-1874.

Landis MJ, Matzke NJ, Moore BR, Huelsenbeck JP. 2013. Bayesian analysis of biogeography when the number of areas is large. *Systematic Biology* **62:** 789-804.

Lascano HR, Casano LM, Martın M, Sabater B. 2003. The activity of the chloroplastic Ndh complex is regulated by phosphorylation of the NDH-F subunit. *Plant Physiology* **132:** 256-262.

Leal BSS, Palma da Silva C, Pinheiro F. 2016. Phylogeographic studies depict the role of space and time scales of plant speciation in a highly diverse Neotropical region. *Critical Reviews in Plant Sciences* **35:** 215-230.

Ledo RMD, Colli GR. 2017. The historical connections between the Amazon and the Atlantic Forest revisited. *Journal of Biogeography* **44:** 2551-2563.

Leite YL, Costa LP, Loss AC, Rocha RG, Batalha-Filho H, Bastos AC, Quaresma VS, Fagundes V, Passamani M, Pardini R. 2016. Neotropical forest expansion during the last glacial period challenges refuge hypothesis. *Proceedings of the National Academy of Sciences* **113:** 1008-1013.

Machado AFP, Rønsted N, Bruun-Lund S, Pereira RAS, de Queiroz LP. 2018. Atlantic forests to the all Americas: biogeographical history and divergence times of Neotropical *Ficus* (Moraceae). *Molecular Phylogenetics and Evolution* **122:** 46-58.

Maddison WP. 1997. Gene trees in species trees. *Systematic Biology* **46:** 523-536.

Maddison WP, Knowles LL. 2006. Inferring phylogeny despite incomplete lineage sorting. *Systematic Biology* **55:** 21-30.

Mäder G, Zamberlan PM, Segatto ALA, Stehmann JR, Bonatto SL, Freitas LB. 2021. When phylogeography meets niche suitability to unravel the evolutionary history of a shrub from the Brazilian Atlantic Forest. *Botanical Journal of the Linnean Society* **195:** 77-92.

Mallet J. 2007. Hybrid speciation. *Nature* **446:** 279-283.

Mallet J, Besansky N, Hahn MW. 2016. How reticulated are species?. *BioEssays* **38:** 140-149.

Martín M, Casano LM, Sabater B. 1996. Identification of the product of *ndhA* gene as a thylakoid protein synthesized in response to photooxidative treatment. *Plant and Cell Physiology* **37:** 293-298.

Martín M, Casano LM, Zapata JM, Guéra A, Del Campo EM, Schmitz-Linneweber C, Maier RM, Sabater B. 2004. Role of thylakoid Ndh complex and peroxidase in the protection against photo-oxidative stress: fluorescence and enzyme activities in wild-type and *ndhF*-deficient tobacco. *Physiologia Plantarum* **122:** 443-452.

Martín M, Funk HT, Serrot PH, Poltnigg P, Sabater B. 2009. Functional characterization of the thylakoid Ndh complex phosphorylation by site-directed mutations in the *ndhF* gene. *Biochimica et Biophysica Acta (BBA)-Bioenergetics* **1787:** 920-928.

Martín M, Noarbe DM, Serrot PH, Sabater B. 2015. The rise of the photosynthetic rate when light intensity increases is delayed in *ndh* gene-defective tobacco at high but not at low CO2 concentrations. *Frontiers in Plant Science* **6:** 34.

Martins FM. 2011. Historical biogeography of the Brazilian Atlantic forest and the Carnaval–Moritz model of Pleistocene refugia: what do phylogeographical studies tell us? *Biological Journal of the Linnean Society* **104:** 499-509.

Martins LR, Coutinho PN. 1981. The Brazilian continental margin. *Earth-Science Reviews* **17:** 87-107.

Mason-Gamer RJ, Kellogg EA. 1996. Testing for phylogenetic conflict among molecular data sets in the tribe Triticeae (Gramineae). *Systematic Biology* **45:** 524-545.

Matzke NJ. 2013. Probabilistic historical biogeography: new models for founder-event speciation, imperfect detection, and fossils allow improved accuracy and model-testing. *Frontiers in Biogeography* **5:** 242-248.

Matzke NJ. 2014. Model selection in historical biogeography reveals that founder-event speciation is a crucial process in island clades. *Systematic Biology* **63:** 951-970.

Menezes L, Canedo C, Batalha-Filho H, Garda AA, Gehara M, Napoli MF. 2016. Multilocus phylogeography of the treefrog *Scinax eurydice* (Anura, Hylidae) reveals a Plio-Pleistocene diversification in the Atlantic forest. *PloS One* **11:** e0154626.

Miller MA, Pfeiffer W, Schwartz, T. 2010. Creating the CIPRES Science Gateway for inference of large phylogenetic trees. *Gateway Computing Environments Workshop (GCE)*. New Orleans, LA, pp. 1-8.

Mirarab S, Warnow T. 2015. ASTRAL-II: coalescent-based species tree estimation with many hundreds of taxa and thousands of genes. *Bioinformatics* **31:** i44-i52.

Morley RJ. 2000. *Origin and evolution of tropical rain forests*. New York: Wiley.

Morrone JJ. 2014. Biogeographical regionalisation of the Neotropical region. *Zootaxa* **3782:** 1-110.

Ness RW, Graham SW, Barrett SCH. 2011. Reconciling gene and genome duplication events: using multiple nuclear gene families to infer the phylogeny of the aquatic plant family Pontederiaceae. *Molecular Biology and Evolution* **28:** 3009-3018.

Niu YT, Jabbour F, Barrett RL, Ye JF, Zhang ZZ, Lu KQ, Li ML, Chen ZD. 2018. Combining complete chloroplast genome sequences with target loci data and morphology to resolve species limits in *Triplostegia* (Caprifoliaceae). *Molecular Phylogenetics and Evolution* **129:** 15-26.

Nylander JAA. 2004. *MrModeltest, version 2. Program distributed by the author.* Uppsala: Evolutionary Biology Centre, Uppsala University.

Oliveira ILC, Matos AO, Silva C, Carvalho MLS, Tyrrell CD, Clark LG, Oliveira RP. 2020. Delving deeper into the phylogenetics of the herbaceous bamboos (Poaceae, Bambusoideae, Olyreae): evaluation of generic boundaries within the *Parodiolyra*/*Raddiella* clade uncovers a new genus. *Botanical Journal of the Linnean Society* **192:** 61-81.

Oliveira RP, Clark LG, Schnadelbach AS, Monteiro SH, Borba EL, Longhi-Wagner HM, van den Berg C. 2014. A molecular phylogeny of *Raddia* and its allies within the tribe Olyreae (Poaceae, Bambusoideae) based on noncoding plastid and nuclear spacers. *Molecular Phylogenetics and Evolution* **78:** 105-117.

Oliveira RP, Silva C, Welker CA, Dórea MDC, Oliveira IL, Vieira JP, Leite KRB, Clark LG. 2020. Reinterpreting the phylogenetic position, systematics and distribution of the *Raddia-Sucrea* lineage (Poaceae, Olyrinae), with a new monotypic and endangered herbaceous bamboo genus from Brazil. *Botanical Journal of the Linnean Society* **192:** 34-60.

Oliveira-Filho AT, Ratter JA. 1995. A study of the origin of central Brazilian forests by the analysis of plant species distribution patterns. *Edinburgh Journal of Botany* **52:** 141-194.

Olmstead RG, Palmer JD. 1994. Chloroplast DNA systematics: a review of methods and data analysis. *American Journal of Botany* **81:** 1205-1224.

Olmstead RG, Sweere JA. 1994. Combining data in phylogenetic systematics: an empirical approach using three molecular data sets in the Solanaceae. *Systematic Biology* **43:** 467-481.

Pamilo P, Nei M. 1988. Relationships between gene trees and species trees. *Molecular Biology and Evolution* **5:** 568-583.

Panahi M, Banasiak Ł, Piwczyński M, Puchałka R, Kanani MR, Oskolski AA, Modnicki D, Miłobędzka A, Spalik K. 2018. Taxonomy of the traditional medicinal plant genus *Ferula* (Apiaceae) is confounded by incongruence between nuclear rDNA and plastid DNA. *Botanical Journal of the Linnean Society* **188:** 173-189.

Paz A, Spanos Z, Brown JL, Lyra M, Haddad C, Rodrigues M, Carnaval A. 2019. Phylogeography of Atlantic Forest glassfrogs (*Vitreorana*): when geography, climate dynamics and rivers matter. *Heredity* **122:** 545-557.

Pellegrino KC, Rodrigues MT, Waite AN, Morando M, Yassuda YY, Sites Jr JW. 2005. Phylogeography and species limits in the *Gymnodactylus darwinii* complex (Gekkonidae, Squamata): genetic structure coincides with river systems in the Brazilian Atlantic Forest. *Biological Journal of the Linnean Society* **85:** 13-26.

Pelser PB, Kennedy AH, Tepe EJ, Shidler JB, Nordenstam B, Kadereit JW, Watson LE. 2010. Patterns and causes of incongruence between plastid and nuclear Senecioneae (Asteraceae) phylogenies. *American Journal of Botany* **97:** 856-873.

Pennington RT, Lavin M, Prado DE, Pendry CA, Pell SK, Butterworth CA. 2004. Historical climate change and speciation: neotropical seasonally dry forest plants show patterns of both Tertiary and Quaternary diversification. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London. Series B: Biological Sciences* **359:** 515-538.

Petit JR, Jouzel J, Raynaud D, Barkov NI, Barnola JM, Basile I, Bender M, Chappellaz J, Davis M, Delaygue G, Delmotte M, Kotlyakov M, Legrand M, Lipenkov VY, Lorius C, Pépin L, Ritz C, Saltzman E, Stievenard M. 1999. Climate and atmospheric history of the past 420,000 years from the Vostok ice core, Antarctica. *Nature* **399:** 429-436.

Pisias NG, Moore TC. 1981. The evolution of Pleistocene climate: a time series approach. *Earth and Planetary Science Letters* **52:** 450-458.

Pollard DA, Iyer VN, Moses AM, Eisen MB. 2006. Widespread discordance of gene trees with species tree in Drosophila: evidence for incomplete lineage sorting. *PLoS Genet* **2:** e173.

Por FD. 1992. *Sooretama: the Atlantic rain forest of Brazil.* The Hague: SPB Academic Publishing.

Prates I, Melo-Sampaio PR, de Oliveira Drummond L, Teixeira Jr M, Rodrigues MT, Carnaval AC. 2017. Biogeographic links between southern Atlantic Forest and western South America: rediscovery, re-description, and phylogenetic relationships of two rare montane anole lizards from Brazil. *Molecular Phylogenetics and Evolution* **113:** 49-58.

R Core Team. 2018. *R: a language and environment for statistical computing*. Vienna: R Foundation for Statistical Computing.

Rambaut A, Drummond AJ. 2009. *Tracer: MCMC trace analysis tool, version 1.5.0. Program distributed by the author.* Oxford: University of Oxford.

Rambaut, A. 2014. *FigTree: Tree figure drawing tool, version 1. 4.2. Program distribuited by the author*. Edinburgh: Institute of Evolutionary Biology, University of Edinburgh.

Ramos-Fregonezi AM, Fregonezi JN, Cybis GB, Fagundes NJ, Bonatto SL, Freitas LB. **2015.** Were sea level changes during the Pleistocene in the South Atlantic Coastal Plain a driver of speciation in *Petunia* (Solanaceae)?. *BMC Evolutionary Biology* **15:** 92.

Ree RH, Smith S. 2008. Maximum-likelihood inference of geographic range evolution by dispersal, local extinction, and cladogenesis. *Systematic Biology* **57:** 4-14.

Ronquist F. 1997. Dispersal-vicariance analysis: A new approach to the quantification of historical biogeography. *Systematic Biology* **46:** 195-203.

Ronquist F, Teslenko M, Van Der Mark P, Ayres DL, Darling A, Höhna S, Larget B, Liu L, Suchard M, Huelsenbeck JP. 2012. MrBayes 3.2: efficient Bayesian phylogenetic inference and model choice across a large model space. *Systematic Biology* **61:** 539-542.

Rosenberg NA. 2002. The probability of topological concordance of gene trees and species trees. *Theoretical Population Biology* **61:** 225-247.

Ruhlman TA, Zhang J, Blazier JC, Sabir JS, Jansen RK. 2017. Recombination-dependent replication and gene conversion homogenize repeat sequences and diversify plastid genome structure. *American Journal of Botany* **104:** 559-572.

Ruhfel BR, Gitzendanner MA, Soltis PS, Soltis DE, Burleigh JG. 2014. From algae to angiosperms–inferring the phylogeny of green plants (Viridiplantae) from 360 plastid genomes. *BMC Evolutionary Biology* **14:** 1-27.

Rumeau D, Bécuwe-Linka N, Beyly A, Louwagie M, Garin J, Peltier G. 2005. New subunits NDH-M, -N, and -O, encoded by nuclear genes, are essential for plastid Ndh complex functioning in higher plants. *The Plant Cell* **17:** 219-232.

Saarela JM, Burke SV, Wysocki WP, Barrett MD, Clark LG, Craine JM, Peterson PM, Soreng RJ, Vorontsova MS, Duvall MR. 2018. A 250 plastome phylogeny of the grass family (Poaceae): topological support under different data partitions. *PeerJ* **6:** e4299.

Saitou N, Nei M. 1986. The number of nucleotides required to determine the branching order of three species, with special reference to the human-chimpanzee-gorilla divergence. *Journal of Molecular Evolution* **24:** 189-204.

Sambrook J, Fritsch EF, Maniatis T. 1989. *Molecular cloning: a laboratory manual*. Huntington: Cold Spring Harbor Laboratory Press.

Sanderson MJ, Donoghue MJ. 1989. Patterns of variation in levels of homoplasy. *Evolution* **43:** 1781-1795.

Sang T. 2002. Utility of low-copy nuclear gene sequences in plant phylogenetics. *Critical Reviews in Biochemistry and Molecular Biology* **37:** 121-147.

Sazanov L, Burrows PA, Nixon PJ. 1998. The plastid ndh genes code for a NADH-specific dehydrogenase: purification and characterization of a mitochondrial-like complex I from pea thylakoid membranes. *Proceedings of the National Academy of Sciences* **95:** 1319-1324.

Schaal BA, Hayworth DA, Olsen KM, Rauscher JT, Smith WA. 1998. Phylogeographic studies in plants: problems and prospects. *Molecular Ecology* **7:** 465-474.

Shaw J, Lickey EB, Beck JT, Farmer SB, Liu W, Miller J, Siripun KC, Winder CT, Schilling EE, Small RL. 2005. The tortoise and the hare II: relative utility of 21 noncoding chloroplast DNA sequences for phylogenetic analysis. *American Journal of Botany* **92:** 142-166.

Shaw J, Lickey EB, Schilling EE, Small RL. 2007. Comparison of whole chloroplast genome sequences to choose noncoding regions for phylogenetic studies in angiosperms: the tortoise and the hare III. *American Journal of Botany* **94:** 275-288.

Shimodaira H, Hasegawa M. 1999. Multiple comparisons of loglikelihoods with applications to phylogenetic inference. *Molecular Biology and Evolution* **16:** 1114-1116.

Slatkin M, Pollack JL. 2008. Subdivision in an ancestral species creates asymmetry in gene trees. *Molecular Biology and Evolution* **25:** 2241-2246.

Small RL, Cronn RC, Wendel JF. 2004. Use of nuclear genes for phylogeny reconstruction in plants. *Australian Systematic Botany* **17:** 145-170.

Smith JA, Finkel RC, Farber DL, Rodbell DT, Seltzer GO. 2005. Moraine preservation and boulder erosion in the tropical Andes: interpreting old surface exposure ages in glaciated valleys. *Journal of Quaternary Science* **20:** 735-758.

Sobral-Souza T, Lima-Ribeiro MS, Solferini VN. 2015. Biogeography of Neotropical Rainforests: past connections between Amazon and Atlantic Forest detected by ecological niche modeling. *Evolutionary Ecology* **29:** 643-655.

Soderstrom TR. 1982. New species of *Cryptochloa* and *Piresia* (Poaceae: Bambusoideae). *Brittonia* **34:** 199-209.

Soderstrom TR. 1984. In quest of the pygmy bamboos. *Fairchild Tropical Garden Bulletin* **39:** 6-12.

Soderstrom TR, Calderón CE. 1974. Primitive forest grasses and evolution of the Bambusoideae. *Biotropica* **6:** 141-153.

Soltis DE, Kuzoff RK. 1995. Discordance between nuclear and chloroplast phylogenies in the *Heuchera* group (Saxifragaceae). *Evolution* **49:** 727-742.

Soreng RJ, Peterson PM, Romaschenko K, Davidse G, Teisher JK, Clark LG, Barberá P, Gillespie LJ, Zuloaga FO. 2017. A worldwide phylogenetic classification of the Poaceae (Gramineae) II: An update and a comparison of two 2015 classifications. *Journal of Systematics and Evolution* **55:** 259-290.

Soumaya RC, Sarra C, Salwa ZA, Khaled C, Khaled S. 2014. Molecular polymorphism and phylogenetic relationships within Tunisian date palm (*Phoenix dactylifera* L.): evidence of non-coding *trnL-trnF* regions of chloroplast DNAs. *Scientia Horticulturae.* **170:** 32-38.

Souza-Neto AC, Cianciaruso MV, Collevatti RG. 2016. Habitat shifts shaping the diversity of a biodiversity hotspot through time: insights from the phylogenetic structure of Caesalpinioideae in the Brazilian Cerrado. *Journal of Biogeography* **43:** 340-350.

Staggemeier VG, Diniz-Filho JAF, Forest F, Lucas E. 2015. Phylogenetic analysis in *Myrcia* section *Aulomyrcia* and inferences on plant diversity in the Atlantic rainforest. *Annals of Botany* **115:** 747-761.

Stamatakis A. 2014. RAxML version 8: a tool for phylogenetic analysis and post-analysis of large phylogenies. *Bioinformatics* **30**: 1312-1313.

Strömberg CAE. 2005. Decoupled taxonomic radiation and ecological expansion of open-habitat grasses in the Cenozoic of North America. *Proceedings of the National Academy of Sciences* **102:** 11980-11984.

Sun M, Soltis DE, Soltis PS, Zhu X, Burleigh JG, Chen Z. 2015. Deep phylogenetic incongruence in the angiosperm clade Rosidae. *Molecular Phylogenetics and Evolution* **83:** 156-166.

Swallen JR. 1964. Two New Genera of Olyreae from South America. *Phytologia* **11:** 152-153.

Swofford DL. 2002. *PAUP*: Phylogenetic analysis using parsimony (*and other methods), version 4.0 Beta.* Sunderland: Sinauer.

Taberlet P, Gielly L, Pautou G, Bouvet J. 1991. Universal primers for amplification of three non-coding regions of chloroplast DNA. *Plant Molecular Biology* **17:** 1105-1109.

Thiers B. 2021 and continuously updated. *Index Herbariorum: A global directory of 15 public herbaria and associated staff.* New York Botanical Garden's Virtual Herbarium. Available at: http://sweetgum.nybg.org/ih/.

Thomé MTC, Zamudio KR, Giovanelli JG, Haddad CF, Baldissera Jr FA, Alexandrino J. 2010. Phylogeography of endemic toads and post-Pliocene persistence of the Brazilian Atlantic Forest. *Molecular Phylogenetics and Evolution* **55:** 1018-1031.

Thomé MTC, Sequeira F, Brusquetti F, Carstens B, Haddad CF, Rodrigues MT, Alexandrino J. 2016. Recurrent connections between Amazon and Atlantic forests shaped diversity in Caatinga four-eyed frogs. *Journal of Biogeography* **43:** 1045-1056.

Townsend JP. 2007. Profiling phylogenetic informativeness. *Systematic Biology* **56:** 222-231.

Turchetto-Zolet AC, Pinheiro F, Salgueiro F, Palma-Silva C. 2013. Phylogeographical patterns shed light on evolutionary process in South America. *Molecular Ecology* **22:** 1193-1213.

Tyrrell CD, Santos-Gonçalves AP, Londoño X, Clark LG. 2012. Molecular phylogeny of the arthrostylidioid bamboos (Poaceae: Bambusoideae: Bambuseae: Arthrostylidiinae) and new genus *Didymogonyx*. *Molecular Phylogenetics and Evolution* **65:** 136-148.

Vanzolini PE, Williams EE. 1970. South American anoles: the geographic differentiation and evolution of the Anolis chrysolepis species group (Sauria, Iguanidae). *Arquivos de Zoologia* **19:** 125-298.

Vilas Bôas, GS, Sampaio FJ, Pereira A. 2001. The Barreiras Group in the Northeastern coast of the State of Bahia, Brazil: depositional mechanisms and processes. *Anais da Academia Brasileira de Ciências* **73:** 417-427.

Wang W, Chen S, Zhang X. 2018. Whole-genome comparison reveals divergent IR borders and mutation hotspots in chloroplast genomes of herbaceous bamboos (Bambusoideae: Olyreae). *Molecules* **23:** 1537.

Wang W, Chen S, Guo W, Li Y, Zhang X. 2020. Tropical plants evolve faster than their temperate relatives: a case from the bamboos (Poaceae: Bambusoideae) based on chloroplast genome data. *Biotechnology & Biotechnological Equipment* **34:** 482-493.

Wen J, Harris AJ, Kalburgi Y, Zhang N, Xu Y, Zheng W, Ickert-Bond, SM, Johnson G, Zimmer EA. 2018. Chloroplast phylogenomics of the New World grape species (*Vitis*, Vitaceae). *Journal of Systematics and Evolution* **56:** 297-308.

Whitfield JB, Lockhart PJ. 2007. Deciphering ancient rapid radiations. *Trends in Ecology & Evolution* **22:** 258-265.

Whitmore TC, Prance GT. 1987. *Biogeography and Quaternary history in tropical America*. Oxford: Clarendon Press.

Williams MA, Dunkerley D, De Deckker P, Kershaw A, Stokes TJ. 1993. *Quaternary environments*. London: Edward Arnold Publishers Ltd.

Wolfe AD, Randle CP. 2004. Recombination, heteroplasmy, haplotype polymorphism, and paralogy in plastid genes: implications for plant molecular systematics. *Systematic Botany* **29:** 1011-1020.

Wolfe KH, Li WH, Sharp PM. 1987. Rates of nucleotide substitution vary greatly among plant mitochondrial, chloroplast, and nuclear DNAs. *Proceedings of the National Academy of Sciences* **84:** 9054-9058.

Xi Z, Liu L, Davis CC. 2015. Genes with minimal phylogenetic information are problematic for coalescent analyses when gene tree estimation is biased. *Molecular Phylogenetics and Evolution* **92:** 63-67.

Xia J, Guo Z, Yang Z, Han H, Wang S, Xu H, Yang X, Yang F, Wu Q, Xie W, Zhou X, Dermauw W, Turlings TCJ, Zhang, Y. 2021. Whitefly hijacks a plant detoxification gene that neutralizes plant toxins. *Cell* **184:** 1693-1705.

Xu B, Wu N, Gao XF, Zhang LB. 2012. Analysis of DNA sequences of six chloroplast and nuclear genes suggests incongruence, introgression, and incomplete lineage sorting in the evolution of *Lespedeza* (Fabaceae). *Molecular Phylogenetics and Evolution* **62:** 346-358.

Xu Z, Jiang Y, Zhou G. 2015. Response and adaptation of photosynthesis, respiration, and antioxidant systems to elevated CO2 with environmental stress in plants. *Frontiers in Plant Science* **6:** 701.

Yang HM, Zhang YX, Yang JB, Li DZ. 2013. The monophyly of *Chimonocalamus* and conflicting gene trees in Arundinarieae (Poaceae: Bambusoideae) inferred from four plastid and two nuclear markers. *Molecular Phylogenetics and Evolution* **68:** 340-356.

Zachos J, Pagani M, Sloan L, Thomas E, Billups K. 2001. Trends, rhythms, and aberrations in global climate 65 Ma to present. *Science* **292:** 686-693.

Zeng CX, Zhang YX, Triplett JK, Yang JB, Li DZ. 2010. Large multi-locus plastid phylogeny of the tribe Arundinarieae (Poaceae: Bambusoideae) reveals ten major lineages and low rate of molecular divergence. *Molecular Phylogenetics and Evolution* **56:** 821-839.

Zhang J, Kumar S. 1997. Detection of convergent and parallel evolution at the amino acid sequence level. *Molecular Biology and Evolution* **14:** 527-536.

Zhang W. 2000. Phylogeny of the grass family (Poaceae) from *rpl16* intron sequence data. *Molecular Phylogenetics and Evolution* **15:** 135-146.

Zhang YJ, Ma PF, Li DZ. 2011. High-throughput sequencing of six bamboo chloroplast genomes: phylogenetic implications for temperate woody bamboos (Poaceae: Bambusoideae). *PloS One* **6:** e20596.

Zhang YQ, Zhou Y, Hou XQ, Huang L, Kang JQ, Zhang JQ, Ren Y. 2019. Phylogeny of *Fargesia* (Poaceae: Bambusoideae) and infrageneric adaptive divergence inferred from three cpDNA and nrITS sequence data. *Plant Systematics and Evolution* **305:** 61-75.

Zhang YX, Zeng CX, Li DZ. 2012. Complex evolution in Arundinarieae (Poaceae: Bambusoideae): Incongruence between plastid and nuclear *GBSSI* gene phylogenies. *Molecular Phylogenetics and Evolution* **63:** 777-797.

Zhou MY, Zhang YX, Haevermans T, Li DZ. 2017. Towards a complete generic-level plastid phylogeny of the paleotropical woody bamboos (Poaceae: Bambusoideae). *Taxon* **66:** 539-553.

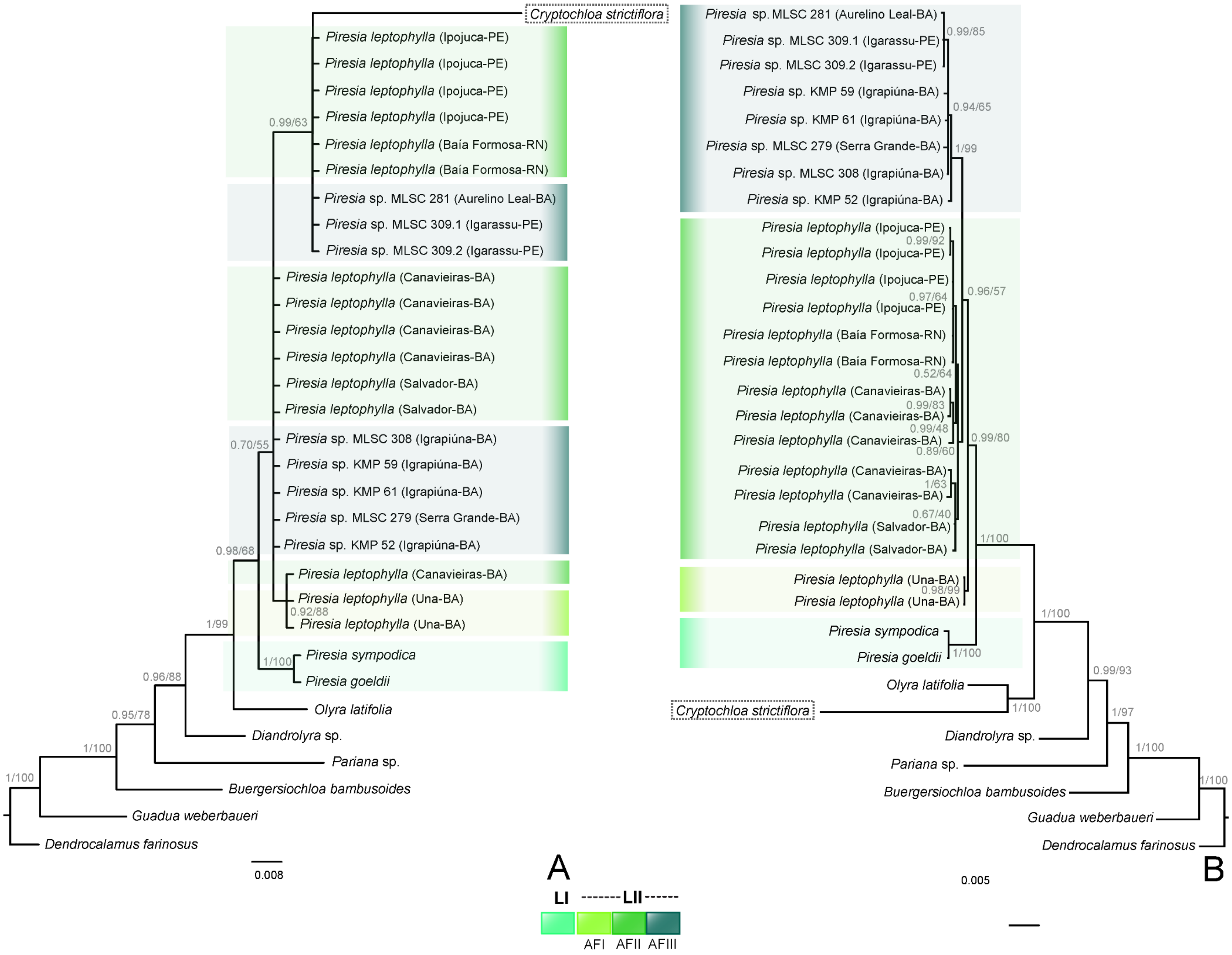
Zhou Y, Zhang YQ, Xing XC, Zhang JQ, Ren Y. 2019. Straight from the plastome: molecular phylogeny and morphological evolution of *Fargesia* (Bambusoideae: Poaceae). *Frontiers in Plant Science* 10, 981.

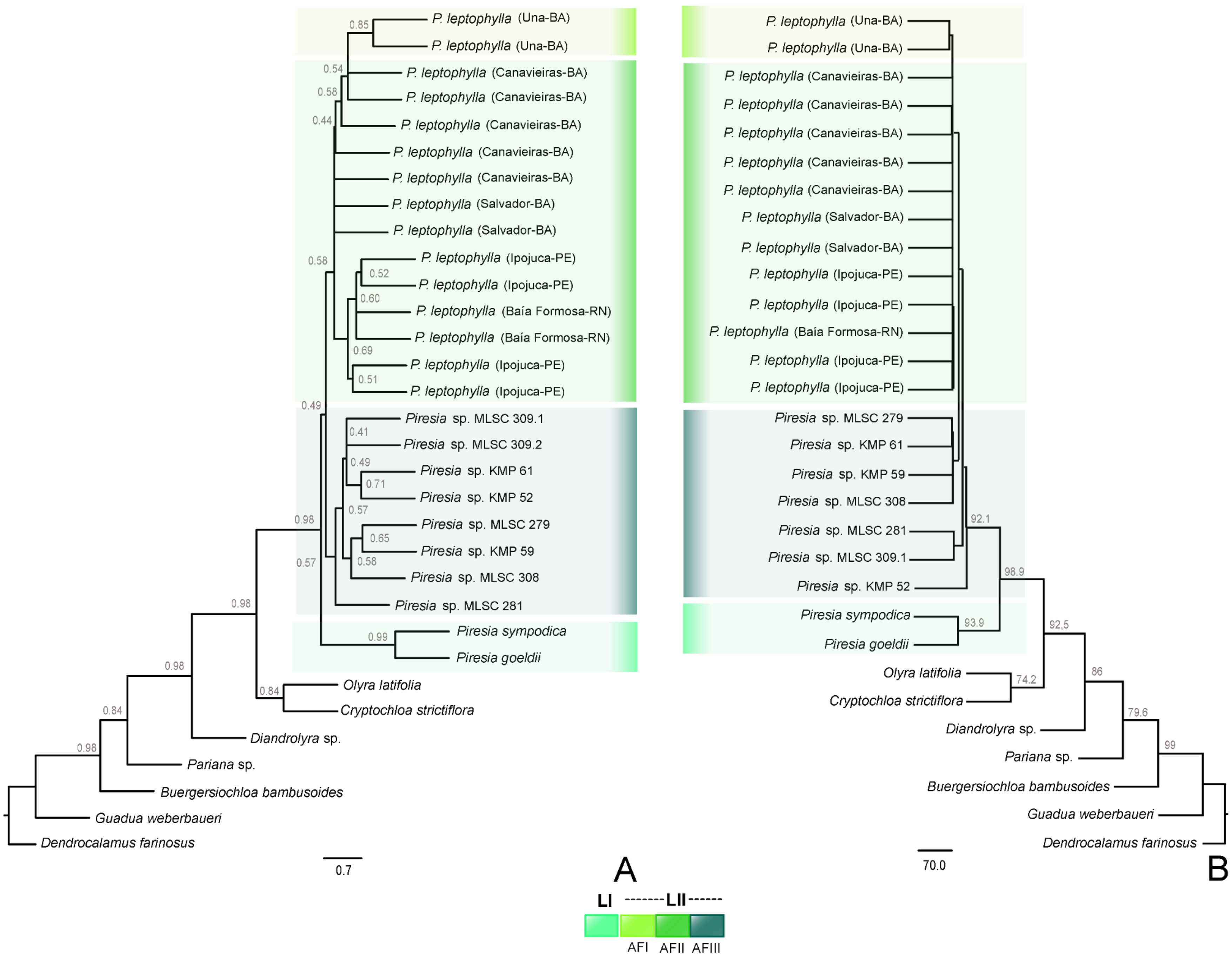
Figure legends

Figure 1. Comparison of the topologies obtained through Maximum Likelihood (ML) and Bayesian Inference (BI) for the spacer *rpL32-trnL* and the combined dataset. A, Data from the plastid spacer *rpL32-trnL*. B, Data from combined plastid (*nhdF, rpL16, trnD-trnT, trnL-trnF*) and nuclear (*LEAFY*) DNA regions. Values presented at each node represent the posterior probability of BI and bootstrap values for ML, respectively separated by a slash ("/"). Acronyms and different colors represent the recovered lineages: LI, lineage from AM and LII lineage from AF (*sensu* Carvalho *et al*., 2020); AFI, AFII and AFIII, lineages of LII.

Figure 2. Comparison of the species trees reconstructed through ASTRAL-II and SVDquartets for the combined plastid (*nhdF, rpL16, trnD-trnT, trnL-trnF*) and nuclear (*LEAFY*) DNA data. A, topology obtained through ASTRAL-II with Local Posterior Probability (LPP) values on each node. B, Topology obtained through SVDquartets with bootstrap values in each node. Different acronyms and colors represent the recovered lineages: LI, lineage from AM and LII lineage from AF (*sensu* Carvalho *et al*., 2020); AFI, AFII and AFIII, lineages of LII.

Figure 3. Divergence time estimation based on nuclear and plastid DNA regions, secondary calibrations and estimation of ancestral areas. Ancestral areas were inferred using the DIVALIKE+J model. The bars on each branch represent the 95% HPD (*Highest Posterior Density*) confidence interval for divergence times. Map with the areas utilized for the inference of ancestor nodes. The colors in the map and nodes represent the areas *sensu* Morrone (2014) and Cantidio & Souza (2019): light yellow, Roraima; darker yellow, Pará; light blue, Ecoregion 1; blue, Ecoregion 2; deep blue, Ecoregion 3. Arrows, full and dotted lines and number represent the events: double arrow with continuous line (I), wide origin between biomes; single arrow with dotted line (II, III e IV), wide dispersal events. Plei, Pleistocene. The tracing besides the lineages and their different colors and acronyms represents the lineages found in LII: AFI, AFII and AFIII.


Cryptochloa strictiflora
Piresia leptophylla (Ipojuca-PE)
Piresia leptophylla (Ipojuca-PE)
Piresia leptophylla (Ipojuca-PE)
Piresia leptophylla (Ipojuca-PE)
Piresia leptophylla (Baía Formosa-RN)
Piresia leptophylla (Baía Formosa-RN)
0.99/63
Piresia sp. MLSC 281 (Aurelino Leal-BA)
Piresia sp. MLSC 309.1 (Igarassu-PE)
Piresia sp. MLSC 309.2 (Igarassu-PE)
Piresia leptophylla (Canavieiras-BA)
Piresia leptophylla (Canavieiras-BA)
Piresia leptophylla (Canavieiras-BA)
Piresia leptophylla (Canavieiras-BA)
Piresia leptophylla (Salvador-BA)
Piresia leptophylla (Salvador-BA)
0.70/55
Piresia sp. MLSC 308 (Igrapiúna-BA)
Piresia sp. KMP 59 (Igrapiúna-BA)
Piresia sp. KMP 61 (Igrapiúna-BA)
Piresia sp. MLSC 279 (Serra Grande-BA)
Piresia sp. KMP 52 (Igrapiúna-BA)
0.98/68
Piresia leptophylla (Canavieiras-BA)
Piresia leptophylla (Una-BA)
0.92/88
Piresia leptophylla (Una-BA)
1/99
1/100
Piresia sympodica
Piresia goeldii
0.96/88
Olyra latifolia
0.95/78
Diandrolyra sp.
1/100
Pariana sp.
1/100
Buergersiochloa bambusoides
Guadua weberbaueri
Dendrocalamus farinosus
0.008
A
Piresia sp. MLSC 281 (Aurelino Leal-BA)
0.99/85
Piresia sp. MLSC 309.1 (Igarassu-PE)
Piresia sp. MLSC 309.2 (Igarassu-PE)
Piresia sp. KMP 59 (Igrapiúna-BA)
0.94/65
Piresia sp. KMP 61 (Igrapiúna-BA)
Piresia sp. MLSC 279 (Serra Grande-BA)
1/99
Piresia sp. MLSC 308 (Igrapiúna-BA)
Piresia sp. KMP 52 (Igrapiúna-BA)
Piresia leptophylla (Ipojuca-PE)
0.99/92
Piresia leptophylla (Ipojuca-PE)
Piresia leptophylla (Ipojuca-PE)
0.96/57
0.97/64
Piresia leptophylla (Ipojuca-PE)
Piresia leptophylla (Baía Formosa-RN)
Piresia leptophylla (Baía Formosa-RN)
0.52/64
Piresia leptophylla (Canavieiras-BA)
0.99/83
Piresia leptophylla (Canavieiras-BA)
0.99/48
Piresia leptophylla (Canavieiras-BA)
0.99/80
0.89/60
Piresia leptophylla (Canavieiras-BA)
1/63
Piresia leptophylla (Canavieiras-BA)
0.67/40
Piresia leptophylla (Salvador-BA)
1/100
Piresia leptophylla (Salvador-BA)
Piresia leptophylla (Una-BA)
0.98/99
Piresia leptophylla (Una-BA)
1/100
Piresia sympodica
Piresia goeldii
1/100
0.99/93
Olyra latifolia
Cryptochloa strictiflora
1/100
1/97
Diandrolyra sp.
1/100
Pariana sp.
1/100
Buergersiochloa bambusoides
Guadua weberbaueri
Dendrocalamus farinosus
0.005
B
LI
-------LII------
AFI
AFII
AFIII


P. leptophylla (Una-BA)
P. leptophylla (Una-BA)
P. leptophylla (Canavieiras-BA)
P. leptophylla (Canavieiras-BA)
P. leptophylla (Canavieiras-BA)
P. leptophylla (Canavieiras-BA)
P. leptophylla (Canavieiras-BA)
P. leptophylla (Salvador-BA)
P. leptophylla (Salvador-BA)
P. leptophylla (Ipojuca-PE)
P. leptophylla (Ipojuca-PE)
P. leptophylla (Baía Formosa-RN)
P. leptophylla (Baía Formosa-RN)
P. leptophylla (Ipojuca-PE)
P. leptophylla (Ipojuca-PE)
Piresia sp. MLSC 309.1
Piresia sp. MLSC 309.2
Piresia sp. KMP 61
Piresia sp. KMP 52
Piresia sp. MLSC 279
Piresia sp. KMP 59
Piresia sp. MLSC 308
Piresia sp. MLSC 281
Piresia sympodica
Piresia goeldii
Olyra latifolia
Cryptochloa strictiflora
Diandrolyra sp.
Pariana sp.
Buergersiochloa bambusoides
Guadua weberbaueri
Dendrocalamus farinosus
0.85
0.54
0.58
0.44
0.58
0.52
0.60
0.69
0.51
0.49
0.41
0.49
0.71
0.57
0.65
0.58
0.57
0.98
0.99
0.98
0.98
0.84
0.84
0.98
0.7
A
P. leptophylla (Una-BA)
P. leptophylla (Una-BA)
P. leptophylla (Canavieiras-BA)
P. leptophylla (Canavieiras-BA)
P. leptophylla (Canavieiras-BA)
P. leptophylla (Canavieiras-BA)
P. leptophylla (Canavieiras-BA)
P. leptophylla (Salvador-BA)
P. leptophylla (Salvador-BA)
P. leptophylla (Ipojuca-PE)
P. leptophylla (Ipojuca-PE)
P. leptophylla (Baía Formosa-RN)
P. leptophylla (Ipojuca-PE)
P. leptophylla (Ipojuca-PE)
Piresia sp. MLSC 279
Piresia sp. KMP 61
Piresia sp. KMP 59
Piresia sp. MLSC 308
Piresia sp. MLSC 281
Piresia sp. MLSC 309.1
Piresia sp. KMP 52
Piresia sympodica
Piresia goeldii
Olyra latifolia
Cryptochloa strictiflora
Diandrolyra sp.
Pariana sp.
Buergersiochloa bambusoides
Guadua weberbaueri
Dendrocalamus farinosus
92.1
98.9
93.9
92,5
74.2
86
79.6
99
70.0
B
LI
--------LII------
AFI
AFII
AFIII

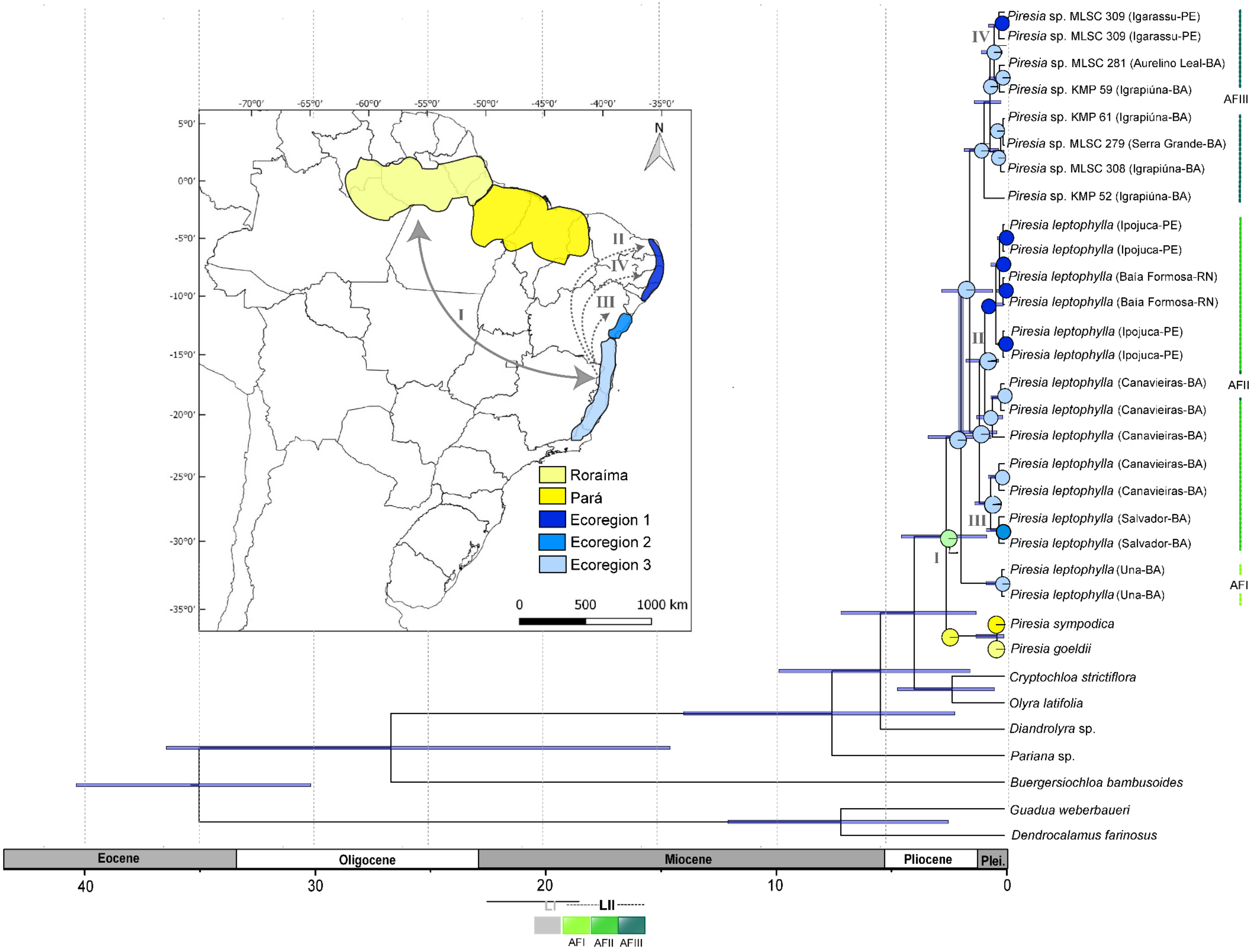

-70°0′
-65°0′
-60°0′
-55°0′
-50°0′
-45°0′
-40°0′
-35°0′
5°0′
0°0′
-5°0′
-10°0′
-15°0′
-20°0′
-25°0′
-30°0′
-35°0′
N
I
II
III
IV
Roraíma
Pará
Ecoregion 1
Ecoregion 2
Ecoregion 3
0
500
1000 km
Piresia sp. MLSC 309 (Igarassu-PE)
Piresia sp. MLSC 309 (Igarassu-PE)
Piresia sp. MLSC 281 (Aurelino Leal-BA)
Piresia sp. KMP 59 (Igrapiúna-BA)
Piresia sp. KMP 61 (Igrapiúna-BA)
Piresia sp. MLSC 279 (Serra Grande-BA)
Piresia sp. MLSC 308 (Igrapiúna-BA)
Piresia sp. KMP 52 (Igrapiúna-BA)
Piresia leptophylla (Ipojuca-PE)
Piresia leptophylla (Ipojuca-PE)
Piresia leptophylla (Baia Formosa-RN)
Piresia leptophylla (Baia Formosa-RN)
Piresia leptophylla (Ipojuca-PE)
Piresia leptophylla (Ipojuca-PE)
Piresia leptophylla (Canavieiras-BA)
Piresia leptophylla (Canavieiras-BA)
Piresia leptophylla (Canavieiras-BA)
Piresia leptophylla (Canavieiras-BA)
Piresia leptophylla (Canavieiras-BA)
Piresia leptophylla (Salvador-BA)
Piresia leptophylla (Salvador-BA)
Piresia leptophylla (Una-BA)
Piresia leptophylla (Una-BA)
Piresia sympodica
Piresia goeldii
Cryptochloa strictiflora
Olyra latifolia
Diandrolyra sp.
Pariana sp.
Buergersiochloa bambusoides
Guadua weberbaueri
Dendrocalamus farinosus
IV
II
III
I
AFIII
AFII
AFI
Eocene
Oligocene
Miocene
Pliocene
Plei.
40
30
20
10
0
LI
LII
AFI
AFII
AFIII

Table 1. Taxa utilized in this study (classified *sensu* Soreng *et al*., 2017). Country, State, Municipality, Vouchers and GenBank access numbers for the DNA sequences for plastid (*rpl32-trnL*, *trnD-trnT*, *trnF-trnL*, *rpL16* e *ndhF*) and nuclear (*LEAFY*). -----: Without sequence; X0X0: new sequences for GenBank.

Taxa	**Country**	**State**	**Municipality**	**Voucher**	***rpL32-trnL***	***trnD-trnT***	***trnL-trnF***	***rpL16***	***ndhF***	***LEAFY***
BAMBUSOIDEAE – Bambuseae										
Dendrocalamus farinosus (Keng & Keng f.) L.C.Chia & H.L.Fung	China	Yunnan	-	Zhang 12291	KT227946.1	GU354837.1	KT226899.1	KT228069.1	KT227356.1	KM264758.1
Guadua weberbaueri Pilg.	Colômbia	Letícia	-	Londoño & Kobayashi 582	KP793062.1	KP793062.1	KP793062.1	KP793062.1	KP793062.1	--------
BAMBUSOIDEAE – Olyreae										
Buergersiochloinae										
Buergersiochloa bambusoides Pilg.	Papua Nova Guiné	East Sepik	-	Dransfield 1365	KJ871000.1	KJ871000.1	KJ871000.1	KJ871000.1	KJ871000.1	------------
Parianineae										
Pariana sp.	-	-	-	ZMY 026	KP319246.1	KP319246.1	KP319246.1	KP319246.1	KP319246.1	-------------
Olyrinae										
Cryptochloa strictiflora (E.Fourn.) Swallen	Belize	Toledo	-	Davidse 35629	JX235348.1	JX235348.1	JX235348.1	JX235348.1	JX235348.1	-------------
Diandrolyra sp.	-	-	-	Clark 1301	KJ870991.1	KJ870991.1	KJ870991.1	KJ870991.1	KJ870991.1	KJ870991.1
Olyra latifolia L.	-	-	-	Fisher 97	KF515509.1	KF515509.1	KF515509.1	KF515509.1	KF515509.1	-------------
Piresia goeldii Swallen	Brasil	Amazonas	Manaus	Carvalho 289	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0
Piresia leptophylla Soderstr.	Brasil	Bahia	Una	Carvalho 317	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0
Piresia leptophylla	Brasil	Bahia	Canavieiras	Carvalho 277	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0
Piresia leptophylla	Brasil	Bahia	Canavieiras	Carvalho 278	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0
Piresia leptophylla	Brasil	Bahia	Salvador	Carvalho 282	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0
Piresia leptophylla	Brasil	Pernambuco	Ipojuca	Carvalho 310	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0
Piresia leptophylla	Brasil	Pernambuco	Ipojuca	Carvalho 313	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0
Piresia leptophylla	Brasil	Rio Grande do Norte	Baía Formosa	Carvalho 417	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0

Piresia sympodica (Döll) Swallen	Brasil	Pará	Belém	Carvalho 302	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0
Piresia sp. MLSC 279	Brasil	Bahia	Serra Grande	Carvalho 279	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0
Piresia sp. MLSC 281	Brasil	Bahia	Aurelino Leal	Carvalho 281	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0
Piresia sp. MLSC 308	Brasil	Bahia	Igrapiúna	Carvalho 308	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0
Piresia sp. KMP 52	Brasil	Bahia	Igrapiúna	Pimenta 52	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0
Piresia sp. KMP 59	Brasil	Bahia	Igrapiúna	Pimenta 59	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0
Piresia sp. KMP 61	Brasil	Bahia	Igrapiúna	Pimenta 61	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0
Piresia sp. MLSC 309	Brasil	Pernambuco	Igarassu	Carvalho 309	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0	X0X0

Table 2. Plastidial and nuclear DNA regions utilized in this study. Primer, sequences, amplification conditions, number of samples used (N), original size of the sequence (Sz)/size of the part of the sequence used, evolutionary models, percentage of potential informative characters (% PIC) and references.

Primer	**Sequences**	**Amplification condistions**	**N**	**Sz/Used**	**Models**	**% PIC**	**References**
ndhF 536F	TTG TAA CTA ATC GTG TAG GGG A	94°C, 1 min; 35x (94°C, 40 sec; 52°C, 45 sec; 72°C, 1 min and 30 sec); 72°C, 5 min	27	1075/626	HKY+I	11,7%	Olmstead & Sweere, 1994; Aliscioni *et al*., 2003
ndhF 1660 R	ATC CAA TGA ACA AAG TAA AAA G						
rpL16 F	GCT ATG CTT AGT GTG TGT GTC TC	94°C, 1 min; 35x (94°C, 45 sec; 55°C, 40 sec; 72°C, 2 min); 72°C, 5 min	29	1,181/564	GTR	18,12%	Giussani *et al*., 2009; Donadío *et al*., 2009
rpL16 R	CCA KAT TTT TCC ACC ACG AC						
rpL32	CAG TTC CCA AAA AAACGT ACT TC	80°C, 5 min; 30x (95°C, 1min; 50°C, 1 min; 65°C, 4 min); 65°C, 5min	29	952/564	HKY+Γ	19,07%	Shaw *et al*., 2007
trnL	CTG CTT CCT AAG AGC AGC GT						
trnD	ACC AAT TGA ACT ACA ATC CC	94°C, 1 min; 35x (94°C, 45 seg; 54°C 40 sec; 72°C, 1 min e 10 sec); 72°C, 5 min	29	1,155/532	HKY+I	10,23%	Fisher *et al*., 2009
trnT	CCC TTT TAA CTC AGT GGT A						
trnL	CGA ATT CGG TAG ACG CTA CG	94°C, 4 min; 30x (94°C, 1 min; 55°C, 1 min; 72°C, 2 min); 72°C, 10 min	29	983/751	GTR+Γ	20,11%	Taberlet *et al*., 1991; Soumaya *et al*., 2014
trnF	ATT TGA ACT GGT GAC ACG AG						
LEAFY F	CCA ACG ACG CCT TCT CGG	95°C, 2 min; 35x (95°C, 1 min; 51°C, 1 min; 72°C, 1 min e 30 sec); 72°C 20 min	24	846/746	GTR	8,63%	Yang *et al*., 2013
LEAFY R	GGC ACT GCT CGT ACA GAT GG						

Table 3. Summary of support values for the clades of gene and species trees reconstructions from multiple DNA regions. Values separated by a slash ("/") represent the posterior probability and the bootstrap for gene trees (BI and ML, respectively) and the Local Posterior Probability and the bootstrap for species trees (ASTRAL-II and SVDquartets, respectively). Different acronyms represent the recovered lineages: LI, lineage from AM and LII lineage from AF (sensu Carvalho et al., 2020); AFI, AFII and AFIII, lineages of LII.

Analysis	DNA regions	LI	LII	AFI	AFII	AFIII
Gene trees	*ndhF*	0.99/91	-/-	-/-	0.99/85	1/93
	rpL16	0.95/87	-/-	-/-	-/-	-/-
	rpL32-trnL	1/100	-/-	-/-	-/-	-/-
	trnD-trnT	-/-	0.95/77	-/-	-/-	-/-
	trnL-trnF	0.99/95	-/-	-/-	-/-	-/-
	LEAFY	1/100	-/-	0.99/88	-/-	0.93/67
	Combined	1/100	0.99/80	0.98/99	0.89/60	1/99
Species tree	Combined	0.99/93.9	0.49/92.1	0.85/-	-/-	0.57/-

Table 4. Comparison between results from different models implemented on BioGeoBEARS. Models utilized, likelihood ratio tests, number of parameters (n. params), estimations for dispersion (d), extinction (e) and founder effect/jump speciation, AIC and P-values. In highlight, the most probable model.

Model	LnL	n. params	d	e	J	AIC	P value
DEC	-23,90386	2	4,84E-02	1,00E-12	0	51,8	
DEC+J	-18,75983	3	1,00E-12	1,00E-12	0,022	43,52	0,0013
DIVA	-19,22746	2	5,11E-02	4,90E-09	0	42,44	
DIVALIKE+J	**-17,24254**	**3**	**1,00E-12**	**1,00E-12**	**0,021**	**40,49**	**0,047**
BAYAREA	-39,95262	2	9,48E-02	2,09E-01	0	79,91	
BAYAREALIKE+J	-21,18978	3	1,00E-07	1,00E-07	0,032	48,38	7,40E-09

Referências bibliográficas

AB’SÁBER, A. N. Os domínios morfoclimáticos da América do Sul. Primeira aproximação. **Geomorfologia,** v. 53, n. 52, p. 1-23, 1997.

AB’SÁBER, A. N. Os **domínios de natureza no Brasil:** Potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, 155 p.

ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP (APG). An ordinal classification for the families of flowering plants. **Annals of the Missouri botanical Garden**, v. 85, n. 4, p. 531-553, 1998.

ANTONELLI, A., et al. Tracing the impact of the Andean uplift on Neotropical plant evolution. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 106, n. 24, p. 9749-9754, 2009.

ANTONELLI, A.; SANMARTÍN, I. Why are there so many plant species in the Neotropics?. **Taxon,** v. 60, n. 2, p. 403-414, 2011.

ATAEI, N. et al. A multilocus phylogeny of the non-photosynthetic parasitic plant *Cistanche* (Orobanchaceae) refutes current taxonomy and identifies four major morphologically distinct clades. **Molecular Phylogenetics and Evolution**, v. 151, n. 106898, 2020.

AULER, A. S.; SMART, P. L. Late Quaternary paleoclimate in semiarid northeastern Brazil from U-series dating of travertine and water-table speleothems. **Quaternary Research**, v. 55, n. 2, p. 159-167, 2001.

AULER, A. S. et al. Quaternary ecological and geomorphic changes associated with rainfall events in presently semi-arid northeastern Brazil. **Journal of Quaternary Science**, v. 19, n. 7, p. 693-701, 2004.

AVISE, J. C. **Phylogeography: the history and formation of species**. Cambridge: Harvard university press, 2000. 447 p.

BALDWIN, B. G. et al. The ITS region of nuclear ribosomal DNA: a valuable source of evidence on angiosperm phylogeny. **Annals of the Missouri Botanical Garden**, v. 82, n. 2, p. 247-277, 1995.

BATALHA-FILHO, H.; CABANNE, G. S.; MIYAKI, C. Y. Phylogeography of an Atlantic forest passerine reveals demographic stability through the last glacial maximum. **Molecular Phylogenetics and Evolution,** v. 65, n. 3, p. 892-902, 2012.

BATALHA-FILHO, H. et al. Connections between the Atlantic and the Amazonian forest avifaunas represent distinct historical events. **Journal of Ornithology**, v. 154, n. 1, p. 41-50, 2013.

BEZERRA, H. B. **Estudos biogeográficos em *Piresia* Swallen (Poaceae, Bambusoideae).** 2017. 42f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2017.

BITTENCOURT, A. D. S. et al. Quaternary marine formations of the coast of the state of Bahia (Brazil). In: SUGUIO, K. et al. **Proceedings of the ‘‘1978 International Symposium on Coastal Evolution in the Quaternary’’.** (eds). São Paulo: IGCP, 1979. p. 232-253.

BROWN, K. S.; AB’SABER, A. N. Ice-age forest refuges and evolution in the neotropics: correlation of paleoclimatological, geomorphological and pedological data with modern biological endemism. **Paleoclimas,** n. 5, p. 1-30, 1979.

BRUMFIELD, R. T.; EDWARDS, S. V. Evolution into and out of the Andes: a Bayesian analysis of historical diversification in *Thamnophilus antshrikes*. **Evolution**, v. 61, n. 2, p. 346-367, 2007.

BRUNS, T. D.; WHITE, T. J.; TAYLOR, J. W. Fungal molecular systematics. Annual **Review of Ecology and Systematics**, v. 22. n. 1, p. 525-564, 1991.

BUERKI, S. et al. An evaluation of new parsimony-based versus parametric inference methods in biogeography: a case study using the globally distributed plant family Sapindaceae. **Journal of Biogeography**, v. 38, n. 3, p. 531-550, 2011.

CABANNE, G. S. et al. Matrilineal evidence for demographic expansion, low diversity and lack of phylogeographic structure in the Atlantic forest endemic Greenish Schiffornis *Schiffornis virescens* (Aves: Tityridae). **Journal of Ornithology**, v. 154, n. 2, p. 371-384, 2013.

CALDERÓN, C. E.; SODERSTROM, T. R. The Genera of Bambusoideae (Poaceae) of the American Continent: Keys. **Smithsonian Contributions to Botany**, n. 44, p. 1-27, 1980.

CARNAVAL, A. C.; MORITZ, C. Historical climate modelling predicts patterns of current biodiversity in the Brazilian Atlantic forest. **Journal of Biogeography**, v. 35, n. 7, p. 1187-1201, 2008.

CARVALHO, M. L. S. et al. *Piresia palmula*: a new species of herbaceous bamboo (Poaceae, Olyreae) endemic to the Atlantic Rainforest, Southern Bahia, Brazil. **Systematic Botany**, v. 37, n. 1, p. 134-138, 2012.

CARVALHO, M. L. S. **Estudos biossistemáticos em *Piresia* Swallen (Poaceae: Bambusoideae: Olyreae).** 2013. 254f. Tese (Doutorado em Botânica). Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, 2013

CARVALHO, M. L. S. et al. Cryptic speciation in the herbaceous bamboo genus *Piresia* (Poaceae, Olyreae). **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 192, n. 1, p. 82-96, 2020.

CARVALHO, M. L. S. et al. Phylogenetics of *Piresia* (Poaceae: Bambusoideae) reveals unexpected generic relationships within Olyreae with taxonomic and biogeographic implications. **Taxon**, v. X, n. X, p. 1-23, 2021.

CARVALHO-SOBRINHO, J. G. et al. Revisiting the phylogeny of Bombacoideae (Malvaceae): Novel relationships, morphologically cohesive clades, and a new tribal classification based on multilocus phylogenetic analyses. **Molecular Phylogenetics and Evolution**, v. 101, p. 56-74, 2016.

CASTOE, T. A. et al. Adaptive evolution and functional redesign of core metabolic proteins in snakes. **PloS One**, v. 3, n. 5, p. e2201, 2008.

CASTOE, T. A. et al. Evidence for an ancient adaptive episode of convergent molecular evolution. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 106, n. 22, p. 8986-8991, 2009.

CHIFMAN, J.; KUBATKO, L. Quartet inference from SNP data under the coalescent model. **Bioinformatics**, v. 30, n. 23, p. 3317-3324, 2014.

CHOU, J. et al. A comparative study of SVDquartets and other coalescent-based species tree estimation methods. **BMC Genomics**, v, 16, n. 10, p. 1-11, 2015.

CLARK, L. G. Diversity and Biogeography of Neotropical Bamboos (Poaceae: Bambusoideae). **Acta Botanica Brasilica**, v. 4, n.1, p. 125-132, 1990.

CLARK, L. G.; LONDOÑO, X.; RUIZ-SANCHEZ, E. Bamboo taxonomy and habitat. In: LIESE, W.; KÖHL, M. **Bamboo: the plant and its uses**. (eds). Chamonix: Springer, 2015. p. 1–30.

CLARK, L. G.; OLIVEIRA, R. P. Diversity and evolution of the New World bamboos (Poaceae: Bambusoideae: Bambuseae, Olyreae). In: LUCAS, S. **Proceedings of the 11th World Bamboo Congress, Xalapa, Mexico**. (eds). Plymouth: The World Bamboo Organization, 2018. p. 35-47.

COSTA, L. P. The historical bridge between the Amazon and the Atlantic Forest of Brazil: a study of molecular phylogeography with small mammals. **Journal of Biogeography**, v. 30, n. 1, p. 71-86, 2003.

COSTA, G. C. et al. Biome stability in South America over the last 30 kyr: Inferences from long-term vegetation dynamics and habitat modelling. **Global Ecology and Biogeography**, v. 27, n. 3, p. 285-297, 2018.

CRACRAFT, J. Deep-history biogeography: retrieving the historical pattern of evolving continental biotas. **Systematic Biology**, v. 37, n. 3, p. 221-236, 1988.

D'HORTA, F. M. et al. The genetic effects of Late Quaternary climatic changes over a tropical latitudinal gradient: diversification of an Atlantic Forest passerine. **Molecular Ecology**, v. 20, n. 9, p. 1923-1935, 2011.

DEGNAN, J. H.; SALTER, L. A. Gene tree distributions under the coalescent process. **Evolution**, v. 59, n. 1, p. 24-37, 2005.

DEGNAN, J. H.; ROSENBERG, N. A. Discordance of species trees with their most likely gene trees. **PloS Genetics**, v. 2, n. 5, p. e68, 2006.

DEGNAN, J. H.; ROSENBERG, N. A. Gene tree discordance, phylogenetic inference and the multispecies coalescent. **Trends in Ecology & Evolution**, v. 24, n. 6, p. 332-340, 2009.

DONG, W., et al. Phylogenetic resolution in *Juglans* based on complete chloroplast genomes and nuclear DNA sequences. **Frontiers in Plant Science**, v. 8, n. 1148, 2017.

EMAMVERDIAN, A. et al. Application of Bamboo Plants in Nine Aspects. **The Scientific World Journal**, v. 2020, p. 1-9, 2020.

EDWARDS, S. V.; LIU, L.; PEARL, D. K. High-resolution species trees without concatenation. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 104, n. 14, p. 5936-5941, 2007.

FAZOLATO, C.; FERNANDES, F.; BATALHA-FILHO, H. The effects of Quaternary sea-level fluctuations on the evolutionary history of an endemic ground lizard (*Tropidurus hygomi*). **Zoologischer Anzeiger**, v. 270, p. 1-8, 2017.

FELSENSTEIN, J. Cases in which parsimony or compatibility methods will be positively misleading. **Systematic Zoology**, v. 27, n. 4, p. 401-410, 1978.

FERREIRA, F. M., et al. Phylogenetic relationships within Parianinae (Poaceae: Bambusoideae: Olyreae) with emphasis on *Eremitis*: evidence from nuclear and plastid DNA sequences, macromorphology, and pollen ectexine patterns. **Molecular Phylogenetics and Evolution**, v. 139, p. 106541, 2019.

FILGUEIRAS, T. S.; SANTOS-GONÇALVES, A. P. A checklist of the basal grasses and bamboos in Brazil (Poaceae). **The Journal of the American Bamboo Society**, v. 18, n. 1, p. 7-18, 2004.

FJELDSÅ, J.; LAMBIN, E.; MERTENS, B. Correlation between endemism and local ecoclimatic stability documented by comparing Andean bird distributions and remotely sensed land surface data. **Ecography**, v. 22, n. 1, p. 63-78, 2006.

GABALDÓN, T. Large-scale assignment of orthology: back to phylogenetics?. **Genome Biology**, v. 9, n. 10, p. 1-6, 2008.

GALLARDO, M. H. Phylogenetics, reticulation and evolution. In: ABDURAKHMONOV, I. Y. **Phylogenetics**. (ed). London: InTech, 2017. p. 47-58

GE, F.; WANG, L. S.; KIM, J. The cobweb of life revealed by genome-scale estimates of horizontal gene transfer. **PLoS Biol**, v. 3, n. 10, p. e316, 2005.

GENTRY, A. H. Neotropical floristic diversity: phytogeographical connections between Central and South America, Pleistocene climatic fluctuations, or an accident of the Andean orogeny?. **Annals of the Missouri Botanical Garden**, v. 69, n. 3, p. 557-593, 1982.

GONÇALVES, D. J. et al. Incongruence between gene trees and species trees and phylogenetic signal variation in plastid genes. **Molecular Phylogenetics and Evolution**, v. 138, p. 219-232, 2019.

GÓNZALEZ, D. et al. Phylogenetic relationships of *Rhizoctonia* fungi within the Cantharellales. **Fungal Biology**, v. 120, n. 4, p. 603-619, 2016.

GOODMAN, M. et al. Toward a phylogenetic classification of primates based on DNA evidence complemented by fossil evidence. **Molecular Phylogenetics and Evolution**, v. 9, n. 3, p. 585-598, 1998.

GREGORY-WODZICKI, K. M. Uplift history of the Central and Northern Andes: a review. **Geological society of America bulletin**, v. 112, n. 7, p. 1091-1105, 2000.

HAFFER, J. Speciation in Amazonian forest birds. **Science**, v. 165, n. 3889, p. 131-137, 1969.

HAFFER, J. **Avian speciation in tropical South America, with a systematic survey of the toucans (Ramphastidae) and jacamars (Galbulidae)**. Cambridge, Mass: Nuttall Ornithological Club, 1974.

HOORN, C. et al. 2010. Amazonia through time: Andean uplift, climate change, landscape evolution, and biodiversity. **Science**, v. 330, n. 6006, p. 927-931, 2010.

HUBBELL, S. P. et al. How many tree species are there in the Amazon and how many of them will go extinct?. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 105, n. 1, p.11498-11504, 2008.

HUBERT, N.; RENNO, J. F. Historical biogeography of South American freshwater fishes. **Journal of Biogeography**, v. 33, n. 8, p. 1414-1436, 2006.

HUGHES, C. E.; PENNINGTON, R. T.; ANTONELLI, A. Neotropical plant evolution: assembling the big picture. **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 171, n. 1, p. 1-18, 2013.

JANSEN, R. K. et al. Methods for obtaining and analyzing whole chloroplast genome sequences. **Methods in Enzymology**, v. 395, p. 348-384, 2005.

JANSEN, R. K.; RUHLMAN, T. A. Plastid genomes of seed plants. In: BOCK, R.; KNOOP, V. **Genomics of chloroplasts and mitochondria.** (eds). Dordrecht: Springer, 2012. p. 103–126.

JEFFROY, O. et al. Phylogenomics: the beginning of incongruence?. **Trends in Genetics**, v. 22, n. 4, p. 225-231, 2006.

JESUS, I. S. D. **Estudos filogeográficos em *Piresia leptophylla* Soderstr. (Poaceae, Bambusoideae).** 2017. 63f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2017.

JUDZIEWICZ, E. J. et al. **American bamboos**. Washington, DC: Smithsonian Institution Press, 1999. 392 p.

JUDZIEWICZ, E. J.; CLARK, L. G. Classification and biogeography of new world grasses: Anomochlooideae, Pharoideae, Ehrhartoideae, and Bambusoideae. **Aliso**, v. 23, n. 1, p. 303-314, 2007.

KELCHNER, S. A.; BPG (BAMBOO PHYLOGENY GROUP). Higher level phylogenetic relationships within the bamboos (Poaceae: Bambusoideae) based on five plastid markers. **Molecular Phylogenetics and Evolution**, v. 67, n.2, p. 404-413, 2013.

KELLOGG, E. A. Flowering plants, monocots, Poaceae. In: KUBITSKI, K. **The families and genera of vascular plants**. (eds). Chamonix: Springer International, 2015. p. 1-416.

KHALILI, Z., et al. Phylogenetic relationships, biogeography and taxonomic delimitation of *Astragalus* sect. Acanthophace (Fabaceae) using cpDNA and nrDNA ITS sequences analyses. **Plant Biosystems,** p. 1-11, 2020.

KRAMINA, T. E. et al. Phylogeny of *Lotus* (Leguminosae: Loteae): Partial incongruence between nrITS, nrETS and plastid markers and biogeographic implications. **Taxon**, v. 65, n. 5, p. 997-1018, 2016.

KRISTENSEN, D. M. et al. Computational methods for Gene Orthology inference. **Briefings in Bioinformatics**, v. 12, n. 5, p. 379-391, 2011.

KUBATKO, L. S.; DEGNAN, J. H. Inconsistency of phylogenetic estimates from concatenated data under coalescence. **Systematic Biology**, v. 56, n. 1, p. 17-24, 2007.

LEAL, B. S. S., PALMA DA SILVA, C., & PINHEIRO, F. Phylogeographic studies depict the role of space and time scales of plant speciation in a highly diverse Neotropical region. **Critical Reviews in Plant Sciences**, v. 35, n. 4, p. 215-230, 2016.

LEITE, Y. L. et al. Neotropical forest expansion during the last glacial period challenges refuge hypothesis. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 113, n. 4, p. 1008-1013, 2016.

LI, X. et al. Re-evaluation of phylogenetic relationships among species of the mangrove genus *Avicennia* from Indo-West Pacific based on multilocus analyses. **PloS One**, v. 11, n. 10, p. e0164453, 2016.

LIU, Y. et al. Complete chloroplast genome sequences of Mongolia medicine *Artemisia frigida* and phylogenetic relationships with other plants. **PloS One**, v. 8, n. 2, p. e57533, 2013.

LIAN, L. et al. Multi-locus phylogeny for the Neotropical Anomospermeae (Menispermaceae): Implications for taxonomy and biogeography. **Molecular Phylogenetics and Evolution**, v. 136, p. 44-52, 2019.

LU, J. M. et al. Phylogenetic relationships of Chinese *Adiantum* based on five plastid markers. **Journal of Plant Research**, v. 125. n. 2, p. 237-249, 2012.

MALLET, J. Hybrid speciation. **Nature**, v. 446, n. 7133, p. 279-283, 2007.

MALLET, J.; BESANSKY, N.; HAHN, M. W. How reticulated are species?. **BioEssays**, v. 38, n. 2, p. 140-149, 2016.

MALLO, D.; POSADA, D. Multilocus inference of species trees and DNA barcoding. **Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences**, v. 371, n. 1702, p. 20150335, 2016.

MENEZES, L. et al. Multilocus phylogeography of the treefrog *Scinax eurydice* (Anura, Hylidae) reveals a Plio-Pleistocene diversification in the Atlantic forest. **PloS One**, v. 11, n. 6, p. e0154626, 2016.

MIRARAB, S. et al. ASTRAL: genome-scale coalescent-based species tree estimation. **Bioinformatics**, v. 30, n. 17, p. i541-i548, 2014.

MIRARAB, S.; WARNOW, T. ASTRAL-II: coalescent-based species tree estimation with many hundreds of taxa and thousands of genes. **Bioinformatics**, v. 31. n. 12, p. i44-i52, 2015.

MORLEY, R. J. **Origin and evolution of tropical rain forests**. New York: Wiley, 2000. 378 p.

MORRONE, J. J. Biogeographical regionalization of the Neotropical region. **Zootaxa**, v. 3782, n. 1, p. 1-110, 2014.

MOSSEL, E.; VIGODA, E. Phylogenetic MCMC algorithms are misleading on mixtures of trees. **Science**, v. 309, n. 5744, p. 2207-2209, 2005.

NYLANDER, J. A. et al. Accounting for phylogenetic uncertainty in biogeography: a Bayesian approach to dispersal-vicariance analysis of the thrushes (Aves: *Turdus*). **Systematic Biology**, v. 57, n. 2, p. 257-268, 2008.

OLIVEIRA, P. E., BARRETO, A. M. F.; SUGUIO, K. Late Pleistocene/Holocene climatic and vegetational history of the Brazilian caatinga: the fossil dunes of the middle São Francisco River**. Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology**, v. 152, n. 3-4, p. 319-337, 1999.

OLIVEIRA, I. L. C. et al. Delving deeper into the phylogenetics of the herbaceous bamboos (Poaceae, Bambusoideae, Olyreae): evaluation of generic boundaries within the *Parodiolyra*/*Raddiella* clade uncovers a new genus. **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 192, n. 1, p. 61-81, 2020.

OLIVEIRA, R. P. et al. A molecular phylogeny of *Raddia* and its allies within the tribe Olyreae (Poaceae, Bambusoideae) based on noncoding plastid and nuclear spacers. **Molecular Phylogenetics and Evolution**, v. 78, n. 1, p. 105–117, 2014.

OLIVEIRA, R. P. et al. Reinterpreting the phylogenetic position, systematics and distribution of the *Raddia-Sucrea* lineage (Poaceae, Olyrinae), with a new monotypic and endangered herbaceous bamboo genus from Brazil. **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 192, n. 1, p. 34-60, 2020.

OLMSTEAD, R. G.; PALMER, J. D. Chloroplast DNA systematics: a review of methods and data analysis. **American Journal of Botany**, v. 81, n. 9, p. 1205-1224, 1994.

PANAHI, M. et al. Taxonomy of the traditional medicinal plant genus *Ferula* (Apiaceae) is confounded by incongruence between nuclear rDNA and plastid DNA. **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 188, n. 2, v. 173-189, 2018.

PEASE, J. B. et al. Quartet Sampling distinguishes lack of support from conflicting support in the green plant tree of life. **American Journal of Botany**, v. 105, n. 3, p. 385-403, 2018.

PELLEGRINO, K. et al. Mojefrlecular phylogeny, biogeography and insights into the origin of parthenogenesis in the Neotropical genus *Leposoma* (Squamata: Gymnophthalmidae): Ancient links between the Atlantic Forest and Amazonia. **Molecular Phylogenetics and Evolution**, v. 61, n. 2, p. 446-459, 2011.

PERES, E. A. et al. Phylogeography of *Sodreaninae harvestmen* (Arachnida: Opiliones: Gonyleptidae): insights into the biogeography of the southern Brazilian Atlantic Forest. **Molecular Phylogenetics and Evolution**, v. 138, p. 1-16, 2019.

PHILLIPS, M. J.; DELSUC, F.; PENNY, D. Genome-scale phylogeny and the detection of systematic biases. **Molecular Biology and Evolution**, v. 21, n. 7, p. 1455-1458, 2004.

QIU, P. L. et al. Multi-locus phylogeny and taxonomy of an unresolved, heterogeneous species complex within the genus *Golovinomyces* (Ascomycota, Erysiphales), including *G. ambrosiae, G. circumfusus and G. spadiceus*. **BMC Microbiology**, v. 20, n. 1, p. 1-16, 2020.

POR, F, D. Sooretama: the Atlantic rain forest of Brazil. The Hague: SPB Academic Publishing, 1992. 130 p.

PORTO, T. J.; CARNAVAL, A. C.; DA ROCHA, P. L. B. Evaluating forest refugial models using species distribution models, model filling and inclusion: a case study with 14 Brazilian species. **Diversity and Distributions**, v. 19, n. 3, p. 330-340, 2013.

RAMOS-FREGONEZI, A. M. et al. Were sea level changes during the Pleistocene in the South Atlantic Coastal Plain a driver of speciation in *Petunia* (Solanaceae)?. **BMC Evolutionary Biology**, v. 15, n. 1, p. 92, 2015.

RANWEZ, V.; GASCUEL, O. Quartet-based phylogenetic inference: improvements and limits. **Molecular Biology and Evolution**, v. 18, n. 6, p. 1103-1116, 2001.

RASMUSSEN, M. D.; KELLIS, M. Unified modeling of gene duplication, loss, and coalescence using a locus tree. **Genome Research**, v. 22, n. 4, p. 755-765, 2012.

RIBEIRO, M. C. et al. The Brazilian Atlantic forest: a shrinking biodiversity hotspot. In: ZACHOS, F. E.; HABEL, J. C. **Biodiversity hotspots: distribution and protection of conservation priority areas.** (eds). Berlin: Springer-Verlag, 2011. p. 405–434.

RIESEBERG, L. H.; SOLTIS, D. E. Phylogenetic consequences of cytoplasmic gene flow in plants. **Evolutionary Trends in Plants**, v. 5, n. 1, p. 65-84, 1991.

RUHLMAN, T. A. et al. Recombination-dependent replication and gene conversion homogenize repeat sequences and diversify plastid genome structure. **American Journal of Botany**, v. 104, n. 4, p. 559-572, 2017.

RUIZ-SANCHEZ, E. et al. Historical biogeography of the herbaceous bamboo tribe Olyreae (Bambusoideae: Poaceae). **Folia Geobotanica**, v. 54, p. 177-189, 2019.

RUIZ-SANCHEZ, E. et al. (2021). Diversity, distribution, and classification of Neotropical woody bamboos (Poaceae: Bambusoideae) in the 21st Century. **Botanical Sciences**, v. 99, n. 2, p. 198-228, 2021.

RULL, V. Neotropical biodiversity: timing and potential drivers. **Trends in Ecology & Evolution**, v. 26, n. 10, p. 508-513, 2011.

SCHEUNERT, A.; HEUBL, G. Against all odds: reconstructing the evolutionary history of *Scrophularia* (Scrophulariaceae) despite high levels of incongruence and reticulate evolution. **Organisms Diversity & Evolution**, v. 17, n. 2, p. 323-349, 2017.

SHAW, J. E. et al. The tortoise and the hare II: relative utility of 21 noncoding chloroplast DNA sequences for phylogenetic analysis. **American Journal of Botany**, v. 92, n. 1, p. 142-166, 2005.

SOBRAL-SOUZA, T.; LIMA-RIBEIRO, M. S.; SOLFERINI, V. N. Biogeography of Neotropical Rainforests: past connections between Amazon and Atlantic Forest detected by ecological niche modeling. **Evolutionary Ecology**, v. 29, n. 5, p. 643-655, 2015.

SODERSTROM, T. R.; CALDERÓN, C. E. Primitive forest grasses and evolution of the Bambusoideae. **Biotropica**, v. 6, n. 3, p. 141-153, 1974.

SODERSTROM, T. R., & CALDERON, C. E. A commentary on the bamboos (Poaceae: Bambusoideae). **Biotropica**, v. 11, n. 2, p. 161-172, 1979.

SODERSTROM, T. New species of *Cryptochloa* and *Piresia* (Poaceae: Bambusoideae). **Brittonia**, v. 34, n. 2, p. 199-209, 1982.

SODERSTROM, T. R. In quest of the pygmy bamboos. **Fairchild Tropical Garden Bulletin**, v. 39, n. 3, p. 6–12, 1984.

SOLTIS, D. E. et al. Angiosperm phylogeny inferred from 18S ribosomal DNA sequences. **Annals of the Missouri Botanical Garden**, v. 84, n. 1, p. 1-49, 1997.

SOLTIS, D. E.; KUZOFF, R. K. Discordance between nuclear and chloroplast phylogenies in the *Heuchera* group (Saxifragaceae). **Evolution**, v. 49, n. 4, p. 727-742, 1995.

SOLTIS, E. D.; SOLTIS, P. S. Contributions of plant molecular systematics to studies of molecular evolution. **Plant Molecular Biology**, v. 42, n. 1, p. 45-75, 2000.

SORENG, R.J. et al. A worldwide phylogenetic classification of the Poaceae (Gramineae) II: An update and a comparison of two 2015 classifications. **Journal of Systematics and Evolution**, v. 55, n. 4, p. 259-290, 2017.

STIERANDOVÁ, S. et al. A multilocus assessment of nuclear and mitochondrial sequence data elucidates phylogenetic relationships among European spirlins (*Alburnoides*, Cyprinidae). **Molecular Phylogenetics and Evolution**, v. 94, p. 479-491, 2016.

STRIMMER, K.; VON HAESELER, A. Likelihood-mapping: a simple method to visualize phylogenetic content of a sequence alignment**. Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 94, n. 13, p. 6815-6819, 1997.

STRIMMER, K.; GOLDMAN, N.; VON HAEDELER, A. Bayesian probabilities and quartet puzzling. **Molecular Biology and Evolution**, v. 14, n. 2, p. 210-211, 1997.

SUGUIO, K, et al. Paleoníveis do mar e paleolíneas de costa. In: SOUZA, C. R. et al. **Quaternário Do Brasil.** (eds). Ribeirão Preto: Holos, 2005. p. 11-129.

SUN, M. et al. Deep phylogenetic incongruence in the angiosperm clade Rosidae. **Molecular Phylogenetics and Evolution**, v. 83, p. 156-166, 2015.

SUNGKAEW, S., et al. Non-monophyly of the woody bamboos (Bambuseae; Poaceae): a multi-gene region phylogenetic analysis of Bambusoideae ss. **Journal of Plant Research**, v. 122, n.1, p. 95, 2009.

SWALLEN, J. R. Two new genera of Olyreae from South America. **Phytologia**, v. 11, n. 3, p. 152-154, 1964.

SYVANEN, M. Cross-species gene transfer; implications for a new theory of evolution. **Journal of Theoretical Biology**, v. 112, n. 2, p. 333-343, 1985.

THOMÉ, M. T. C. et al. Barriers, rather than refugia, underlie the origin of diversity in toads endemic to the Brazilian Atlantic Forest. **Molecular Ecology**, v. 23, n. 24, p. 6152-6164, 2014.

TRÖNDLE, D. et al. Molecular phylogeny of the genus *Vitis* (Vitaceae) based on plastid markers. **American Journal of Botany**, v. 97, n. 7, p. 1168-1178, 2010.

TU, T. et al. Phylogeny of *Nolana* (Solanaceae) of the Atacama and Peruvian deserts inferred from sequences of four plastid markers and the nuclear *LEAFY* second intron. **Molecular Phylogenetics and Evolution**, v. 49, n. 2, p. 561-573, 2008.

TURCHETTO-ZOLET, A. C. et al. Phylogeographical patterns shed light on evolutionary process in South America. **Molecular Ecology**, v. 22, n. 5, p. 1193-1213, 2013.

VANZOLINI, P. E.; WILLIAMS, E. E. South American anoles: the geographic differentiation and evolution of the *Anolis chrysolepis* species group (Sauria, Iguanidae). **Arquivos de Zoologia**, v. 19, n. 3-4, p. 125-298, 1970.

VILAS BÔAS, G. S.; SAMPAIO, F. J.; PEREIRA, A. The Barreiras Group in the Northeastern coast of the State of Bahia, Brazil: depositional mechanisms and processes. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v. 73, n. 3, p. 417-427, 2011.

VORONTSOVA, M. S. et al. **World atlas of bamboos and rattans**. London: International Network of Bamboo and Rattan & the Board of Trustees of the Royal Botanic Gardens, 2016. 466 p.

WENDEL, J. F.; SCHNABEL, A.; SEELANAN, T. Bidirectional interlocus concerted evolution following allopolyploid speciation in cotton (*Gossypium*). **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 92, n. 1, p. 280-284, 1995.

WENDEL, J. F.; DOYLE, J. J. Phylogenetic incongruence: window into genome history and molecular evolution. In: SOLTIS, D. E.; SOLTIS, P. S., DOYLE, J. J. **Molecular systematics of plants II.** (eds). Boston: Springer, 1998. p. 265–296.

WHITMORE, T. C.; PRANCE, G. T. **Biogeography and Quaternary history in tropical** America. Oxford: Clarendon Press, 1987. 224 p.

WOLFE, A. D.; RANDLE, C. P. Recombination, heteroplasmy, haplotype polymorphism, and paralogy in plastid genes: implications for plant molecular systematics. **Systematic Botany**, v. 29, n. 4, p. 1011-1020, 2004.

XIA, J. et al. Whitefly hijacks a plant detoxification gene that neutralizes plant toxins. **Cell**, v. 184, n. 7, p. 1693-1705, 2021.

ZHANG, D. X; HEWITT, G. M. Nuclear DNA analyses in genetic studies of populations: practice, problems and prospects. **Molecular Ecology**, v. 12, n. 3, p. 563-584, 2003.

ZHANG, Q.; FEILD, T. S.; ANTONELLI, A. Assessing the impact of phylogenetic incongruence on taxonomy, floral evolution, biogeographical history, and phylogenetic diversity. **American Journal of Botany**, v. 102, n. 4, p. 566-580, 2015.

ZHANG, J.; KUMAR, S. Detection of convergent and parallel evolution at the amino acid sequence level. **Molecular Biology and Evolution**, v. 14, n. 5, p. 527-536, 1997.

ZHOU, X. et al. Quartet-based computations of internode certainty provide robust measures of phylogenetic incongruence. **Systematic Biology**, v. 69, n. 2, p. 308-324, 2020.

Apêndices

Material suplementar do capítulo único

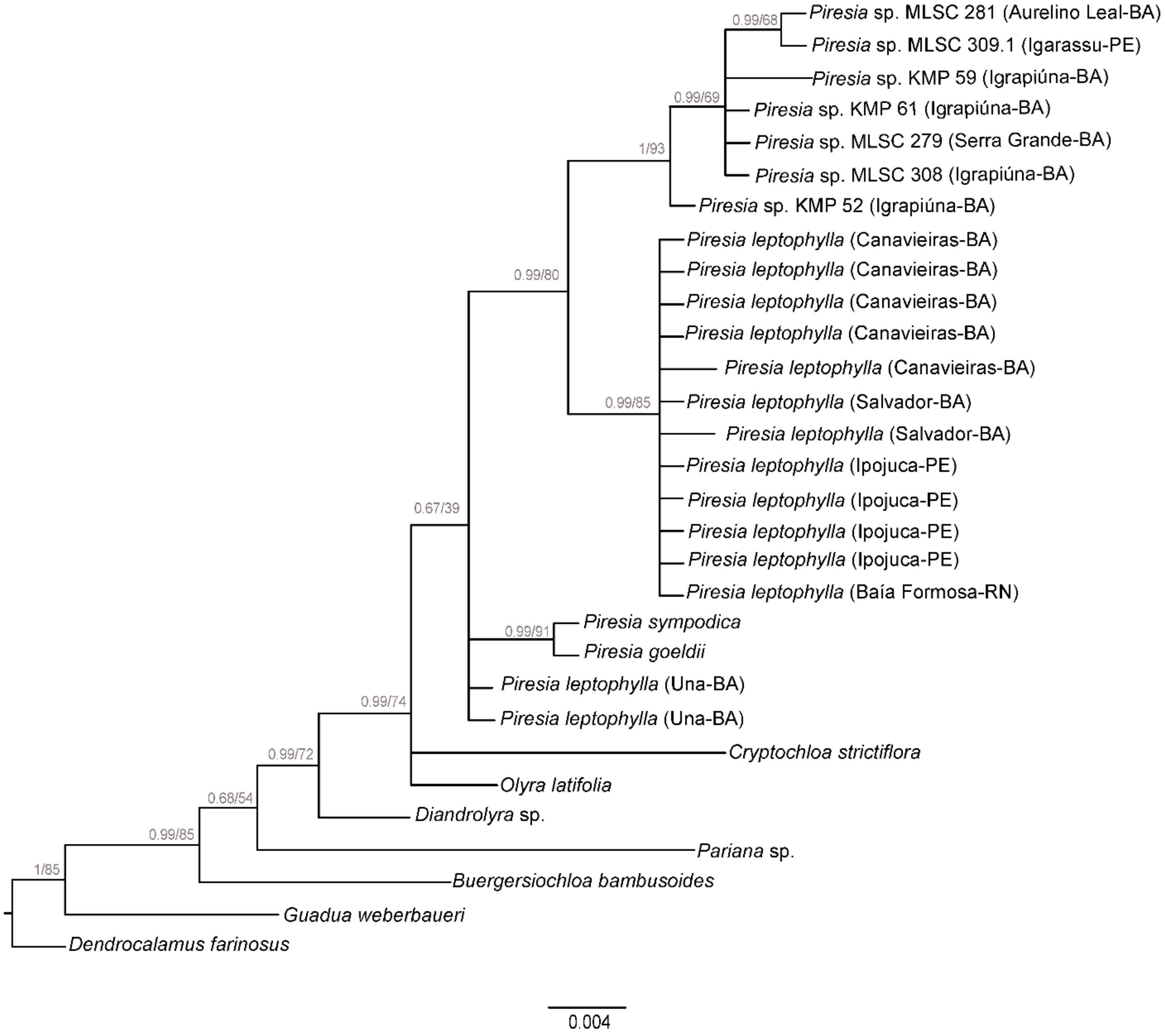


Figure S1. Topology obtained through Maximum Likelihood (ML) Bayesian Inference (BI) for the plastidial DNA gene *ndhF*. Values presented in each node the posterior probability of BI and the bootstrap values for ML, respectively separated by a slash ("/").

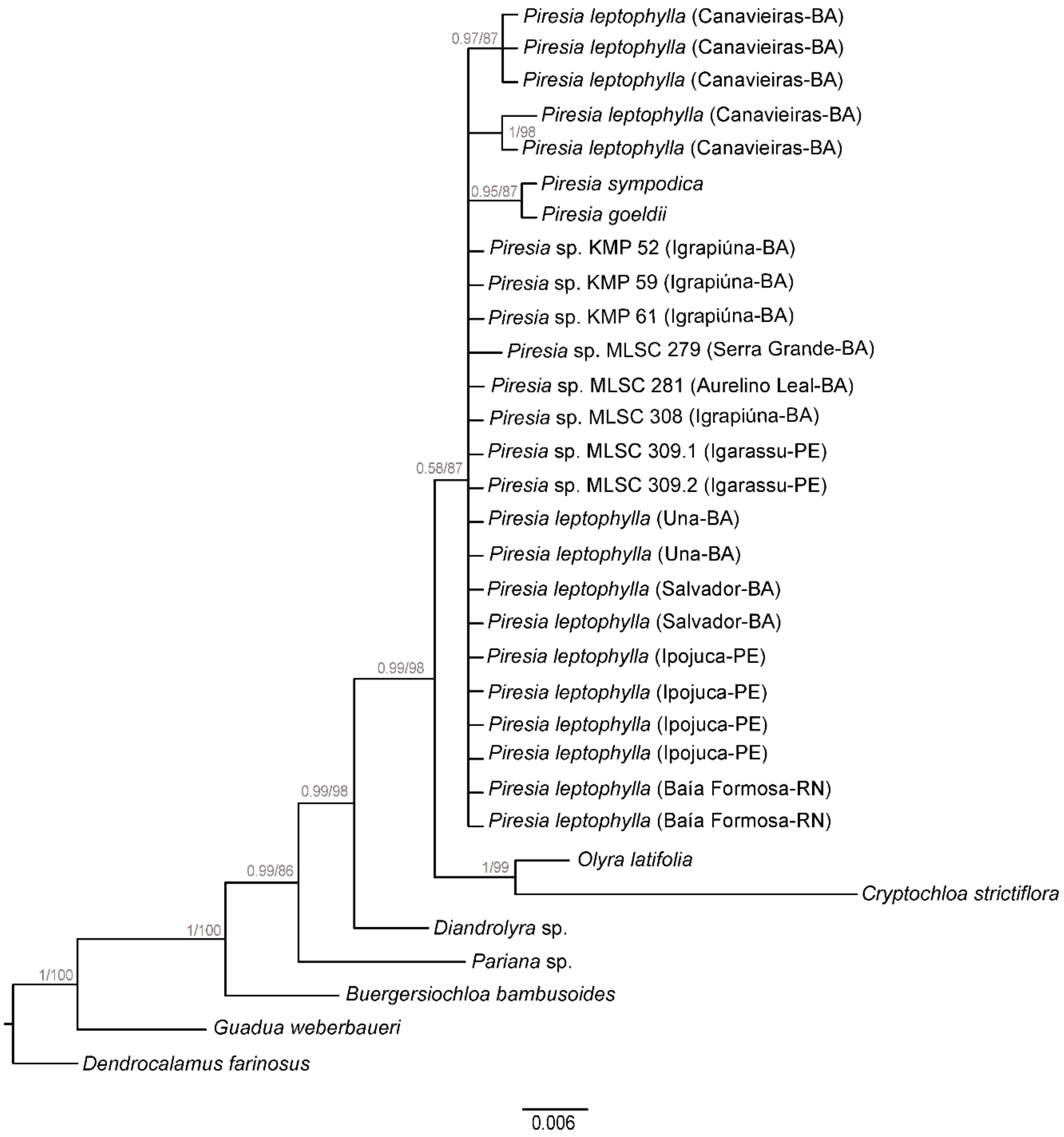


Figura S2. Topology obtained through Maximum Likelihood (ML) Bayesian Inference (BI) for the plastidial DNA intron *rpL16*. Values presented in each node the posterior probability of BI and the bootstrap values for ML, respectively separated by a slash (“/”).

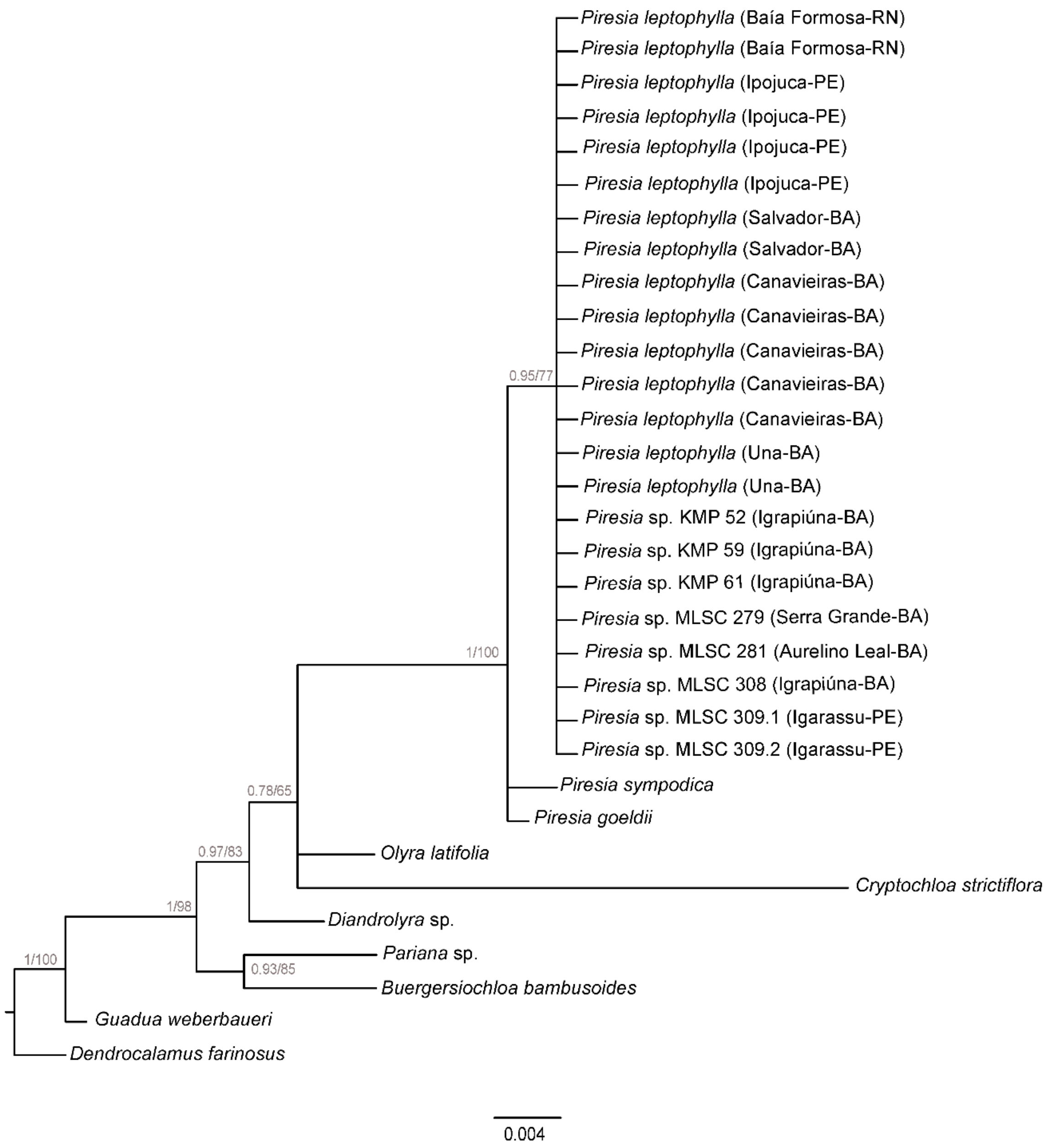


Figure S3. Topology obtained through Maximum Likelihood (ML) Bayesian Inference (BI) for the plastidial DNA spacer *trnD-trnT*. Values presented in each node the posterior probability of BI and the bootstrap values for ML, respectively separated by a slash (“/”).

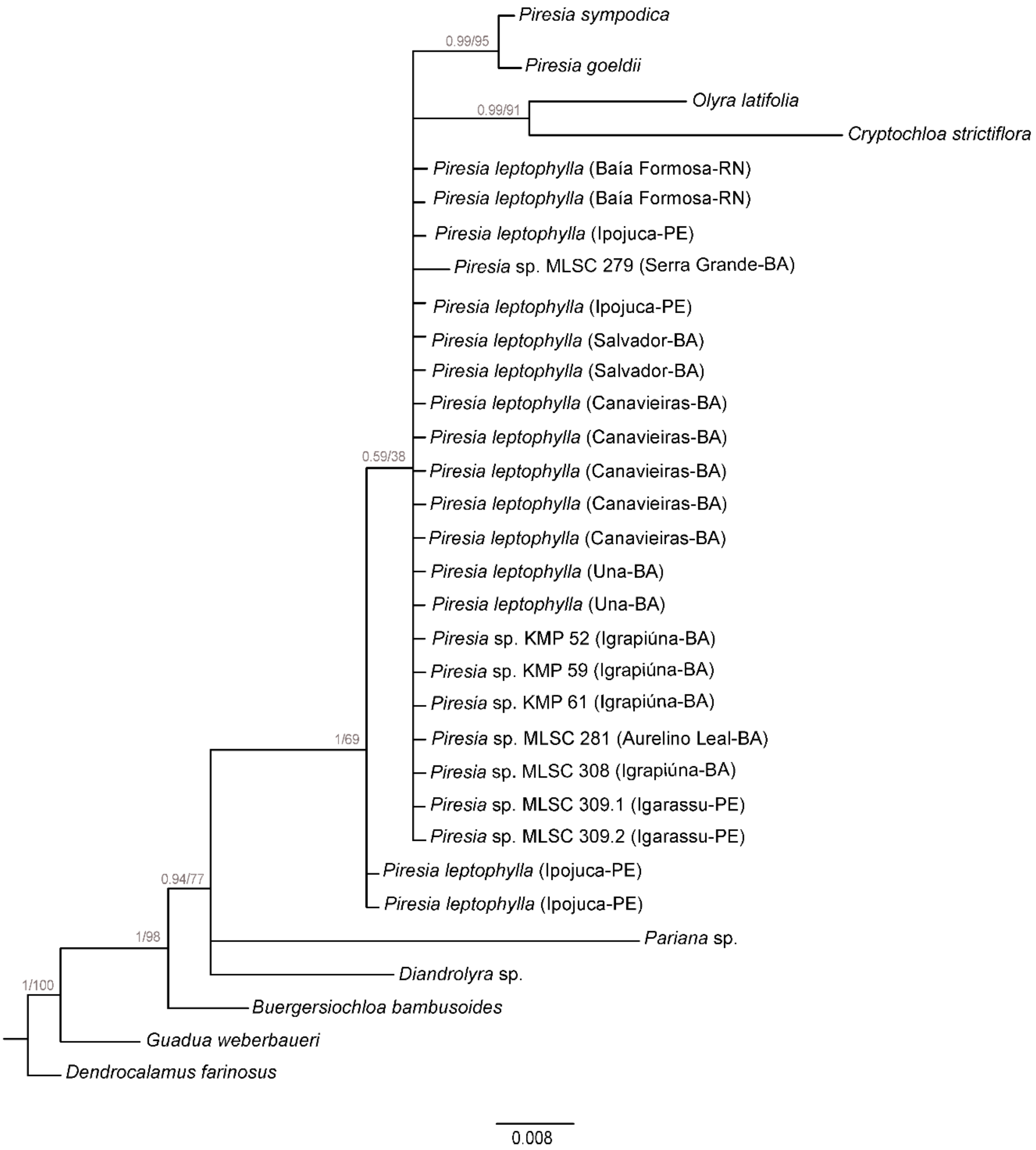


Figura S4. Topology obtained through Maximum Likelihood (ML) Bayesian Inference (BI) for the plastidial DNA spacer *trnL-trnF*. Values presented in each node the posterior probability of BI and the bootstrap values for ML, respectively separated by a slash ("/").

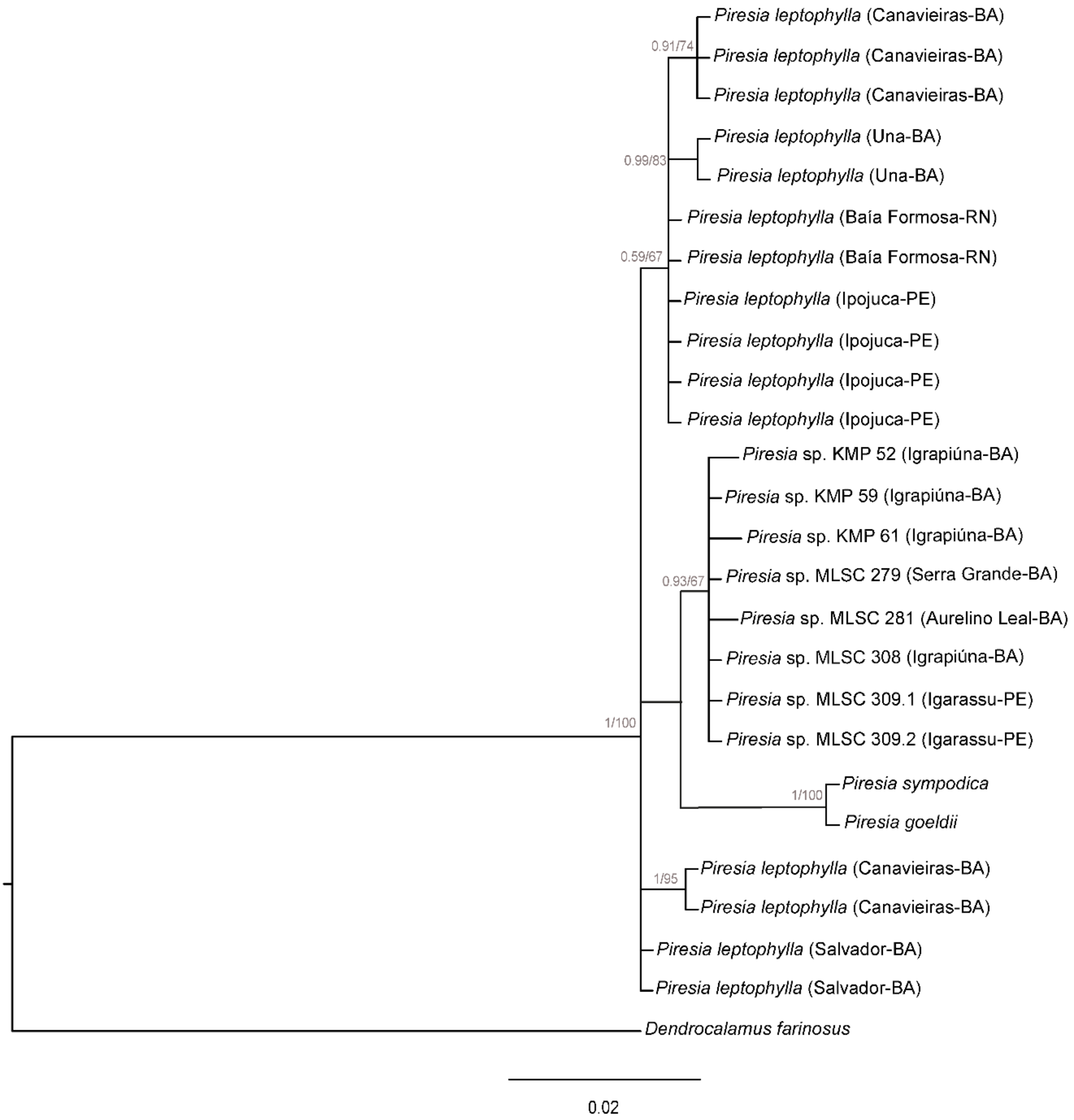
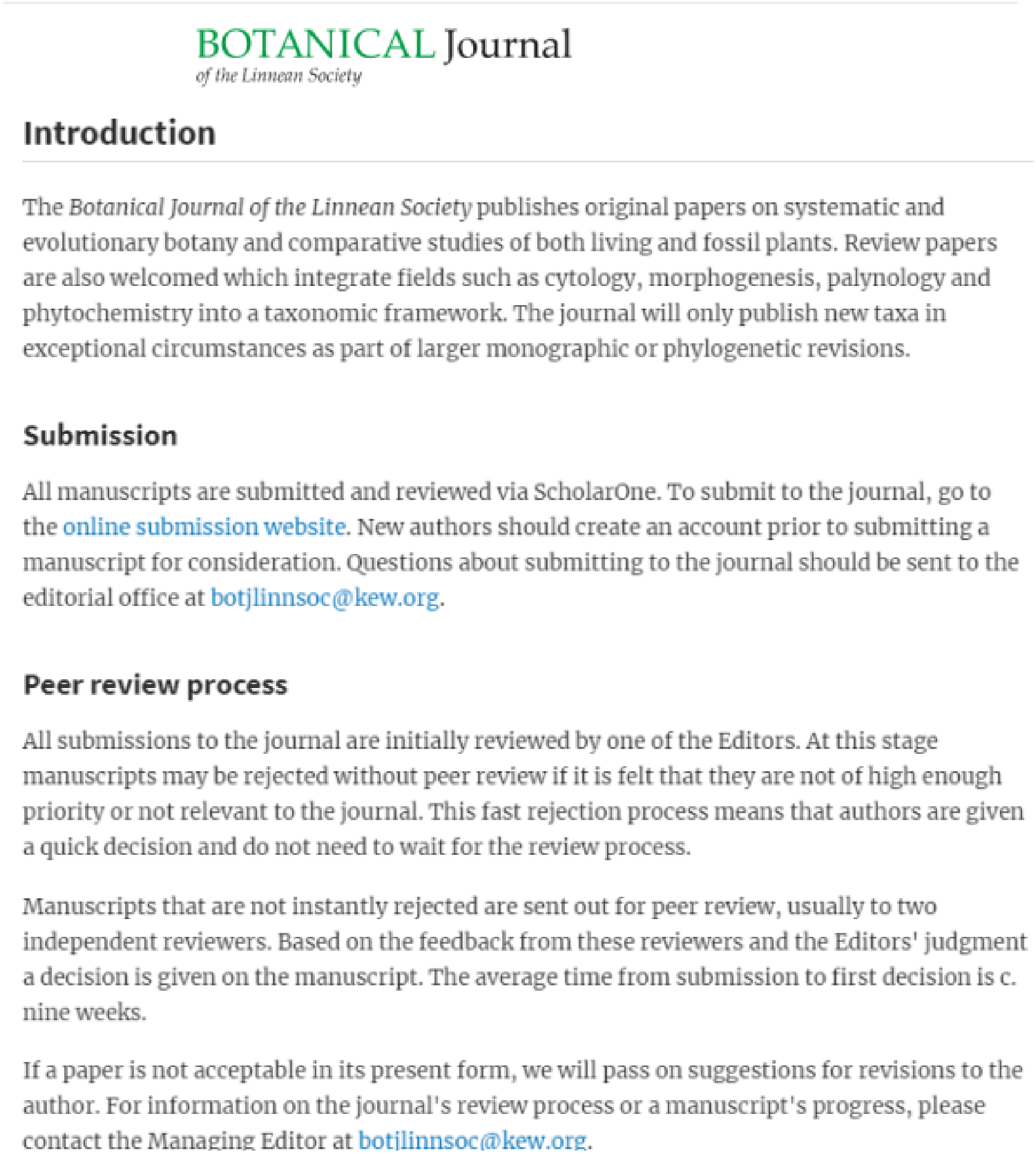


Figura S5. Topology obtained through Maximum Likelihood (ML) Bayesian Inference (BI) for the nuclear DNA gene *LEAFY*. Values presented in each node the posterior probability of BI and the bootstrap values for ML, respectively separated by a slash (“/”).

Anexos

Normas do periódico



BOTANICAL Journal
of the Linnean Society

Introduction

The *Botanical Journal of the Linnean Society* publishes original papers on systematic and evolutionary botany and comparative studies of both living and fossil plants. Review papers are also welcomed which integrate fields such as cytology, morphogenesis, palynology and phytochemistry into a taxonomic framework. The journal will only publish new taxa in exceptional circumstances as part of larger monographic or phylogenetic revisions.

Submission

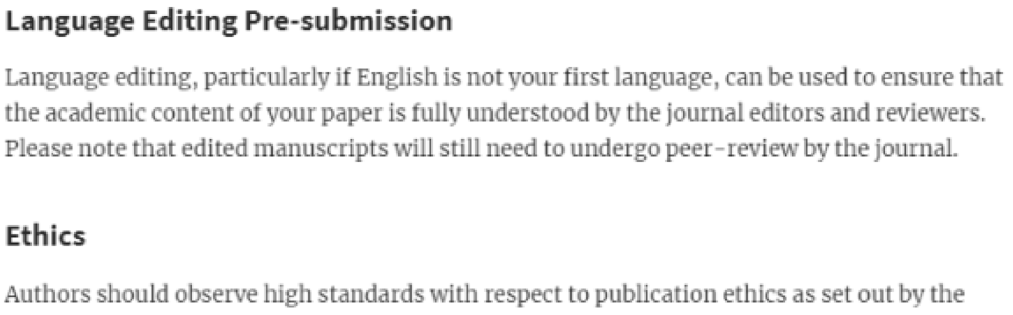
All manuscripts are submitted and reviewed via ScholarOne. To submit to the journal, go to the online submission website. New authors should create an account prior to submitting a manuscript for consideration. Questions about submitting to the journal should be sent to the editorial office at botjlinnsoc@kew.org.

Peer review process

All submissions to the journal are initially reviewed by one of the Editors. At this stage manuscripts may be rejected without peer review if it is felt that they are not of high enough priority or not relevant to the journal. This fast rejection process means that authors are given a quick decision and do not need to wait for the review process.

Manuscripts that are not instantly rejected are sent out for peer review, usually to two independent reviewers. Based on the feedback from these reviewers and the Editors' judgment a decision is given on the manuscript. The average time from submission to first decision is c. nine weeks.

If a paper is not acceptable in its present form, we will pass on suggestions for revisions to the author. For information on the journal's review process or a manuscript's progress, please contact the Managing Editor at botjlinnsoc@kew.org.

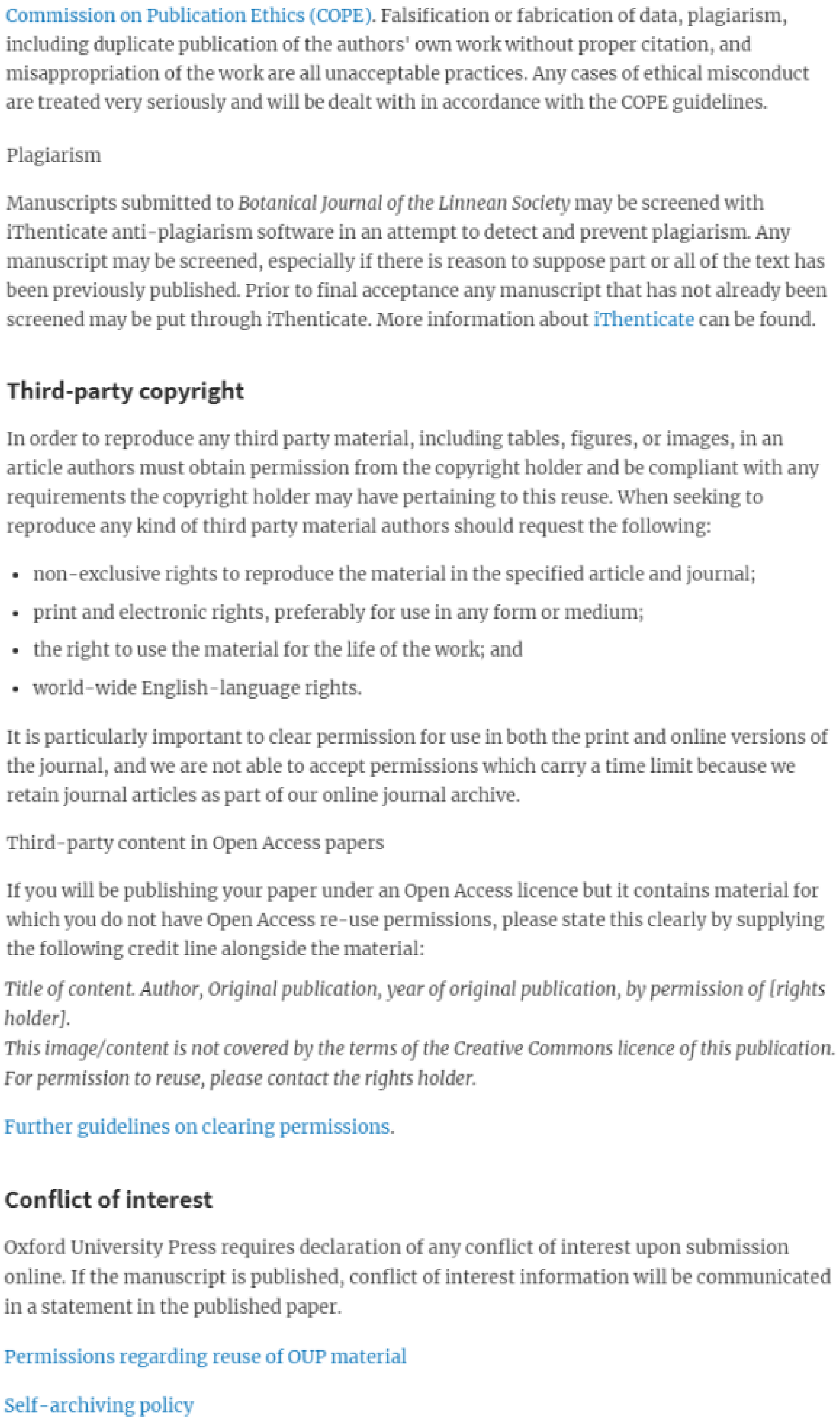


Language Editing Pre-submission

Language editing, particularly if English is not your first language, can be used to ensure that the academic content of your paper is fully understood by the journal editors and reviewers. Please note that edited manuscripts will still need to undergo peer-review by the journal.

Ethics

Authors should observe high standards with respect to publication ethics as set out by the



Commission on Publication Ethics (COPE). Falsification or fabrication of data, plagiarism, including duplicate publication of the authors' own work without proper citation, and misappropriation of the work are all unacceptable practices. Any cases of ethical misconduct are treated very seriously and will be dealt with in accordance with the COPE guidelines.

Plagiarism

Manuscripts submitted to *Botanical Journal of the Linnean Society* may be screened with iThenticate anti-plagiarism software in an attempt to detect and prevent plagiarism. Any manuscript may be screened, especially if there is reason to suppose part or all of the text has been previously published. Prior to final acceptance any manuscript that has not already been screened may be put through iThenticate. More information about iThenticate can be found.

Third-party copyright

In order to reproduce any third party material, including tables, figures, or images, in an article authors must obtain permission from the copyright holder and be compliant with any requirements the copyright holder may have pertaining to this reuse. When seeking to reproduce any kind of third party material authors should request the following:

- non-exclusive rights to reproduce the material in the specified article and journal;
- print and electronic rights, preferably for use in any form or medium;
- the right to use the material for the life of the work; and
- world-wide English-language rights.

It is particularly important to clear permission for use in both the print and online versions of the journal, and we are not able to accept permissions which carry a time limit because we retain journal articles as part of our online journal archive.

Third-party content in Open Access papers

If you will be publishing your paper under an Open Access licence but it contains material for which you do not have Open Access re-use permissions, please state this clearly by supplying the following credit line alongside the material:

Title of content. Author, Original publication, year of original publication, by permission of [rights holder].
This image/content is not covered by the terms of the Creative Commons licence of this publication. For permission to reuse, please contact the rights holder.

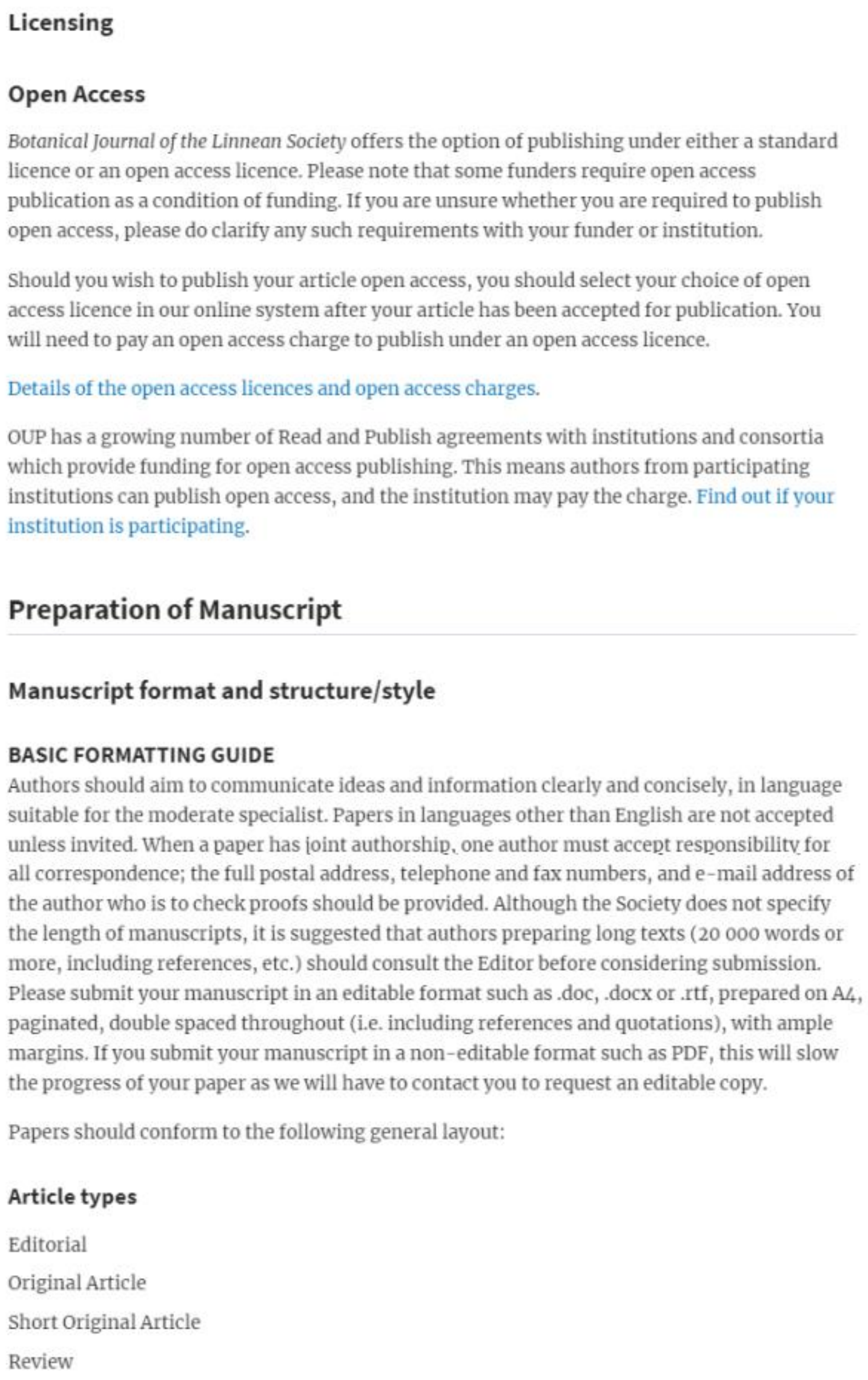
Further guidelines on clearing permissions.

Conflict of interest

Oxford University Press requires declaration of any conflict of interest upon submission online. If the manuscript is published, conflict of interest information will be communicated in a statement in the published paper.

Permissions regarding reuse of OUP material

Self-archiving policy



Licensing

Open Access

Botanical Journal of the Linnean Society offers the option of publishing under either a standard licence or an open access licence. Please note that some funders require open access publication as a condition of funding. If you are unsure whether you are required to publish open access, please do clarify any such requirements with your funder or institution.

Should you wish to publish your article open access, you should select your choice of open access licence in our online system after your article has been accepted for publication. You will need to pay an open access charge to publish under an open access licence.

Details of the open access licences and open access charges.

OUP has a growing number of Read and Publish agreements with institutions and consortia which provide funding for open access publishing. This means authors from participating institutions can publish open access, and the institution may pay the charge. Find out if your institution is participating.

Preparation of Manuscript

Manuscript format and structure/style

BASIC FORMATTING GUIDE

Authors should aim to communicate ideas and information clearly and concisely, in language suitable for the moderate specialist. Papers in languages other than English are not accepted unless invited. When a paper has joint authorship, one author must accept responsibility for all correspondence; the full postal address, telephone and fax numbers, and e-mail address of the author who is to check proofs should be provided. Although the Society does not specify the length of manuscripts, it is suggested that authors preparing long texts (20 000 words or more, including references, etc.) should consult the Editor before considering submission. Please submit your manuscript in an editable format such as .doc, .docx or .rtf, prepared on A4, paginated, double spaced throughout (i.e. including references and quotations), with ample margins. If you submit your manuscript in a non-editable format such as PDF, this will slow the progress of your paper as we will have to contact you to request an editable copy.

Papers should conform to the following general layout:

Article types

Editorial

Original Article

Short Original Article

Review

Invited Review

Comment

Title page

This should include title, authors, institutions and a short running title. The title should be concise but informative, and where appropriate should include mention of family or higher taxon in the form: 'Taxonomy of the oak, *Quercus* (Fagaceae)'. A subtitle may be included, but papers in numbered series are not accepted. Names of new taxa should not be given in titles.

Abstract

This must be on a separate page. The abstract is of great importance as it may be reproduced elsewhere, and is all that many may see of your work. It should be about 100–200 words long and should summarize the paper in a form that is intelligible in conjunction with the title. It should not include references. The abstract should be followed by up to ten keywords additional to those in the title (alphabetically arranged and separated by hyphens) identifying the subject matter for retrieval systems. Taxonomic authorities should not be included in the Abstract.

Subject matter

i. The paper should be divided into sections under short headings. Except in systematic hierarchies, the hierarchy of headings should not exceed three. Do not combine Results and Discussion – these should be two different sections. Herbarium vouchers provide a permanent record of the plant material studied. Vouchers should be deposited in a recognized herbarium, and numbers/information should be included in the table or list of material used. In the case of population-level studies, one voucher per population will normally be considered adequate. Authors submitting papers to the Botanical Journal should consult IPNI or *Authors of Plant Names* edited by R.K. Brummitt and C.E. Powell (Royal Botanic Gardens, Kew, 1992; ISBN 947-643-44-3). Names of genera and species should be printed in italic; suprageneric taxon names should be in roman. Cite the author of genera and lower taxa (subgenus, section, species etc.) on first mention in the main text. Manuscripts without author names will be returned. Authors of plant names should follow the abbreviations of Brummitt & Powell, 1992, paying particular attention to the spacing (most do not have spaces following the full stops). These standard abbreviations can be found online at IPNI

ii. Use SI units and the appropriate symbols (mm, not millimetre; µm, not micron; s, not sec; Myr for million years). Use the negative index (m^{-1}, l^{-1}, h^{-1}) except in cases such as 'per plant'). Avoid elaborate tables of original or derived data, long lists of species etc.; if such data are absolutely essential, consider including them as appendices or as online-only supporting information. Avoid footnotes and keep cross references by page to an absolute minimum.

iii. Families used follow APG IV (2016). See *Botanical Journal of the Linnean Society* 181: 1–20. Note particularly the use of Asteraceae (not Compositae) and Fabaceae (not Leguminosae). Names of suprageneric taxa (subtribe, tribe, subfamily, family, order etc.) are plural nouns and take plural verb forms e.g. “Allioideae are”, “Betulaceae comprise” etc.

iv. Use of ‘chloroplast' should be avoided when referring to plastid genome studies based on total genomic DNA extractions as other plastid types are involved. Use of ‘phylogeny' should be avoided when reporting the results of an analysis (there is only one true phylogeny). Use ‘phylogenetic analysis', ‘phylogenetic tree' or similar. If abbreviations are used, ‘species' should be abbreviated as ‘sp.' (singular) or ‘spp.' (plural) and ‘subspecies' should be abbreviated as ‘subsp.' (singular) or ‘subspp.' (plural). Higher taxonomic ranks (genus, subgenus, section etc.) should not be abbreviated. *Sensu stricto* and *sensu lato* should be abbreviated as *s.s.* and ,em>s.l. (in italics), respectively.

References

We recommend the use of a tool such as EndNote or Reference Manager for reference management and formatting.

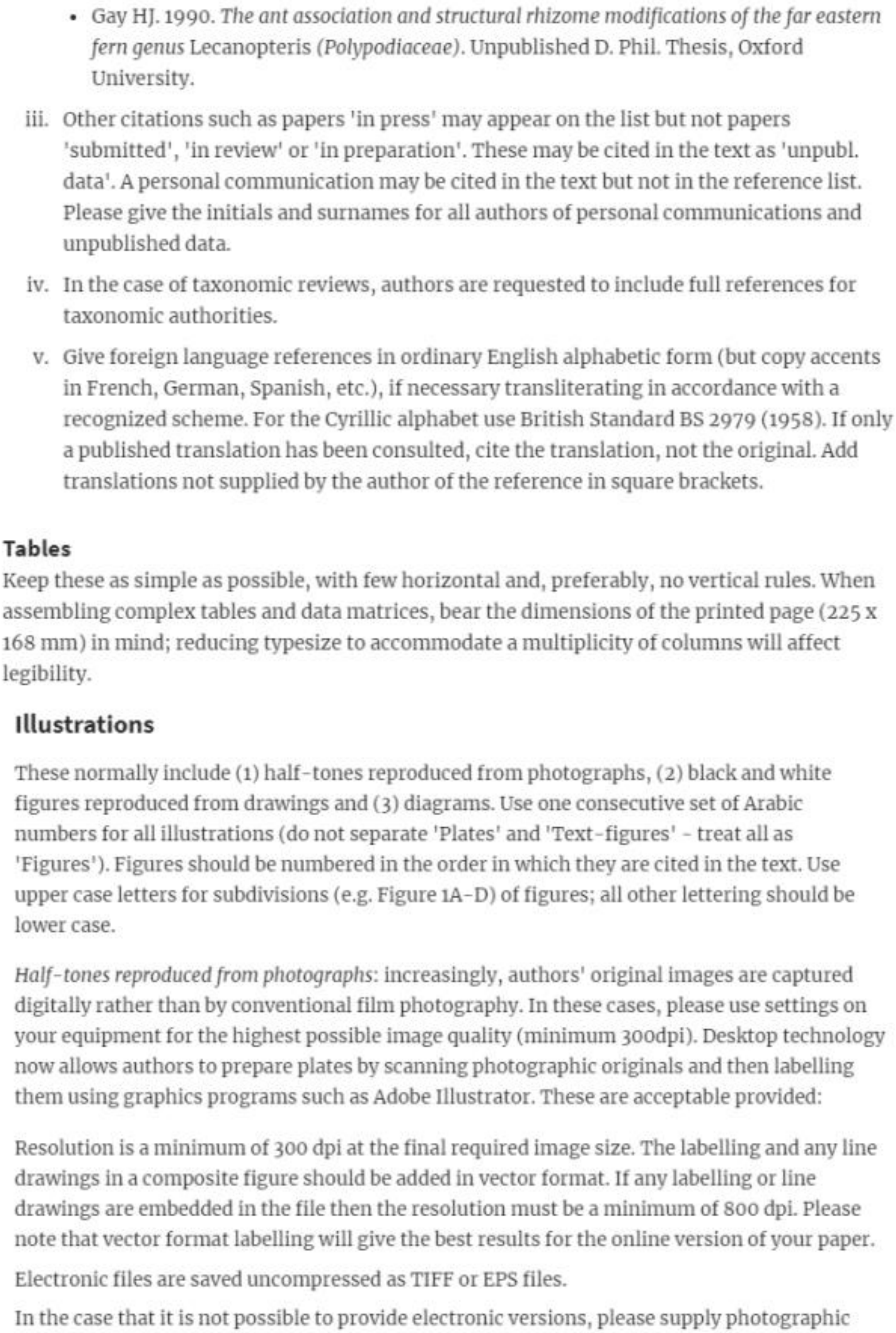
EndNote reference styles can be searched for on this page.

Reference Manager reference styles can be searched for on this page.

i. In the text, give references in the following forms: 'Stork (1988) said', 'Stork (1988: 331)' where it is desired to refer to a specific page, and '(Rapport, 1983)' where giving reference simply as authority for a statement. Note that names of joint authors are connected by '&' in the text. When papers are by three authors, use all names on the first mention and thereafter abbreviate to the first name *et al.* For papers by four or more authors, use ,em>et al. throughout.

ii. The list of references must include all publications cited in the text and only these. Prior to submission, make certain that all references in the text agree with those in the references section, and that spelling is consistent throughout. In the list of references, titles of periodicals must be given in full, not abbreviated. For books, give the title, place of publication, name of publisher (if after 1930), and indication of edition if not the first. In papers with half-tones, plate or figure citations are required only if they fall outside the pagination of the reference cited. References should conform as exactly as possible to one of these four styles, according to the type of publication cited.

- Burr FA, Evert RF. 1982. A cytochemical study of the wound-healing proteins in *Bryopsis hypnoides. Cytobios* 6: 199-215.
- Gould SJ. 1989. *Wonderful life: the Burgess Shale and the nature of history*. New York: W.W. Norton.
- Dow MM, Cheverud JM, Rhoads J, Friedlaender J. 1987b. Statistical comparison of biological and cultural/history variation. In: Friedlaender J, Howells WW, Rhoads J, eds. *Solomon Islands project: health, human biology, and cultural change*. New York: Oxford University Press, 265-281.



- Gay HJ. 1990. *The ant association and structural rhizome modifications of the far eastern fern genus* Lecanopteris *(Polypodiaceae)*. Unpublished D. Phil. Thesis, Oxford University.

iii. Other citations such as papers 'in press' may appear on the list but not papers 'submitted', 'in review' or 'in preparation'. These may be cited in the text as 'unpubl. data'. A personal communication may be cited in the text but not in the reference list. Please give the initials and surnames for all authors of personal communications and unpublished data.

iv. In the case of taxonomic reviews, authors are requested to include full references for taxonomic authorities.

v. Give foreign language references in ordinary English alphabetic form (but copy accents in French, German, Spanish, etc.), if necessary transliterating in accordance with a recognized scheme. For the Cyrillic alphabet use British Standard BS 2979 (1958). If only a published translation has been consulted, cite the translation, not the original. Add translations not supplied by the author of the reference in square brackets.

Tables

Keep these as simple as possible, with few horizontal and, preferably, no vertical rules. When assembling complex tables and data matrices, bear the dimensions of the printed page (225 x 168 mm) in mind; reducing typesize to accommodate a multiplicity of columns will affect legibility.

Illustrations

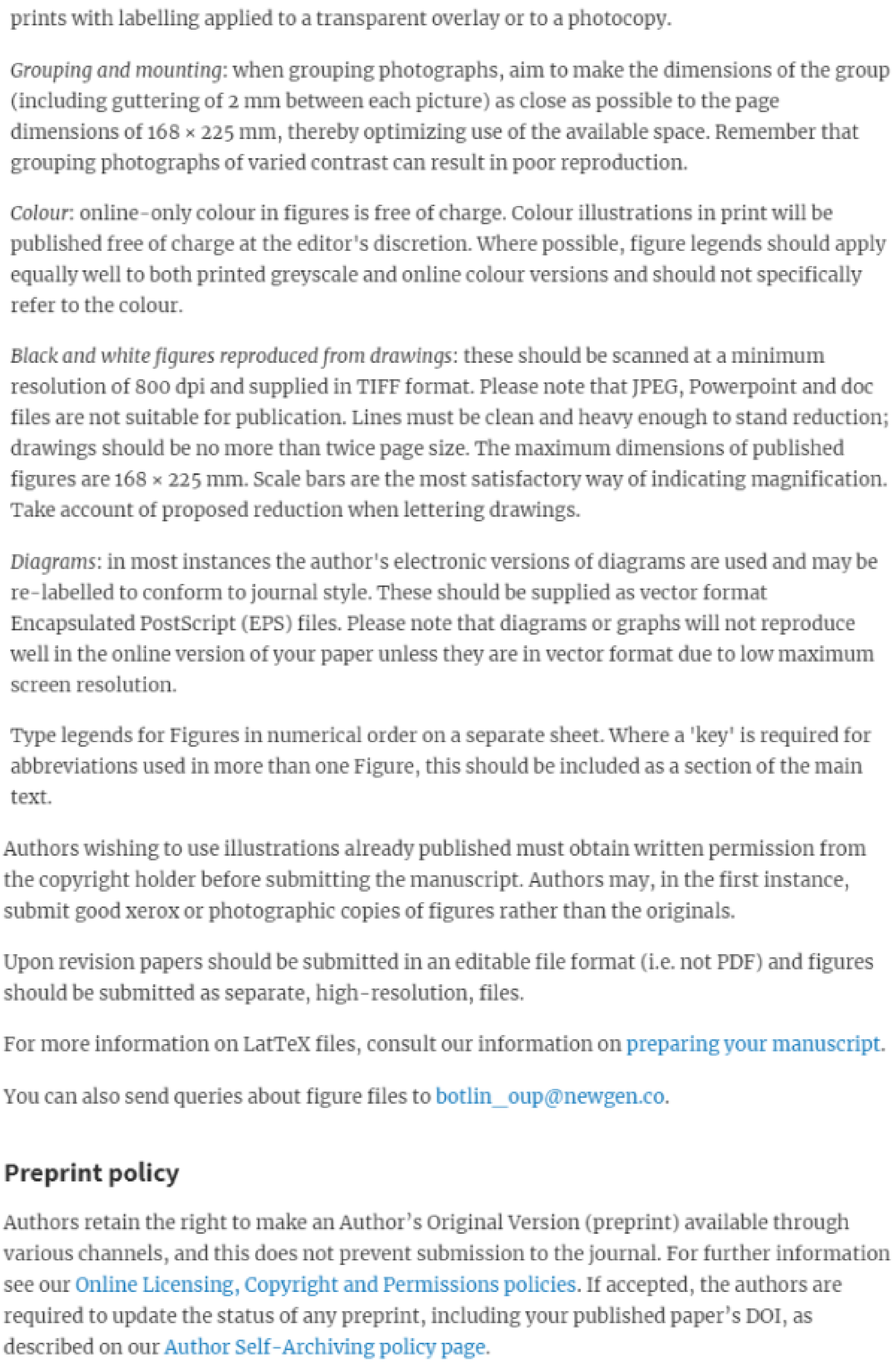
These normally include (1) half-tones reproduced from photographs, (2) black and white figures reproduced from drawings and (3) diagrams. Use one consecutive set of Arabic numbers for all illustrations (do not separate 'Plates' and 'Text-figures' - treat all as 'Figures'). Figures should be numbered in the order in which they are cited in the text. Use upper case letters for subdivisions (e.g. Figure 1A-D) of figures; all other lettering should be lower case.

Half-tones reproduced from photographs: increasingly, authors' original images are captured digitally rather than by conventional film photography. In these cases, please use settings on your equipment for the highest possible image quality (minimum 300dpi). Desktop technology now allows authors to prepare plates by scanning photographic originals and then labelling them using graphics programs such as Adobe Illustrator. These are acceptable provided:

Resolution is a minimum of 300 dpi at the final required image size. The labelling and any line drawings in a composite figure should be added in vector format. If any labelling or line drawings are embedded in the file then the resolution must be a minimum of 800 dpi. Please note that vector format labelling will give the best results for the online version of your paper.

Electronic files are saved uncompressed as TIFF or EPS files.

In the case that it is not possible to provide electronic versions, please supply photographic



prints with labelling applied to a transparent overlay or to a photocopy.

Grouping and mounting: when grouping photographs, aim to make the dimensions of the group (including guttering of 2 mm between each picture) as close as possible to the page dimensions of 168 × 225 mm, thereby optimizing use of the available space. Remember that grouping photographs of varied contrast can result in poor reproduction.

Colour: online-only colour in figures is free of charge. Colour illustrations in print will be published free of charge at the editor's discretion. Where possible, figure legends should apply equally well to both printed greyscale and online colour versions and should not specifically refer to the colour.

Black and white figures reproduced from drawings: these should be scanned at a minimum resolution of 800 dpi and supplied in TIFF format. Please note that JPEG, Powerpoint and doc files are not suitable for publication. Lines must be clean and heavy enough to stand reduction; drawings should be no more than twice page size. The maximum dimensions of published figures are 168 × 225 mm. Scale bars are the most satisfactory way of indicating magnification. Take account of proposed reduction when lettering drawings.

Diagrams: in most instances the author's electronic versions of diagrams are used and may be re-labelled to conform to journal style. These should be supplied as vector format Encapsulated PostScript (EPS) files. Please note that diagrams or graphs will not reproduce well in the online version of your paper unless they are in vector format due to low maximum screen resolution.

Type legends for Figures in numerical order on a separate sheet. Where a 'key' is required for abbreviations used in more than one Figure, this should be included as a section of the main text.

Authors wishing to use illustrations already published must obtain written permission from the copyright holder before submitting the manuscript. Authors may, in the first instance, submit good xerox or photographic copies of figures rather than the originals.

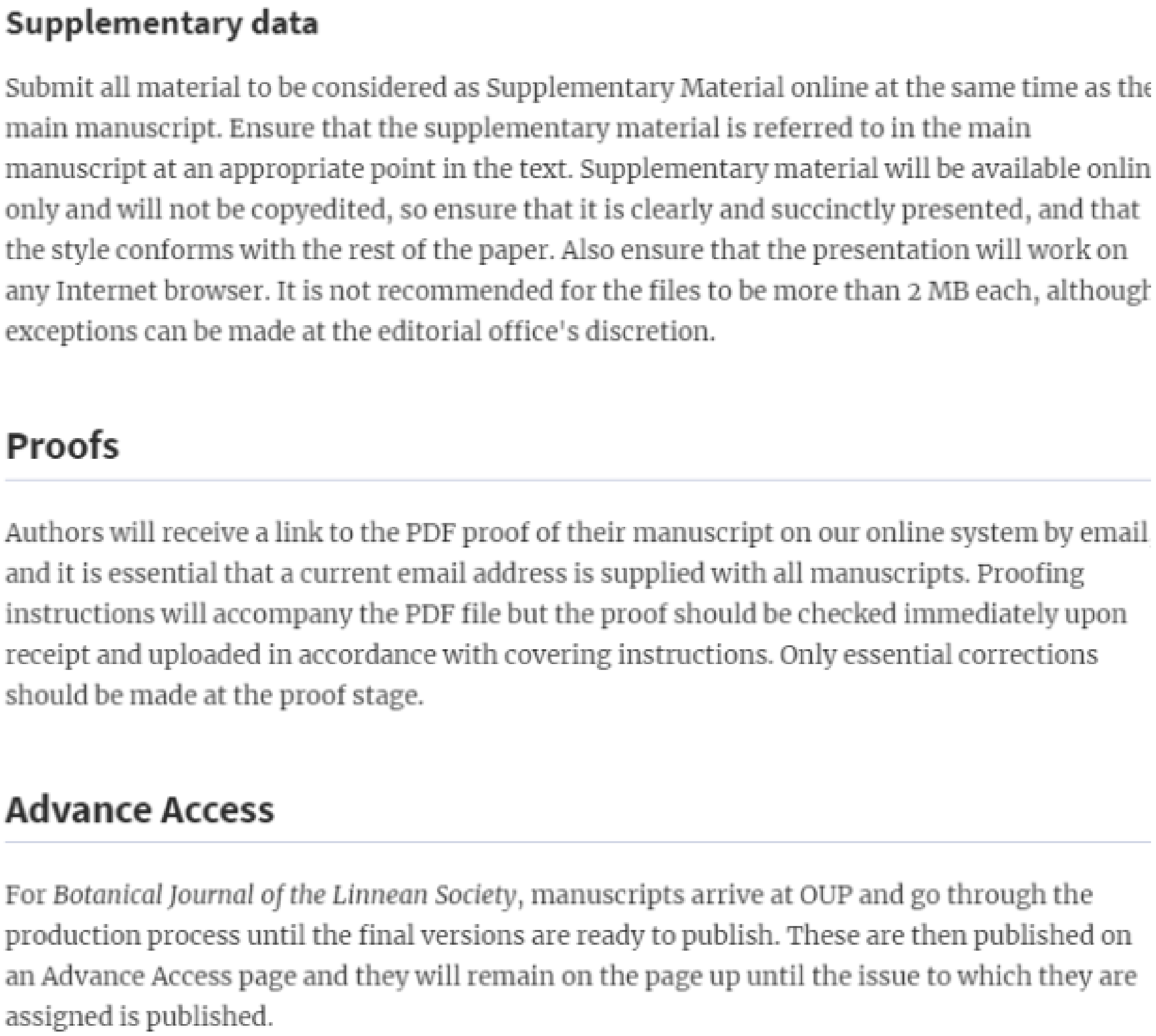
Upon revision papers should be submitted in an editable file format (i.e. not PDF) and figures should be submitted as separate, high-resolution, files.

For more information on LatTeX files, consult our information on preparing your manuscript.

You can also send queries about figure files to botlin_oup@newgen.co.

Preprint policy

Authors retain the right to make an Author’s Original Version (preprint) available through various channels, and this does not prevent submission to the journal. For further information see our Online Licensing, Copyright and Permissions policies. If accepted, the authors are required to update the status of any preprint, including your published paper’s DOI, as described on our Author Self-Archiving policy page.



Supplementary data

Submit all material to be considered as Supplementary Material online at the same time as the main manuscript. Ensure that the supplementary material is referred to in the main manuscript at an appropriate point in the text. Supplementary material will be available onlin only and will not be copyedited, so ensure that it is clearly and succinctly presented, and that the style conforms with the rest of the paper. Also ensure that the presentation will work on any Internet browser. It is not recommended for the files to be more than 2 MB each, althoug exceptions can be made at the editorial office's discretion.

Proofs

Authors will receive a link to the PDF proof of their manuscript on our online system by email and it is essential that a current email address is supplied with all manuscripts. Proofing instructions will accompany the PDF file but the proof should be checked immediately upon receipt and uploaded in accordance with covering instructions. Only essential corrections should be made at the proof stage.

Advance Access

For *Botanical Journal of the Linnean Society*, manuscripts arrive at OUP and go through the production process until the final versions are ready to publish. These are then published on an Advance Access page and they will remain on the page up until the issue to which they are assigned is published.